

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

05 de Outubro

Faz hoje quarenta e nove anos que soaram no Tejo os primeiros tiros anunciadores da revolução que proclamou a Republica. Esse acontecimento, de projecção histórica e significado nacional, foi o epílogo de uma campanha de propaganda e doutrinação que identificou com a vontade nacional as aspirações dos apóstolos do ideal republicano, dos seus caudilhos e dos seus defensores. Estes recrutaram-se entre a elite da Nação e as suas camadas mais humildes, nobres e viris. Nunca como nesse passo da nossa História, o povo se identificou com as figuras mais representativas, dignas e ilustres que, pela inteligência e pelo comportamento cívico, tenham conquistado o respeito e a consideração gerais.

Entre o centenário de Camões, em 1880, primeira e inesquecível manifestação de ressurgimento popular, e o movimento revolucionário de 1910, que pôs termo à sua carreira, a Monarquia incompatibilizou-se com a Nação e aguardava apenas a sua remoção. A decomposição dos partidos dinásticos, a corrupção financeira, posta em relevo por episódios escandalosos e a crescente democratização do País, apressaram essa remoção depois de a tornarem inevitável. Quando, na madrugada de 3 para 4 de Outubro de 1910, se soube que, na Rotunda e no Tejo, militares e civis confraternizavam aos vivas à Re-

Células animais

reduzidas a pó
voltaram a viver

NOVA YORK, 2. — Um cientista americano conseguiu restituir a vida a células animais e humanas que havia congelado, desidratado e conservado em pó durante um ano.

Esta experiência, de considerável alcance, foi revelada ontem na Academia das Ciências americana pelo dr. Harold T. Meryman, do Instituto de Pesquisas Médicas da Marinha, em Bethesda, no Maryland.

O dr. Meryman explicou que havia congelado glóbulos vermelhos do sangue de ratos e de seres humanos, desidratando-os a seguir e reduzindo-os a pó, para os conservar. Um ano mais tarde, depois de liquefazer o pó, verificou que os glóbulos continuavam vivos e não tinham envelhecido.

Noutra série de experiências, esperma



Fernandel parece caricaturar «O Velho e o Mar», de Hemingway. Na verdade vemo-lo de barco, com um rapaz e um peixe, este ligeiramente menos impressionante que o do livro do escritor norte-americano. Fernandel não é, como se vê, um grande pescador.

A conferência ao mais alto nível poderá efectuar-se em Janeiro depois da reunião do Conselho da N.A.T.O.

WASHINGTON, 2. — A conferência ao «mais alto nível» durante a qual recomeçarão as negociações acerca de Berlim, poderia efectuar-se em Janeiro, pouco depois da reunião de Paris, em Dezembro, do Conselho da N. A. T. O. — tal é a conclusão que parece tirar-se das conversações entre os Estados Unidos e a Itália realizadas nesta capital.

O presidente do Conselho italiano, António Segni, e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Giuseppe Pella, depois de se avistarem com o presidente Eisenhower, na Casa Branca, tiveram ontem e anteontem prolongadas conferências com o secretário de Estado, Christian Herter. Estas permitiram uma

troca de pontos de vista muito por menorizada acerca da visita de Kruchchev aos Estados Unidos.

A crer em informações de boa fonte, o mês de Janeiro parece ser a época mais favorável aos Americanos para uma conferência de chefes de Governo. Nenhuma decisão definitiva foi, no entanto, tomada. O Governo americano encetou negociações pela via diplomática com os seus aliados ocidentais, não havendo tão-pouco qualquer decisão quanto à eventualidade de uma reunião de ministros de Negócios Estrangeiros antes da conferência de chefes de Governo.

Sabe-se também ter o presidente do Conselho italiano informado os Americanos de que a Itália, membro do «comité» dos «dez» que deve reunir-se em Genebra, no próximo mês de Janeiro, pode fazer sugestões interessantes acerca das quais se guarda, por agora, grande reserva.

No domínio do auxílio aos países subdesenvolvidos, os homens de Es-

(Continua na última página)

A Imprensa egípcia acusa o Governo de Pequim de agressões e de ingerências

CAIRO, 3. — «O Cairo tomará decisões energéticas se Pequim não revidar a sua atitude», «A embaixada da R. A. U. cercada em Pequim», «A agressão chinesa» — são títulos como estes que os jornais do Cairo comentam a situação.

«Pequim deve compreender que a R. A. U. nunca hesitou em tomar decisões severas mesmo contra as grandes potências», escreve o «Al Ahram», enquanto que o «Al Gumburyia» afirma: «Nestes dois últimos anos, a China comunista tornou-se culpada de muitas agressões e ingerências nos negócios internos de terceiros. Os povos da África e da Ásia esperavam que a China, seria um elemento de paz e de apoio para as nações que lutam pela sua independência. A presente atitude deste país far-lhe-á perder o seu crédito e acarretar-lhe-á muita animosidade». — (F. P.).

O encarregado de Negócios da R. A. U. vai regressar ao Cairo

PEQUIM, 3. — O encarregado de Negócios da R. A. U., Keyhani, vai

regressar ao Cairo, via Moscovo, em 6 deste mês, «para consultas» — ao que indicam de fonte segura.

(Continua na última página)

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

nas quais se incluem

TRES SUPLEMENTOS:

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Fatal render-da-guarda...

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A vizinhança da menopausa preocupa quase todas as mulheres, tanto as que se dedicam a trabalhos domésticos como as que têm de ganhar a vida, actuar por prazer ou por debilidade económica.

Não é novo afirmar que mudaram as razões e também as condições da existência. Modificaram-se em todos os sentidos. A média de vida,

há pouco mais de um século, era de trinta e nove anos; em 1904, quando Paris inaugurou a grande exposição internacional e abriu as portas do Trocadero, era de 46; hoje, mercê das novas descobertas científicas, atinge os sessenta e oito. Durante décadas assentou-se que o apogeu da mulher findava aos trin-

(Continua na 13.ª página)

Nota do dia

AUSENTISMO

A palavra é nova, mas o fenómeno que ela traduz é já muito antigo e está na base do problema gravíssimo do analfabetismo, que se tem procurado combater por todos os processos entre nós. No seu discurso de Farnalhão, em que expôs ideias novas e conceitos originais acerca de uma futura reforma do ensino que correspondia à evolução social que está a processar-se em todo o Mundo, o sr. ministro da Educação Nacional acentuou que, seja qual for a natureza dessa reforma ou estrutura (de que se absteve de enunciar as linhas gerais), ela «dem de partir da nossa realidade de hoje: todas as crianças do continente e ilhas frequentam a escola primária de quatro classes». E acrescentou: «Em vez de declarar que esta realidade é bem modesta, afirmo que é necessário que ela perdure e que, para isso, se devem aplicar com todo o rigor as providências legais contra o restabelecimento do ausentismo». Mercê de circunstâncias diversas, algumas delas aleatórias, conseguiu-se, com efeito, nos últimos anos uma taxa escolar de tal modo elevada, que seria desanimador vê-la diminuir sem uma razão aceitável. Por isso, todos os meios serão bons para persuadir os pais e os tutores das crianças em idade escolar a que obriquem os seus filhos e os seus pupilos a frequentar a escola com a mesma assiduidade que estava, felizmente, a verificar-se nos últimos tempos. A concluir o seu pensamento, o sr. prof. Leite Pinto afirmou: «As juntas de freguesia e as demais autoridades têm de estar atentas, por forma que não se permita no ano que entra que nem uma só criança portuguesa em idade escolar ande arredia da escola. Sem essa patriótica colaboração, sem a vigilância e a diligência de todos os Portugueses podemos perder a situação que alcançamos penosamente». Assegurar a instrução primária de quatro classes a todas as crian-

ças portuguesas, confessou o ministro, é hoje a preocupação dominante do Ministério da Educação Nacional. Se todos nós contribuirmos, cada qual na medida das suas possibilidades, para que esse objectivo se alcance, teremos cumprido um dever e prestado um serviço inestimável ao País.



Um quadro cheio de ternura no Mercado da Ribeira: a Maria Julia e o Luís Manuel dão ao seu burrito humilde a ração fornecida pela União Zoológica (Ler notícia na página central)

Visado pela
Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

LIÇÃO DO ULTRAMAR

MEDIDA de profundo significado e largo alcance é a determinação, ontem anunciada pelo ministro do Exército na Academia Militar, de enviar doravante para o Ultramar, escrupulosamente, como a lei o determina, os jovens oficiais de carreira das diversas armas, após a conclusão dos seus estudos. O sr. coronel Almeida Fernandes acentuou a importância da colaboração desses futuros chefes militares na obra imensa em curso nos nossos territórios ultramarinos e incitou os moços oficiais já prestes a partirem (95 ao todo, distribuídos por dois turnos) a serem «energicamente» termo a quaisquer tentativas de luta interna ou de subversão, por parte dos inimigos da Pátria e da Civilização. Tal é efectivamente o papel de um soldado — defender a sua pátria —, mas é óbvio que do contacto pacífico com as populações autóctones, da compreensão profunda dos problemas e aspirações resultarão — ou poderão resultar — os maiores benefícios desta iniciativa, na medida em que uns e outros mais se humanizem e melhor se entendam, como filhos da mesma Pátria e barqueiros do mesmo futuro.

FEIXE DE NOTÍCIAS

A evolução dos métodos de trabalho e da organização, a partir dos meios materiais ao seu dispor — estão na ordem do dia do Ministério das Comunicações, como sublinhou o sr. eng. Carlos Ribeiro, ao dar ontem posse aos srs. engs. João Carlos Alves e Pedro Arsénio Nunes, respectivamente presidente do conselho de administração e director-geral do porto de Lisboa. Referiu-se o primeiro destes novos funcionários, no seu discurso de agradecimento, à necessidade premente em que o porto se encontra de actualizar algumas das suas fontes de receita para enfrentar o futuro e melhorar as condições naturais dos seus fundos marginais e navegáveis, os cais, armazéns, arruamentos e especialmente os seus equipamentos terrestre e marítimo.

* Vindimas, pampas ruivos, roxo dos mostos e dos poentes longos como a melancolia... A pobre da Adelaide desmorecera, macerada, triste, suores de gelo e desalento. Foi a mãe, a sr.ª Maria Augusta Feitoria substituí-la no trabalho de cortar os cachos turgidos da vinha. A tardinha, quando voltava a casa ao sol posto, a Adelaide, doce e silenciosamente, morrera. Só o vento do Outono gemia, tecendo os lamentos da casa pobre e desventurada.

* Quantas e quantas vezes não temos aqui chamado a atenção para o perigo das passagens de nível, para a necessidade de uma sinalização eficaz! Mais uma vez, porém, um absurdo e pavoroso desastre se deu numa passagem de nível sem guarda, em Marinha de Silvalde, onde a automotora vinda de Viseu colheu e arrastou por uns cinquenta metros um automóvel, cujos dois ocupantes — o comerciante Jaime de Oleyzabal, espanhol, e o industrial português Manuel Lobo Nunes de Matos — ficaram gravemente feridos. A automotora acabou por des-carilar, mas os seus passageiros tiveram a sorte de nada sofrer.

JORNAL PEQUENO

O sr. presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio de Belém, o sr. almirante Quintanilha e Mendonça Dias, ministro da Marinha. Estiveram também ali, a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe de Estado, os srs. dr. Diogo de Castelbranco Paiva Brandão e Manuel Cardoso. * Com o sr. presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros da Presidência e da Marinha. * Nas cercanias de Vale do Peso, morreu debaixo do tractor que conduzia, devido a uma manobra imprudente, o sr. Mateus António Gaio, de 52 anos, casado, que não possuía carta de condução. * O proprietário sr. Manuel José Gonçalves, de 74 anos, casado, foi atingido mortalmente pela carga de uma arma caçadeira, que se disparou, por acidente, nas mãos do sr. Abílio de Sousa.

Navio de guerra alemão no Tejo

Continua fundeado no Tejo, de onde larga segunda-feira à noite, o contratorpedeiro da Marinha de Guerra alemã «Z 2», do comando do capitão-de-fragata Kuhnke.

Ontem, à noite, grande parte da tripulação daquele navio assistiu à corrida de touros no Campo Pequeno.

Hoje, o adido militar, naval e aeronáutico alemão, tenente-coronel do Estado-Maior das Forças Aéreas, Peter von Lillinskiöld, ofereceu no Estoril um almoço ao comandante e oficiais daquele navio de guerra, tendo assistido também, como convidados, os srs. encarregado de Negócios da Alemanha, o adido naval dos Estados Unidos da América, os capitães-de-mar-e-guerra Valente de Araújo e Morgado Belo e mais seis oficiais da nossa Marinha de Guerra.

Por sua vez, um grupo de quarenta sargentos e praças do «Z 2» realizou um passeio pelo triângulo turístico Lisboa-Sintra-Estoril. Amanhã, de manhã, os tripulantes católicos assistirão a um serviço católico e terão o dia livre.

Partiram de Setúbal

os contratorpedeiros ingleses. Fizeram-se hoje ao mar os dois contratorpedeiros ingleses que há dias se encontravam fundeados em Setúbal em visita operacional.

Vendiam vinho do Porto por conta própria...

A Polícia Judiciária concluiu e remeteu a tribunal um processo em que são arguidos Luís Alfredo da Silva e José Cesaltino dos Santos.

O primeiro furtara várias caixas de garrafas de «Vinhos do Porto» e outros artigos dos armazéns da firma onde trabalhava; e o segundo promovia a venda dos mesmos artigos, cujo produto era dividido por ambos.

Os «sócios» haviam combinado previamente os «estatutos» da sua «organização». Assim, o Luís carregava na furgoneta, pertencente à firma lesada, mercadoria, que não constava das guias de remessa da distribuição a que procedia, a qual depositava numa casa comercial. Mais tarde essa mercadoria era por ele levantada e entregue ao Cesaltino, para este continuar com a operação da venda, que, aliás, era fácil, uma vez que foi quase tudo vendido ao mesmo cliente.

A CIDADE

Caso do dia

É um comissário de venda de frutas, baixo, atarracado, de bigode farto, que gosta de jogar a sua bisca. Outro dia, encontrava-se numa taberna com um amigo, nesse seu divertimento, mas o jogo não lhe corria de feição, pois estava a perder.

Aproximou-se então um amigo do seu parceiro, que disse:

— Tu és um grande jogador! Estás a ganhar e bem!

Esta intromissão não agradou ao comissário, que exclamou por sua vez, bastante arreliado:

— O que têm estes dependuras que estão a intrometer-se no jogo. Andam aqui sempre a pedir ci- garros...

— Cala a boca urso! — respondeu o amigo do parceiro.

O interpelante era, nem mais nem menos, que um guarda que trajava a paisana, que não estava no exercício das suas funções, mas que se identificou nessa altura. Levantando a banda da gola do casaco para mostrar o crachá,

deu voz de prisão ao comissário de venda, que, no dia seguinte, foi presente no Tribunal de Polícia, sob a acusação de ter chamado «dependuras» ao guarda. Interrogado, o arguido declarou ignorar que se tratava dum guarda. O captor afirmou, por sua vez, que estava disposto a mandá-lo embora, mas como ele durante o caminho para a esquadra lhe não tivesse pedido desculpa, como ele esperava, manteve a prisão.

Ouvidas as testemunhas, e depois de várias instâncias do delegado do procurador da República, o réu foi absolvido pelo magistrado, que, assim, reconheceu, serenamente, a insignificância do caso.

Pela Polícia

ROUBO DE UMA BICICLETA MOTORIZADA — A 6.ª Secção da Polícia Judiciária pediu a todas as autoridades do País a apreensão e detenção do condutor da bicicleta motorizada da marca «Cuciolo Ducata», com o motor n.º 115.908, pintada de encarnado e que tem a chapa de matrícula n.º 7.950, da Camara Municipal de Oeiras, que foi furtada no dia 4 de Setembro, da Praça D. Pedro Quarto, em Lisboa, onde estava estacionada.

Alguma informação de interesse para a sua localização deverá ser fornecida ao agente Rosa, da mesma secção.

Vedação de trânsito

Com o fim de se proceder à substituição do coletor de cascos por manilhas de cimento, vai ser vedado ao trânsito de veículos, a partir de terça-feira, e durante cerca de vinte dias, o Corredor da Torrinhã.

Visita de estudo

ao Teatro de S. Carlos

Na segunda-feira, às 10 horas, a Associação dos Antigos Alunos da Escola Comercial de Rodrigues Sampaio promove uma visita dos seus sócios ao Teatro Nacional de S. Carlos.

Jardim do Ultramar

O Jardim do Ultramar encontra-se aberto ao público, todos os dias, das 9 às 17 horas, excepto as segundas-feiras e dias feriados.

Restaurante «IMPERIAL»

CARREGADO

Nova gerencia — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES



tuba espuma seca

CENTENAS DE ESCUDOS DE ECONOMIA! LIMPEZA A SECO DE CARPETES E PASSADEIRAS, ESTOFOS DE AUTOMOVEIS E DE MOVEIS, PELAS SUAS MAOS E NA SUA CASA!

Sensacional produto da Quimica Alemã

A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL em todos os bons estabelecimentos

Representantes: SCHROETER & ALMEIDA

Rua da Madalena, 122, 2.º — LISBOA



SABENA A LINHA DE MAIOR EXPERIÊNCIA EM VOOS AFRICANOS

LISBOA
LEOPOLDVILLE
JOANESBURGO

Peça informações à sua Agência de Viagens ou à

SABENA
LINHAS AÉREAS BELGAS

Os homens que fizeram a República

Quando evocamos o período da propaganda republicana, que precedeu o advento do regime que celebra agora mais um aniversário da sua fundação, impressiona-nos a incomparável estatura moral e o excepcional valor dos homens que nela tomaram parte relevante. Entre eles se contavam tribunos como António José de Almeida, parlamentares como Afonso Costa, oradores como Alexandre Braga, poetas como Junqueiro, escritores como Teixeira de Queirós, publicistas como José Caldas, Basílio Teles e Sampaio Bruno, mestres da estatura de Teófilo, jornalistas como João Chagas e Brito Camacho, todos figuras eminentes do pensamento e da inteligência nacional, num conjunto sem precedentes e sem paralelo em qualquer outra época.

Os retratos que hoje publicamos



Presidente do Governo provisório saído da revolução de 5 de Outubro, continuou a ser o cidadão exemplarmente modesto que todo o País admirava e aclamava. Nesta gravura vê-se o eminente sábio à saída da sua modesta residência

de erudição e trabalho. O seu nacionalismo impôs-se como uma das marcas do seu génio múltiplo e original. Doutrinador da ideia republicana, infatigavelmente a pregou nos comícios, em reuniões e em sessões públicas a que emprestou o concurso da sua palavra erudita e autorizada. A sua escolha para presidir ao primeiro Governo da República foi aclamada como uma consagração nacional. A sua modestia proverbial era tão grande como a sua inteligência e como ela sem mácula.

O almirante Candido dos Reis, chefe militar do movimento, não o viu triunfar. Foi um patriota ardente e um republicano de inabaláveis convicções. A sua figura, de extraordinária projecção moral, ficou aureolada pela recordação de uma vida exemplar, vivida para a realização do seu sonho — a proclamação da República. Miguel Bombarda foi, além de sábio e professor eminente, o mais categorizado alienista do seu tempo, tendo conquistado reputação europeia. A sua acção para se realizar entre nós um importante congresso de Medicina ficou assinalada. Era um liberal que a causa da República deu o brilho da sua inteligência e do esforço da sua combatividade. Morreu, como Candido dos Reis, poucas horas antes de se concretizar a sua grande aspiração. Ambos avultam, entre os precursores da República, em lugar de relevo.

Machado dos Santos, o herói da Rotunda, é uma figura inconfundível que no momento decisivo em que foi preciso agir sem hesitações, nem temor, deu a medida da sua bravura e da sua inteligência. Ao assumir o comando das forças concentradas no acampamento revolucionário, entrou na História pela porta ampla dos heróis mais nobres e firmes. Foi admirável de coragem e fé. O seu exemplo contagioso muito contribuiu para a vitória que coroou o esforço dos combatentes de Outubro de 1910.

O 5 de Outubro

(Continuação da 1.ª página)

pública, ninguém teve dúvidas de que para o regime monárquico soara a hora da suprema provação.

Esta teve um desfecho rápido. As horas de luta que o precederam mostraram que não havia defensores, convictos e sinceros, da Monarquia em transe. A facilidade com que foi alcançada a vitória e o entusiasmo delirante que acolheu a proclamação da República, são factos irreversíveis e documentados cujo sentido profundo se propagou pelo tempo fora, tornando indelétrico o regime. A sementeira fecunda que consagrou os nomes dos propagandistas e mártires do ideal republicano, produziu os seus frutos.

NO COMEÇO DO NOVO ANO ESCOLAR

Liceu Camões

O Liceu Camões foi fundado em 1909, começando a funcionar em 9 de Novembro. Obra do Governo de João Franco, o liceu foi projectado pelo arquitecto Ventura Terra. E, com os liceus Passos Manuel e Pedro Nunes, um dos mais antigos de Lisboa. O seu primeiro reitor foi o prof. Teles Palhinha. O liceu teve professores como o dr. João de Barros, prof. eng. Bêlard da Fonseca, dr. João de Brito e Augusto Machado dos Santos, e alunos como o dr. Pedro Teotónio Pereira e professores Leite Pinto, Marcelo Cae-
tano, Henrique de Barros, eng. Paulo de Barros, eng. Cunha Leal e dr. Ramada Curto. O cinquentenário do Liceu Camões vai ser comemorado este ano, a partir de 9 de Novembro.

2.210 alunos em 49 turmas

No Liceu Camões pediram inscrição 2.400 alunos, sendo ali colocados 2.210. Os alunos distribuem-se pela sede, na Praça José Fontana, onde funcionam 32 turmas no mesmo numero de salas de aulas, e nas secções de Alvalade, com 9 turmas, e Areeiro, com 8. Na sede funcionam ainda mais 6 turmas, em processo de desdobramento.

Do 1.º ano ao 7.º de Ciências

Quisemos ouvir dois alunos do Liceu Camões, um do 1.º ano e outro do 7.º ano de Ciências.

Luís Filipe Torres Sobral, tem 9 anos e per-

tence á turma A do 1.º ano. Mora na Rua Luciano Cordeiro, 45, 4.º. Usa um laço cuidadosamente engomado e tem a rigidez dos primeiros dias de aulas. Perguntámos-lhe o que viria a ser quando fosse grande. «Ainda não sei», respondeu-nos num murmúrio. José André Marcelino, com 15 anos, frequenta o



LUÍS SOBRAL



JOSÉ MARCELINO

7.º ano de Ciências. Filho de um major de Aeronáutica, mora na Avenida da Igreja, 23, 1.º, Esq. Deve ter sofrido um pequeno acidente nas férias. Sobre a face ainda bronzeada, tem um adesivo. Com o maior á vontade, o José André afirmou-nos que pretende seguir o curso de Medicina.



DR. SÊRVULO CORREIA

O dr. Joaquim Sêrvulo Correia é reitor do Liceu Camões desde Outubro de 1950. Professor de História e Filosofia, é formado pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Tem o culto da disciplina, o que não o impede de ser humano no seu contacto diário com os alunos e com os seus colegas, desde os mais antigos aos mais jovens.

82 professores

No Liceu Camões leccionam 82 professores. O liceu possui ainda 2 médicos escolares, além de 7 funcionários de secretaria e 22 elementos de pessoal menor.

Escola Francisco de Arruda

A Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda (nome do mestre de pedraria da Torre de Belém) foi fundada em 10 de Agosto de 1948 e funcionou, então, anexo á Escola Industrial Marques de Pombal. Em 1955, passou a ter um edifício próprio, na Calçada da Ajuda.

E' uma verdadeira escola-modelo, onde a eficiência educacional e técnica se junta a um ambiente de curioso gosto e sentido estético, criado pela mão de um pedagogo e artista.

Esta Escola segue o regime de autodeterminação. Os contínuos não vigiam os alunos que estão entregues a si próprios e ao director. O que

dever e o que não devem fazer está patente em pitorescas e imaginativas legendas e indicações, espalhadas por todos os recantos.

A escola tem um cinema de indole recreativa, de educação visual e cultural. «Inauguração da temporada», no dia 17, com «Hércules», seguido de «Ulisses».

turais, Matemática, Desenho, Trabalhos Manuais, Religião e Moral, Educação Física e Canto Coral.

1.041 alunos

Este ano lectivo a Escola Francisco de Arruda tem 1.041 alunos que dispõem de aulas de Ciências e Desenho, «ape-

trechadas até aos dentes», como eles dizem em pitoresca expressão. Acontece o mesmo com as oficinas e numerosos campos de jogos. A biblioteca empresta livros ao domicílio.

Dos 9 aos 15 anos

O aluno mais novo chama-se Carlos Manuel Almeida Aparício e frequenta a Escola com uma autorização especial do Ministério. Tem 9 anos. E' aluno do 1.º ano, com o n.º 818, e quer ser engenheiro de máquinas.

Faustino Gonçalves Janeiro, de 15 anos, está no outro extremo das idades. Frequenta o 2.º ano

do ciclo preparatório, onde é o n.º 317 e deseja seguir comércio.

A título de curiosidade, damos o peso máximo e o mínimo destes 1.041 alunos, entre os 9 e os 15 anos: 32 quilos e 81 quilos; alturas: mínima, 1 metro e 31 cm.; máxima: 1 metro e 82 cm.



CARLOS APARÍCIO



FAUSTINO JANEIRO

Clínica Dentária Santa Joana

RUA "BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ.

TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESAO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os com-
boios dos domingos

Esta venda começa-se á fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na AGÊNCIA CULTURAL, Av. Combatentes da Grande Guerra.

MIGUEL BOMBARDA

MACHADO DOS SANTOS

CANDIDO DOS REIS

evocam alguns deles: Teófilo, o primeiro presidente do Governo provisório da República em seguida á sua proclamação; Miguel Bombarda e o almirante Candido dos Reis, que na preparação do movimento de Outubro de 1910 tiveram uma acção decisiva; e Machado dos Santos, que comandou o núcleo de revoltosos da Rotunda.

Mestre incomparável de sucessivas gerações, guia seguro e firme do partido republicano durante trinta anos, a Pátria deve a Teófilo Braga os mais relevantes serviços. Na cátedra educou e ensinou. A sua obra é um gigantesco monumento

UM ESPECTÁCULO DE GRANDEZA TOTAL EM QUE TUDO SE HARMONIZA
NUM CONJUNTO GIGANTESCO: A GRAÇA DAS MULHERES E DAS MELODIAS
DAS ILHAS DO MAR DO SUL POR UM NOVO PROCESSO QUE REVOLUCIONOU
O CINEMA: O TODD-AO

3.ª FEIRA NO

CINEMA
MONUMENTAL

ÀS 21,30

MATINÉIS ÀS 5.ªS, 6.ªS
SÁBADOS E DOMINGOS



Um espectáculo
grandioso de
deslumbramen-
to total que en-
canta, faz rir e
comove!

O grande mila-
gre do cinema
em que se vê o
mundo mais
belo e mais
atraente!

COR DE LUXE

ROSSANO BRAZZI · MITZI GAYNOR · JOHN KERR

FRANCE NUYN · RAY WALSTON · JUANITA HALL

Distribuição da 20th CENTURY FOX

MAIORES
DE 12 ANOS

PRODUÇÃO DE

BUDDY ADLER · JOSHUA LOGAN

REALIZAÇÃO DE

PAUL OSBORN

UMA PRODUÇÃO
MAGNA



O ESPECTÁCULO PERFEITO!
A IMAGEM TOTAL! O SOM ABSOLUTO!

O ELENCO DAS
MULTIDÕES

-HOJE-

TODAS AS NOITES
CASAS À CUNHA

**ANA MARIA
Y SU BALLET**

A ATRACÇÃO QUE ARREBATA O PÚBLICO
LES VILALTAS

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

**RITZ
CLUB**

EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)

**BALLET
ALBENYZ de LOS REYS**

**CONCHITA
Y ALVERTO**

**MARUJA
SEVILLA**

NO SALÃO TÍPICO: ADMIRÁVEIS CEIAS
com FADOS e GUITARRADAS

A B C

EMP. TEATRAL ABC, LDA.
Telef. 36 67 45

*
A Empresa
previne o pu-
blico que por
dificuldades
de montagem
a estreia
anunciada
para hoje só
terá lugar
num dos pró-
ximos dias
que será
anunciado



ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS

MONUMENTAL e AVENIDA

T. 55133 • Esp. Vasco Morgado, L.ª • T. 27273
(Para M/12 anos) — (P. Adultos M/17 anos)
12.ª SEMANA — HOJE às 21.45 h. — 5.ª SEMANA

MAIS UMA SEMANA
O BAILE

UM ÊXITO QUE CONTINUA
PATATE



LAURA ALVES
Amanhã e depois à tarde às 16 h.



JOÃO VILLARET
Amanhã espectáculo à tarde às 16 h.

PREÇOS DESDE 55

NO PRELO

**CÓDIGO
ADMINISTRATIVO**

Actualizado e revisto
por Dr. Martins Gomes
Brevemente à venda
em todas as livrarias

EDIÇÃO
DA COIMBRA EDITORA

CORPORAÇÃO INDUSTRIAL DO NORTE, LDA.

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES CIN
Agência em Lisboa: Largo do Poço do Borratém, 13-1.ª, D.

Informa a Ex.ª clientela que a partir do dia 4 de
Outubro os s/ telefones passam a ter os seguintes
números:

86-50-53 e 86-50-54 P. P. C.

CARIL A INDIANA
o melhor que se serve em Lisboa
NO SNAK-BAR - DIANA
Almoços — Jantares — Ceias
R. Conceição da Glória, 4

NO NOVO TEATRO
CAPITÓLIO

Às 21.45 SANDRO apresenta
Maria Della Costa

EM
GIMBA

«O presidente dos valentes»
de G. GUARNIERI
 direcção de FLÁVIO RANGEL
Sábado, «matinée» às 16 h.
a preços reduzidos
Maiores de 17 anos

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBÓIOS ELECTRICOS



UMA HISTÓRIA DE AMOR TÃO FORTE... SINCERO... E REAL... COMO O CINEMA JAMAIS APRESENTOU!

A PARAMOUNT APRESENTA

SOPHIA LOREN

1.º PRÉMIO DA INTERPRETAÇÃO FEMININA NO FESTIVAL DE VENEZA.

e **ANTHONY QUINN**

A ORQUÍDEA NEGRA
(THE BLACK ORCHID)

com e apresentando produção REALIZAÇÃO ARGUMENTO
MARK RICHMAN JANA BALIN CARLO PONTA MARTIN RITT JOSEPH STEFANO
MARCELLO GIROSI

BRILHANTE ESTREIA A SEGUIR NO

SÃO LUÍZ ALVALADE

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A apresentação da comédia «Eles, elas... e os meninos», de André Roussin, que estava marcada para ontem no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, só esta noite se pode efectuar.

— Começam na terça-feira próxima os ensaios de poema da revista «O fado que foste fado», a estrear no Teatro Variedades.

— A tratar de assuntos relacionados com a estreia do seu novo programa musical e de variedades «Tico-Tico» no Coliseu, encontra-se entre nós o cantor brasileiro Odyr Odilon.

— Colé Santana, um cómico dos mais apreciados no Brasil, está em negociação com o empresário Vasco Morgado, para fazer parte da companhia de revistas do Teatro Variedades.

— A actriz brasileira Solange França, que há tempo actuou em Lisboa, faz agora parte do elenco do Teatro do Rio.

— Voltou a ingressar na companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos a actriz brasileira Neyde Landi.

— Uma companhia de circo formada por excelentes atracções estreia-se no dia 23 do corrente, no Coliseu, para inauguração da temporada.

— A peça «Patate» vai ser representada no Rio de Janeiro, pela companhia do Teatro Brasileiro de Comédia, com o título «O indomável».

(Continua na 13.ª página)

COLISEU
TELEF. 31997

EM 2 SESSÕES, AS 20.45 E 23 HORAS

ULTIMOS DIAS!

com ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

HA' FEIRA NO COLISEU!**SO'**

A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!!!

Até 2.ª feira! A PREÇOS POPULARES GERAL 7\$50



ROSE RONDELLI

ESPEC. P.ª AD. M/ 17 ANOS



CASINO

É HOJE QUE SE DESPEDE DO PÚBLICO PORTUGUÊS NUM EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO

LUCHO GATICA

A VOZ DE SONHO DA AMÉRICA DO SUL, E SE ESTREIA

ROSARIO

A MAIOR BAILARINA DE ESPANHA COM O SEU CONJUNTO

No mesmo sensacional programa:

CARLINE

EM CANÇÕES DE PARIS

ELVIE y PILON

INCOMPARÁVEIS ACROBATAS FANTASISTAS COM O SEU CÃO «BOJAR»

Jantares: 120\$00; consumo mínimo, 120\$00

(Adultos — maiores de 17 anos)

AMANHÃ: «Matinée» com as atracções. Chá completo: 25\$00

ESTORIL

STUDIO 4

VOSSA EX.ª

Encontra: doçaria caseira — café inconfundível
Uma pega 6\$50 — O Ribatejo 10\$00
Na Praça do Areeiro, 11-D — BAR RIBATEJO
(abre às 6 da manhã)

O MELHOR PONTO DE REUNIÃO

EM CONTÍNUA APOTEÓSE DE INTENSOS APLAUSOS:

A SENSACIONAL ATRACÇÃO ALEMÃ:

BALLET VOGELHEIM

da série de ouro do famoso «HANSA THEATRE», de Hamburgo
UMA NOVIDADE SEM RIVAL NO MUSIC-HALL MODERNO
E AINDA UM NOTÁVEL ELENCO DE CANTO E BAILE

Musica de baile pelo triunfal e prestigioso conjunto

Sérgio e sua orquestra

com os cantores ANTONIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

Telef. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUÍZ 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) 2.ª SEMANA Uma maravilhosa história de amor num filme de fausto O GRANDE AMOR DE GOYA com Ava Gardner, Anthony Franciosa e Amadeo Nazzari Technirama e Technicolor	TIVOLI 15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) 2.ª SEMANA de grande êxito com ORFEU NEGRO com Breno Mello e Marpessa Daun Palma de ouro no Festival de Cannes	IMPERIO 15.15, 18.15 e 21.30 (M/12 anos) com o filme de raro esplendor de Alberto Lattuada A REVOLTA DOS COSSACOS com Van Heflin, Silvana Mangano, Viveca Lindfors e Geoffrey Horne O luxo e o esplendor da corte e a ferocidade das batalhas na Rússia Technicolor — Technirama
EDEN 15, 18 e 21.30 (Maiores 12 anos) O maior êxito mundial A PONTE DO RIO KWAI O filme que obteve 7 «oscar» e 27 prémios internacionais Uma obra-prima num filme perfeito.	POITEAMA 15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) 2.ª SEMANA Sensacional êxito A espantosa derrocada do maior império do crime que existiu no Mundo AL CAPONE com Rod Steiger e Fay Spahr Adultos (M/17 anos)	SÃO JORGE 15.00 e 21.15 (M/17 anos) Gregory Peck, Jean Simmons, Carroll Baker, Charlton Heston e Burl Ives DA TERRA NASCEM OS HOMENS Technicolor — Technirama Todos os dias às 18.45, espectáculo inédito «Desenhos animados para adultos».
ALVALADE 15.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos) 2.ª SEMANA Um filme de fausto e grandeza inigualáveis O GRANDE AMOR DE GOYA com Ava Gardner, Anthony Franciosa e Amadeo Nazzari Technirama e Technicolor	CONDES 15.15 (p. r.) e 21.00 (M/12 anos) 11.ª SEMANA do maior espectáculo de todos os tempos OS DEZ MANDAMENTOS com Charlton Heston, Yul Brynner e Anne Baxter em Vistavision e Technicolor	ROMA 15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos) Uma comédia com a eterna e complicada história de amor TODOS ENAMORADOS com Marcello Mastroianni e Jaqueline Sassard
ODEON 15.15 - 18.15 e 21.30 (Maiores 17 anos) Um filme excitante com novos artistas LADRÕES DE AUTOMÓVEIS Um aviso aos pais que ignoram onde os filhos passam o tempo e com que companhias.	AVIS 15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) Uma história imortal de guerra e amor no cenário grandioso da Roma imperial A REVOLTA DOS GLADIADORES com Gianna Maria Canale e George Marchal Superscenescope — Eastmancolor	MONUMENTAL 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos) Uma substância terrível e misteriosa que ameaça destruir a forma de vida FLUIDO MORTAL c/ Steven Mc Queen e Aneta Corseant
CINEMA IDEAL 21.00 (M/17 anos) 7 HOMENS PARA MATAR APAIXONADOS O FALSO GENERAL com Glenn Ford	ROYAL 21.00 (M/17 anos) Cinemascope E O SOL TAMBÉM BRILHA MÃOS PERIGOSAS	RESTELO 21.15 (M/12 anos) Vistavision Techn. ORGULHO E PAIXÃO com Cary Grant
CASINO ESTORIL 21.30 (M/17 anos) com Glenn Ford	LIZ 21.00 (M/17 anos) Technirama Techn. OS VIKINGS AMOR A INGLESA... EM PARIS	
TERRASSE 21.00 (M/17 anos) ARIANE UMA RAPARIGA MODERNA		

O metropolitano de Lisboa

(Continuação da página central)

belos painéis que dão às paredes dos vestibulos do metropolitano um aspecto alegre e diferente de todas as instalações do género que existem lá fora. Na estação dos Restauradores, este tipo de decoração oferece ainda a curiosa particularidade de uma combinação feliz entre os azulejos modernos e pequenos painéis com motivos do século XVIII, num casamento de efeito muito agradável. Esta estação, que constitui, na primeira fase do empreendimento, a terminal Sul da linha, possui, aliás, outros motivos que a impõem pela sua beleza sóbria e atraente. Além de um pequeno quiosque para venda de jornais, revistas e tabacos, como os que existem em todas as outras estações, há algumas lojas de reduzi-das dimensões, mas com as suas montras amplias e dispostas de modo a poderem desempenhar perfeitamente a sua função, e dando, ao mesmo tempo, ao local uma nota viva e animada de luz e de cor.

Estão também, segundo nos dizem, já instaladas as cabinas das bilheteiras, com as suas máquinas automáticas, para os bilhetes, tudo concebido e realizado, tendo em atenção, nos mais pequenos pormenores, a comodidade do publico.

Todas as estações estão prontas igualmente, e poderiam já — se não fosse a louvável preocupação de que tudo esteja convenientemente afinado, quando começar a funcionar — dar acesso aos primeiros passageiros, que não teriam, aliás, muito que esperar, pois o metropolitano, nas suas viagens de treino, percorre, com frequência, a linha toda. Na estação do Parque, com saída para a Avenida António Augusto de Aguiar — a estação mais profunda da rede, a 25 metros da superfície — os dois lanços de escadas rolantes estão igualmente a funcionar, como se os passageiros estivessem prontos a utilizá-los — obedecendo, do mesmo modo, à preocupação de que tudo esteja bem «rodado» quando for inaugurado.

Enfim, muitos outros pormenores justificam o vaticínio de que o metropolitano vai ser um motivo de surpresa e de deslumbramento para a população da capital. Se é certo que a grandiosa obra implicou trans-tornos para muita gente, o cuidado com que foi executada e o aspecto com que vai surgir ao publico — esperamos que em data breve — constituem, sem duvida uma compensação para esses inevitáveis inconvenientes. A população de Lisboa reconhecerá, então, o grande esforço que foi preciso desenvolver para levar a cabo o notável empreendimento e os que, persistente e diligentemente, se empenharam nesta obra formidável — à frente dos quais não se pode deixar de colocar o sr. eng. D. Francisco de Melo e Castro — terão, por certo, nesse reconhecimento a maior compensação para os dissabores e preocupações que lhes terá acarretado o seu sonho e arrojo de o tornar em tão bela realidade.

INAUGURAÇÃO em Coimbra da nova fábrica da Companhia de Cerveja

COIMBRA, 3 (Pelo telefone) — Na estrada do Porto, ao Souto, foi esta tarde inaugurada a nova fábrica da Companhia de Cerveja de Coimbra, que constitui mais uma unidade que honra a progressiva industria coimbricense.

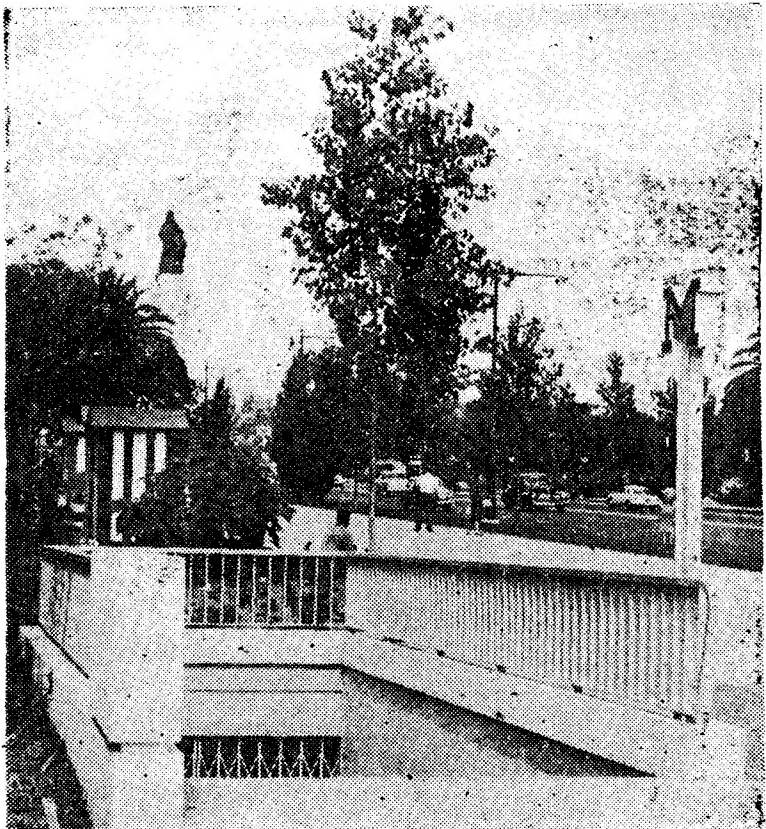
Projectada pelo eng. Sebastião de Oliveira, as suas diversas secções obedecem aos mais modernos processos, desde a análise de matérias-primas até à expedição da cerveja.

Nesta fábrica em que trabalham mais de 200 operários, apenas foi utilizada mão-de-obra nacional, sendo o próprio projecto de técnicos portugueses, à excepção da montagem das caldeiras da fábrica, que foi dirigida por montadores estrangeiros.

Ao acto inaugural, assistirão alguns dos elementos mais representativos da cidade.

MISSÃO às Ilhas Adjacentes

No «Carvalho Araújo» regressou hoje a Lisboa o sr. general Frederico Vilar e os oficiais que o acompanharam numa missão oficial a Madeira e Açores.



A entrada do Metropolitano no cruzamento da Avenida da Liberdade com a Rua Alexandre Herculano

Os judeus festejam hoje o Ano Novo hebraico

Os Judeus de todo o Mundo festejam hoje o «Rosh Hashaná», o primeiro dia do ano hebreu de 5720. Segundo a tradição, «Rosh Hashaná» é o dia em que Deus recorda tudo o que criou. Além de Ano Novo, é o Dia da Recordação, ocasião para o reconhecimento do Ente Supremo como origem de todos os seres e apelo a cada individuo para que faça um balanço dos seus actos e medite sobre o destino dos seus irmãos. É uma festa de grande solenidade religiosa.

As celebrações na sinagoga recordam, com insistência, que é necessário perdoar ao próximo para que Deus nos perdoe. Tendem ainda a acordar em cada Judeu o sentido da sua responsabilidade moral, uma vez que Deus acompanha a recordação de tudo o que criou de um juízo sobre cada homem, condenando os maus à perdição eterna e concedendo aos justos a salvação. Ao toque de «Shofar», os Judeus adormem à sinagoga. As orações são em grande numero e variadas e solenes, contendo passagens bíblicas e talmídicas, poesias medievais e a leitura de Torá (a lei recebida por Moisés no monte Sinai). Durante a «Oração» (Tefilá), os crentes praticam a «Beneficência» (Tzedacá), demonstrando prática de solidariedade para com os pobres e oprimidos e fonte de vida das instituições assistenciais de cada comunidade judaica.

Como todas as principais festas judaicas, o «Rosh Hashaná» é também uma festa da família. Além das celebrações nas sinagogas, reúnem-se hoje em jantares festivos todos os membros de cada família. E, tal como quando os cristãos celebram o Ano Novo, trocam-se votos de boas festas e de um novo ano feliz.

A era hebraica parte da criação do Mundo

Inicia-se hoje o ano 5720 do calendário hebraico. No século III, os sábios judeus calcularam que a criação do Mundo teria ocorrido 3760 anos antes do início da era cristã. Este cálculo, aceite até não há muito tempo também pela Igreja Católica, explica o numero do ano hebraico que agora começa. Se adicionarmos 1960 (o ano civil que se vai iniciar) a 3760, Obtemos 5720.

O calendário civil baseia-se no tempo da rotação e translação da Terra. O calendário hebreu considera, principalmente, os movimentos da Lua (29 dias, 12 horas, 44 minutos e 3 segundos). Exige que as duas principais festas religiosas judaicas — o «Rosh Hashaná» e o «Yom Kipur» — não coincidam com domingos ou sextas-feiras. E toma ainda em consideração os movimentos da Terra.

Por isso, os anos não têm sempre

a mesma extensão. Um ano hebreu normal compõe-se de 354 dias, divididos por 12 meses; cada mês tem 30 ou 29 dias, alternadamente. Para impedir que o «Rosh Hashaná» ou o «Yom Kipur» caiam a um domingo ou a uma sexta-feira, junta-se ou retiram-se, por vezes, um dia ao ano. O ano que hoje se inicia é um ano ordinário.

O dia começa ao pôr-do-Sol e dura até ao pôr-do-Sol. A duração dos dias varia, assim, durante todo o ano. O mês começa na véspera da Lua Nova. A semana tem 7 dias; o dia, em média, 24 horas; a hora 1080 minutos; e o minuto 76 segundos.

Por o dia começar ao pôr-do-Sol, todas as festas judaicas são comemoradas desde a véspera. Assim, as celebrações do «Rosh Hashaná», quer nas sinagogas quer nos lares judaicos, iniciaram-se ontem, desde que o Sol desapareceu na linha do horizonte.

ATENÇÃO proprietários de coelhos

Por toda a orla marítima do distrito do Porto estão a registar-se surtos isolados de mixomatose, doença que há anos vitimou em todo o País numerosíssimos coelhos bravos e domésticos.

A Intendência de Pecuária do Porto pôs, então, em prática as medidas profiláticas mais aconselháveis nestes casos, a fim de debelar a doença no mais curto espaço de tempo, o que felizmente se verificou.

Em face deste novo surto, que não apresenta de modo algum a gravidade do de há anos, aquela mesma Intendência de Pecuária pede a todos os proprietários de animais doentes que a informem desse facto directamente, ou por intermédio dos médicos veterinários e outras autoridades, aconselhando aos que lhes morrerem coelhos ou encontrarem abandonados os seus cadáveres, a incinerarem-nos ou enterrarem-nos profundamente, sem lhes tirar a pele.

PARTIRAM para a Argélia os delegados portugueses ao Congresso do Vinho

Embarcou hoje na estação de Santa Apolónia, para Bordéus, de onde seguirá para Argel, a delegação portuguesa no próximo Congresso do «Office International du Vin», presidida pelo prof. dr. Cincinato da Costa.

Em nome do secretário de Estado da Agricultura, esteve a apresentar cumprimentos, à partida, o dr. Quartim Bastos.

"Ressuscitou" um piloto inglês desaparecido no mar com o seu avião

STRANRAER (Inglaterra), 3 — «Ressuscitou» o piloto de experiências John Squier, que está «em boas condições físicas».

Squier experimentava um avião supersónico «Lightning P-1», e a sua trajectória estava, como é normal nestes casos, a ser seguida pelo Radar. Em determinado momento verificaram, os operadores do Radar, que o avião caía e desaparecia no mar. Squier foi considerado morto.

A senhora Joceline Donalson, empregada de uma escola de meninas que fica perto da costa, na cidade de Wigtownshire, estava a tratar do jardim quando lhe surgiu um homem desganhado, barba por fazer, roupa endurecida, com aspecto de fome e fadiga, mas «com um sorriso nos lábios».

A senhora Donalson declarou: «Foi o maior choque de toda a minha vida. Pedi-me que avisasse a Polícia de que estava salvo. Quando o homem ia a contar que vinha do mar, desmaiou. Foi depois identificado como sendo o piloto

Squier, que tinha «morrido» numa experiência».

Squier ainda não foi ouvido no inquérito oficial, mas sabe-se que se salvou no barquinho de borracha do seu avião, sendo de crer que se tenha «ejectado» do seu avião, a alta velocidade e a 12.000 metros de altitude, acabando por cair no mar a 30 milhas da costa, que levou 28 horas a percorrer. — (A. N. I.).

Sociedade Promotora

Depois de amanhã, feriado da República, a Sociedade Promotora de Educação Popular comemora o seu aniversário, com um bodo aos pobres da freguesia, às 12 horas; lanche às crianças das escolas, às 15; sessão solene comemorativa do aniversário da fundação da colectividade e da implantação da República; e distribuição de diplomas aos sócios que completaram 25 anos de efectividade, às 16 horas.



e como sempre as aulas começam com **BIC**

Para os mais pequenos acabaram-se os tinteiros entornados, as nódoas de tinta nas mãos e na roupa; para os maiores BIC é a segurança de realizar os seus apontamentos com a maior rapidez e clareza. Há o modelo BIC-CRISTAL a Esc.: 4550. E o modelo com recarga BIC-ESCRITÓRIO especial com tinta preta a Esc.: 7550. Assim como outros modelos até 40500.

MUITO IMPORTANTE

Para aproveitar todas as vantagens que oferece a BIC não aceite outra recarga que não seja a legítima BIC no seu envelope individual de garantia.

BIC

LAFOREST, LDA. - AV. DA LIBERDADE, 140, 2.º - LISBOA

Monsaraz precisa de uma pousada

No artigo já publicado sobre Monsaraz procurámos chamar a atenção das entidades responsáveis pelo turismo nacional, no sentido de se conseguir que esta histórica vila venha a ser um local de atracção dos viajantes.

Salientámos os motivos históricos e artísticos bem como as qualidades excepcionais que Monsaraz oferece, como estância de repouso para quem precise de retemperar os nervos em ambiente calmo e sossegado, neste período de excitação e velocidades incríveis.

Todavia, para que Monsaraz possa ocupar tão importante lugar no turismo nacional é indispensável que seja dotada de certos melhoramentos que as condições da vida moderna exigem. Assim é necessário que tenha água canalizada, luz eléctrica, boas, fáceis e diversas vias de acesso às grandes rotas turísticas e uma instalação hoteleira condigna.

Quanto à água canalizada estamos informados que vão começar imediatamente as obras pelo que, vão desaparecer os burrinhos pa-chorrentos que desde há séculos levam a água da fonte do Telheiro, em cangalhas e cantaros de barro, ladeira acima até ao alto da vila.

Relativamente à luz eléctrica parece que o assunto ainda nem está sendo estudado, mas é urgente que este melhoramento não se faça esperar.

Necrologia

Eng.º Virgílio Salvador
Ricardo da Costa

EVORA, 3 — (Pelo telefone) — Faleceu esta madrugada na sua residência, na Rua 5 de Outubro, 56, o sr. eng.º Virgílio Salvador Ricardo da Costa, de 60 anos, natural de Montemor-o-Novo, casado com a sr.ª D. Maria José Leal da Costa e pai dos srs. José Manuel Leal da Costa, arquitecto Virgílio Augusto Leal da Costa e Luís Filipe Leal da Costa.

O extinto era chefe da 5.ª Delegação da Inspeção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais e director da Companhia de Seguros «A Pátria». Foi presidente da Câmara Municipal de Évora e da Junta de Província do Alto Alentejo.

O funeral efectua-se amanhã.

ROMAGEM

Comandante Eduardo Corrêa

Por iniciativa do pessoal dos Serviços Marítimos da Administração-Geral do Porto de Lisboa, realiza-se amanhã, domingo, pelas 10 horas, uma romagem de saudade ao cemitério do Alto de S. João, para assinalar a passagem do primeiro aniversário da morte do comandante Eduardo Alberto Corrêa, que foi chefe do Movimento e Tráfego Marítimos daquele organismo.

M. CARVALHO MONIZ



O pelourinho de Monsaraz

Agora é preciso que se olhe com atenção para a rápida construção de uma pousada em condições de fornecer alimentação e aposentadoria a alguns casais de visitantes.

É urgente a satisfação desta necessidade de fácil realização pela adaptação de uma das velhas casas da rua principal da vila. Aqui há anos um abastado lavrador da região comprou um prédio interessantíssimo e logo correu célere a notícia de que o destinava a pousada. Tudo rejubilou, mas infelizmente tão bela iniciativa não teve seguimento e Monsaraz continua sem uma modestíssima pensão onde o turista possa comer um simples almoço.

Por isso têm as entidades oficiais de construir uma pousada, típica e acolhedora, no estilo local e segundo os hábitos regionais. Aqui o turista podia instalar-se dois ou três dias, embeber-se do característico ambiente medieval, deliciar-se com a típica comida alentejana, a açorda de coentros, as migas com carne de porco, o ensopado de carneiro, caldeira de peixe do rio, etc.

Assim se faz turismo, pois só com ambiente acolhedor e comida regional se poderá obter a fixação do viajante que já se vai mostrando saturado dos ambientes internacionais e uniformes.

É preciso que as entidades oficiais e o Secretariado Nacional de Informação e Turismo se interessem por Monsaraz, cuidem desta histórica vila, procurando satisfazer as suas necessidades e, em primeiro lugar, está a construção de uma pousada caracteristicamente alentejana, a bem do turismo nacional.

Na mata do Buçaco — alfobre de mitos

No âmago da floresta luminiscente, há uma cascata a que chamam a «Fonte Fria» porque a sua água é pura, gelada, sob o veludo gris de Fevereiro ou o ruivo sol de Setembro, cujos estíletes se insinuam, num chuveirisco constante, pelas frondes religiosas. Mais abaixo é um vale estranho, um dos sítios espantosos do Universo, onde se apalpa a morte. É o Vale dos Fetos, verde, quase líquido. Aí uma sombra misteriosa, uma sombra de limbo, sempre vela as coisas de irreal. Tudo: árvores, criaturas, riachos, hortênsias descoloridas...

Falo em morte, mas esse vale umbroso e vagamente, esfumadamente, cintilante, nada tem de sepulcral. Morte, mas como outra dimensão da vida, como um mais além «maravilhoso», leve e alcatifado, onde não existe ideia de culpa, de castigo ou de recompensa... Um limbo para além de Dante. A morte com uma verde bailarina entre os fetos gigantes e esses musgos que escorrem com as horas pelos troncos seculares, tudo móvel, mas brandamente móvel e triste. De uma tristeza nobre, fugidia, que não cessa de dançar em surdina, no gemido aéreo das folhas, até que venha, com a sobretarde olorosa do Outono, uma chuva sem destino varejar a cupula dos cedros...

É o Buçaco. E eu pasmo como ninguém se lembrou ainda de escrever os contos «mágicos» do Buçaco. A Alhambra de Granada teve um Washington Irving para lhe reinventar as lendas. O Buçaco ainda não. E para lá do feitiço imediato, dos doces, silentes, meditativos passeios religiosos que seguem os «passos do Calvário», através as sendas românticas da morte, balizadas pelas capelinhas dos eremitas, onde um barro já precioso figura as cenas da Paixão; para lá dessa beleza consabida e grave, e calma, das Portas de Coimbra ou do Calvário — há ainda a floresta com os seus mitos, que só pedem voz para despertar.

Eu andei por ali deambulando e a cada encruzilhada silvestre, nos caminhos perdidos, por entre os abetos, ouvindo correr água, espreitando, adivinhando as aves arribadiças, as aves secretas, e os ani-

mais esquivos dos bosques, no seu oculto concerto fádico — eu escutava uma história. Quem ma contava? O próprio bosque percutido por esse buxo nostálgico do vento ou as raízes do tempo, semeadas entre os gigantes sagrados? Histórias que um dia repetirei, ou não. Que me tornaram feliz, em todo o caso, no intervalo de outros trabalhos, esses árduos como tudo aquilo que nos impomos à maneira de disciplina.

E na clareira vasta da mata havia ainda um palácio encantado, com repuxos, com floreos manuelescos, e gárgulas hiantes arrancando-se contra as nuvens, e com jardins de buxo já «passados», e violinos à noitinha soluçando, ultra-românticos, num castelo heteróclito, tão deliciosamente absurdo!... O Palácio do Buçaco, com a sua sala Carlos Reis adormecida a meio de um sonho e onde ficaram de braços curvos erguidos, sustendo velhos livros ou flores, pagens narcotizadas, junto de soluçosas damas galantes, onde os céus de pérola boiam pelas paredes num amoroso mistério, tão frágil e postigo. Delicados terraços de utopia, ante o mais formoso, mas também o mais sério, o mais profundo talvez, dos monumentos de natureza que existe na nossa terra: essa mata única das verdades do espírito, da fantasia tornada árvore, capim, folhagem e névoa...

Por muito gratos aos sentidos

que sejam os arredores do Buçaco; o Luso, com as suas águas e a sua calma pintada de branco, a deliciosa Curia, com o seu parque de um género bem diverso, todo ele parado, datado, burguês, sereno e rico, com tapetes de saudades familiares, com digníssimas personagens de eterna meia-idade, digerindo, meditando e fazendo horas para as termas, pelos bancos solitários; e até com «boites», até com uma piscina entre pampanos, tão atractiva, tal a dessoutro Palace de um barroco menos resistente (até porque lhe falta o cenário próprio, ou talvez não), pois com todos esses chamamentos famosos aos paladares do corpo e da mente — não há ainda nada por ali que valha o Buçaco, a sua Cruz Alta, as suas miragens, os ecos dos seus frades há trezentos anos mortos, as suas humildes pedrinhas pacientes que tanto alegam o olhar do viandante pacato. E as ossadas manuelescas formidáveis, sempre inesperadas, adoráveis, do Palace-Convento, esse mais fino dos disparates de uma época irrecuperável e principescas...

Não, decididamente, alguém tem de vir contar-nos ainda as lendas por acordar (que elas lá estão) da floresta murmurante do Buçaco!

URBANO TAVARES
RODRIGUES

Palm Beach

A Vedeta da canção francesa

LAURA MELLE

Grande Prémio do Festival da Canção Francesa

THE MODERN JAZZ DANCERS

A célebre atracção que ED SULLIVAN contratou na Tágide por 90 contos por noite, de regresso da sua triunfal «tour-née», de 2 meses, na América

DEO MAIA

Walter Machado — Irmãos Guarás

Maria João

(Maiores de 17 anos)

Tágide

★

Concha

DIA 14

UMA DATA QUE FICARÁ MEMORÁVEL
NA HISTÓRIA DO «MUSIC-HALL»
EM PORTUGAL

A mais extraordinária e mais completa grande Vedeta de
Espanha de todos os tempos!

LOLA FLORES

e o seu famoso Espectáculo

PELA PRIMEIRA VEZ, NA EUROPA, NUMA «BOITE»

O maior acontecimento artístico destes
últimos anos

Tágide — Palm Beach

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
EMISSORA NACIONAL

CONCERTOS DE OUTONO — 1959

Dia 10, às 18,15 horas — 1.º CONCERTO

BILHETEIRA — Hoje, para os antigos assinantes de Concertos; dia 4, para os assinantes de Ópera e Bailado; dias 5 e 6, para novos assinantes; a partir do dia 7, venda avulso para todos os concertos.

PREÇOS — Avulso: Cadeiras, 40\$00; Varandas, filas A e B, 10\$00; outras filas, 7\$50. Assinatura: Cadeiras, 35\$00; Varandas, filas A e B, 8\$50; outras filas, 6\$50.

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA HOJE
NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

LOS CARINOS

O melhor trio vocal de Espanha com uma carreira
fulgurante de êxitos

(MAIORES 17 ANOS)

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções.
Chá completo, 25\$00

Na Direcção dos Transportes Terrestres

procede-se afanosamente à consulta das fichas dos automobilistas apurados para a escolha do condutor exemplar

Os funcionários da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres das secções de cadastro e de acidentes estão trabalhando entusiasticamente no «contrôle» rigoroso das fichas e dos processos dos automobilistas apurados na estrada, em vários pontos do País, para a escolha em definitivo do automobilista e condutor exemplar. Porque, evidentemente, não poderia receber esse galardão, quem tivesse já acidentes registados nas suas fichas. Procedem a essa verificação, consultando as mesmas fichas os srs. dr. Alfredo Leal Franco e o sr. José Maria Rosário Franco. Na secção de Acidentes, a pesquisa nos processos é feita sob a direcção do sr. dr. Tavares Fradique, à medida que chegam directamente da P. V. T. as relações dos automobilistas que durante a semana da prudência e boa condução foram classificados em diversas localidades do País, por conduzirem dentro das regras do trânsito, com todo o cuidado, quer nas rectas quer nas ultrapassagens, quer na aproximação dos entroncamentos e curvas. Só depois do «contrôle» oficial dos nomes constantes dessas relações, serão classificados em definitivo os condutores exemplares, para a obtenção dos respectivos prémios. Os seus nomes serão publicados oportunamente.

A Polícia de Viação e Trânsito recebeu hoje mais relações com a

identidade dos automobilistas classificados «exemplares» durante a semana da prudência e boa condução, relações essas enviadas pelos postos e brigadas de Gaia, Porto-Ameal, Beja, Braga, Faro, Castelo Brnaco, Espinho, Portalegre, Tomar, Évora, Mirandela, Ferreira do Alentejo, Mialhada e Coimbra. Foram logo essas relações remetidas à Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, para o referido e respectivo «contrôle» de verificação. Apraz-nos registar a boa vontade e o interesse do pessoal desta repartição em colaborar na iniciativa



O exame meticoloso das fichas para a selecção dos condutores exemplares

do «Diário de Lisboa», com a rapidez e solicitude que põe na consulta das fichas e cadastros de acidentes de cada um dos automobilistas. Graça à forma impecável como os ficheiros estão organizados, a consulta é feita com rapidez.

Um soldado

cumpre penosamente

uma promessa

VERONA, 3. — Giuseppe Contri, de 30 anos, está a cumprir uma penosa promessa — transportar às costas uma cruz de madeira, com a altura de 2 metros e 10 centímetros, desde a sua terra natal até ao cume do Monte Baldo, onde vai colocá-la em memória dos seus camaradas de armas mortos durante a segunda guerra mundial.

Contri terá de percorrer quase 150 quilómetros a pé e subir com a grande cruz às costas até a uma altitude de 2.100 metros, local onde a vai levantar.

Contri chegou esta manhã a Verona, tendo já feito 120 quilómetros desde sua casa em Cento, perto de Ferrara. — (A. N. I.).

A Grã-Bretanha

teme um conflito com Makários

a propósito das bases na ilha de Chipre

LONDRES, 3. — A possibilidade de um conflito aberto entre a Grã-Bretanha e o arcebispo Makários a propósito das bases britânicas em Chipre inquieta seriamente os meios governamentais ingleses. Exprime-se, contudo, no Foreign Office, a esperança, e até a convicção, de que os acordos de Londres serão aplicados integralmente e que a República de Chipre, como está previsto, se torne independente em Fevereiro próximo.

Uma entrevista de Makários ao «Daily Telegraph» provocou em Whitehall um certo mal-estar. O etnarca cipriota declarou que se opunha a que um só Cipriota ficasse sob a soberania britânica. Ora — indicou — várias aldeias com a totalidade de quatro mil almas ficariam englobadas no perímetro das bases em que a Grã-Bretanha deve conservar inteira soberania. — (F. P.).

RELÓGIOS OMEGA

Agência Oficial

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telefone 2 4561

Despeço-me do Teatro

com saudade

— diz-nos Teresa Gomes

Teresa Gomes, no seu risonho quarto andar da Rua Rodrigues Sampaio, apenas entristecido pelas fotografias e recordações de seu marido, o actor Alvaro de Almeida, mantém, com os seus 75 anos, aquela presença tão pessoal que, ao longo de 47 anos, provocou nas plateias, logo de entrada, explosões de simpatia, de alegria incontível.

Os últimos sete anos da sua vida de actriz foram passados no Teatro Maria Vitória, na companhia de Salvador, e a sua derradeira aparição foi há sete meses. O numero sete surge sempre nas suas recordações, e os 47 de actriz foram também os anos de casada com Alvaro de Almeida, que conheceu na Companhia Taveira, no Teatro da Trindade.

— Comecei ali como corista, como então se começava para subir com segurança até à altura que cada qual podia escalar. E foi numa festa das coristas do Trindade, trocados os «papeis» com os das primeiras figuras, que me estreiei como actriz na revista «Haja saudade». Depois fui ao Brasil pela primeira vez em 1912, e mais sete vezes, o meu numero de todos os acontecimentos.

— Recordações... Recordações? Tantas, tristes e alegres, a estas ligadas sempre às bondades do publico e dos meus colegas, desde a minha tão admirada D. Palmira Bastos que me acarinhava na peça «A Musa dos Estudantes», no Trindade, onde fiz depois todo o repertório de operetas e revistas, até ao inesquecível Nascimento Fernandes, que me animou no seu «Arroz Doce», no desaparecido Salão Foz.

E acrescenta: — Agora preparam-me esta festa no grande Coliseu, por bondade do sr. Américo Covões e de outros empresários como o sr. Vasco Morgado, e com Laura Alves, João Villaret e Samwel Diniz na comissão de honra, que a honra é toda minha. «Há festa no Coliseu», pela última vez para mim, e com a companhia de Eugénio Salvador, a minha última.



Na secção do registo de acidentes, os funcionários da D. G. T. T. examinam as fichas dos motoristas assinalados nas estradas, para efeito de atribuição do título de condutor exemplar

Primo Ferreira tenta bater o «record» de longa distância e de permanência na água

Primo Ferreira, um dos melhores fundistas portugueses, está tentando bater os «records» europeus de longa distância e de permanência na água, que pertencem ao alhandrense Baptista Pereira. Este como se sabe, fixou recentemente o «record» da distância em 204 quilómetros e o de permanência na água em 28 horas e 43 minutos.

Primo lançou-se hoje à água em frente de Valada do Ribatejo, pelas 6 e 30, aproximadamente, passando no Carregado às 11 e 30 e em Castanheira do Ribatejo às 12 e 45.

Nesta última localidade, virou,

em direcção ao ponto de partida, pelo facto de a água estar subindo, com a mudança da maré, o que não deixaria já seguir a favor da corrente.

Até aquela hora (12 e 45), Primo Ferreira terá percorrido cerca de 40 quilómetros em pouco mais de seis horas, ou seja, num ritmo excelente. Acompanham-no várias lanchas, entre elas uma em que segue o seu treinador Azinhal dos Santos, o seu magagista e os cronometristas oficiais da A. N. L.

Primo Ferreira tenciona nadar 30 horas, pelo que a prova só deve terminar por volta do meio-dia de amanhã.



TERESA GOMES

Teresa Gomes, com aquela simplicidade que foi o segredo dos seus êxitos, conclui com uma confissão:

— Despeço-me do teatro com saudade, e sei que vou chorar na noite de terça-feira, mas resta-me a alegria de ter merecido o carinho dos meus colegas, e o do bom publico ante o qual não mais aparecerei no palco. A todos, e ao «Diário de Lisboa», obrigada, muito obrigada.

O prof. Leite Pinto

inaugurou o Salão de Educação Estética

na S. N. B. A.

O ministro da Educação Nacional inaugurou esta tarde, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, o XIV Salão Nacional de Educação Estética da Mocidade Portuguesa e XIX da Mocidade Portuguesa Feminina.

O prof. Leite Pinto foi recebido por dirigentes da Mocidade Portuguesa e directores de centros escolares tendo percorrido demoradamente o certame, que reúne obras de pintura, escultura e modelação, aguarela, desenho, cerâmica, marcenaria, serralharia artística e cartaz. A exposição está aberta das 15 às 20 horas, até ao dia 11.

Ainda o caso

da «mascarada» de Fátima

A propósito da local que inserimos no dia 30 do passado mês de Setembro sobre a presença de quatro divertidos turistas americanos, na Cova da Iria, recebemos de monsenhor António Antunes Borges, reitor do Santuário de Fátima, uma indignada carta de protesto contra a «Falsa Mascarada», censurando a propagação de tal atoarda...

Ora sucede que a responsabilidade da notícia que publicámos não nos cabe. Foi-nos antes de mais, fornecida pela fonte habitual de informações acerca daquela localidade, ou seja, a Rádio Voz de Fátima, que aliás confirma, em todos os pontos, os dados da ocorrência.

Comprova-se pois a veracidade do facto. Importa, sim, repetir, pois já aqui se disse, que o caso se deu, não dentro do Santuário, mas na área da povoação, onde naturalmente existem restaurantes e «cafés», como em qualquer outra localidade, cuja autoridade escapa ao arbitrio eclesiástico.



Junghans

A marca de relógios bastante conhecida e cuja precisão é uma séria garantia. A venda só nas boas relojarias e ourivesarias do País

O metropolitano e funciona para prova do material

Lisboa vai ter em breve um motivo de surpresa e de excepcional admiração.

Quando se abrirem os «lagartos» que encerram ainda as estações do metropolitano e o publico tiver acesso às instalações do subsolo, será, por certo, um deslumbramento, a avaliar pelo que dizem aqueles que já tiveram ocasião de penetrar nesse misterioso sistema de comunicações subterrâneas, mesmo aqueles que lá têm vivido, anos seguidos, num trabalho extenuante, mas cujo resultado se vai, realmente, poder apreciar em toda a sua grandeza.

Aliás, o metropolitano de Lisboa está pronto e, embora a maior parte da população da capital não se dê conta, as carruagens já andam em serviço, quase ininterrupto, num indispensável período de prova para o material e de intensivos treinos para o pessoal. As composições são constituídas por duas carruagens automotoras, que deslizam suave mas velozmente sobre os «rails» já completamente assentes, nos dois troços que constituem o 1.º escalão do notável empreendimento, numa extensão de sete quilómetros: Restauradores-Rotunda-Entre Campos e Rotunda-Sete Rios.

São sete minutos de percurso vertiginoso, que aproximam da Baixa duas zonas da cidade muito populosas, até agora afastadas por cerca de meia hora, numa deslocação que se tem, sucessivamente dilatado, por motivo de um trânsito cada vez mais intenso e que ocasiona, portanto, maior engarrafamento das ruas e avenidas. Com breves paragens de vinte segundos em cada estação — o tempo estritamente necessário para o movimento rápido de entrada e saída dos passageiros — as carruagens do metropolitano farão o percurso de forma a cobrirem toda a extensão da rede num ritmo que permita escoar em pouco tempo uma verdadeira multidão, mesmo nas horas chamadas de ponta, quando as pessoas se deslocam para os seus empregos ou regressam a suas casas. Cada composição permitirá a deslocação de 400 pessoas, visto que as carruagens têm a lotação de 200 pessoas.

A novidade do metropolitano não vai consistir apenas no impecável funcionamento do material circulante, com toda a sua beleza, com o asseio e sentido prático das carruagens, ou com o seu impecável sistema de sinalização. O aspecto da obra realizada no subsolo de Lisboa vai também — e talvez mais que tudo — constituir o grande motivo de deslumbramento para o publico. O arranjo das estações foi particularmente cuidado de tal forma que, sem se ter recorrido a materiais caros, foi possível obter um aspecto agradável de excepcional bom gosto e, embora de natureza moderna, como se impu-

Amealhou

para os ladrões!

LUTON, 3. — Norman Fountain, de 39 anos, trabalhou tanto durante oito anos, que jamais teve tempo para ir ao Banco, o que lhe valeu ficar sem as suas 866 libras tão áridamente poupadas.

Fountain trabalhou sistematicamente sete dias por semana na sua ansia de amearhar para fazer uma casa. Os ladrões foram ao seu apartamento e roubaram-lhe todas as economias.

Fountain afirmou à Polícia nunca ter tido tempo de ir ao Banco. — (A. N. I.).

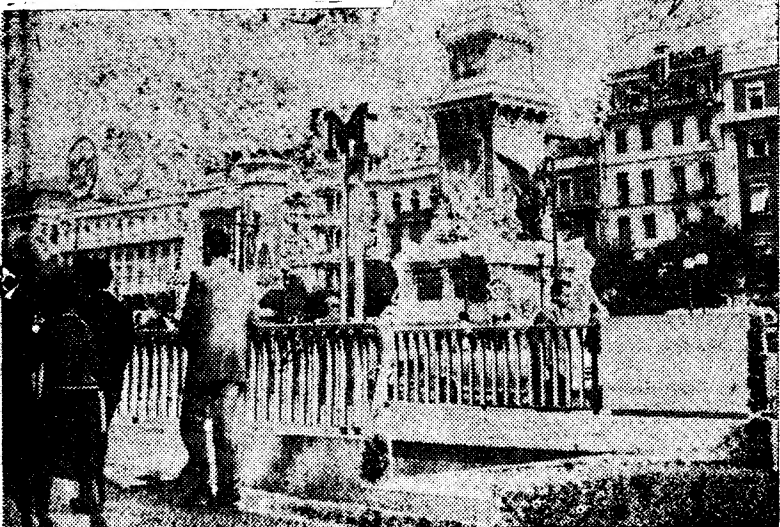
DENTES COMO ESTES SÓ COM

PASTA MEDICINAL COUTO

CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA



**está pronto
já diariamente
treino do pessoal**



A entrada do Metropolitano nos Restauradores

nhá numa obra que significa progresso, de características essencialmente nacionais.

Obcecando todas ao mesmo sentido arquitectónico, cada estação oferece, porém, o seu aspecto próprio, com uma decoração que, empregando materiais idênticos, apresenta efeitos diversos. Houve, real-

mente, a ideia felicíssima de utilizar, como base da decoração normal, o azulejo, que tanto carácter português imprime às construções. Desenhos modernos, da autoria de Maria Keil ou executados sob a sua direcção, constituem verdadeiros e

(Continua na 6.ª página)

Amália Rodrigues

**aguardada no Rio de Janeiro
pelo industrial Cruz Seabra
não confirma nem desmente o casamento**

RIO DE JANEIRO, 3.—A artista portuguesa Amália Rodrigues, que ontem chegou a esta cidade a bordo do paquete «Vera Cruz», disse aos jornalistas que veio à capital carioca para visitar pessoas amigas e descansar e que aqui ficará até Dezembro próximo.

Acrescentou que até o ano de 1970 correrá o Mundo, visitando toda a Europa e o Médio Oriente. Neste período poderá conhecer algum homem e casar com ele, seja qual for a sua nacionalidade. «Sei lá com quem!...» disse.

Entretanto, ao passar pelo porto de Salvador, Amália Rodrigues, embora sorrindo, confirmou a um jornalista, que ia casar com o industrial brasileiro César Seabra, dizendo também que a amizade entre ambos vinha de há longos anos, desde que o conheceu em Portugal.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, porém, Amália Rodrigues, interrogada sobre o seu casamento com o industrial, não confirmou nem desmentiu a notícia, preferindo ficar calada.

Concluindo as suas declarações, a artista afirmou que não vem cumprir nenhum contrato; esta viagem

CONCURSO PÚBLICO

No Ministério das Obras Públicas efectuou-se hoje um concurso público para a construção de um laboratório na Estação de Culturas e Regas, em Alvalade. A base de licitação era de 126.792\$00.

Termas de Monte Real

Hotel Monte Real

Abertos até 30 de Novembro

Mil jornalistas de todo o Mundo assistiram anteontem em Paris à inauguração do Salão de Automóveis

Lá e cá, como de resto em todo o Mundo, o automóvel é rei e senhor deste pobre homem-máquina que foi atrado para a vida em pleno século XX. Objectos de luxo para poucos e úteis acessórios instrumentos de trabalho para uns tantos, os veículos motorizados são, ainda, objectos de cobiça para os restantes, ansiosos todos de se locomoverem tão depressa quanto permitem as reduzidas possibilidades terrestres, enquanto a Lua permanece apenas ao alcance dos foguetões sem tripulação.

Eis a razão porque o «Grand Palais», debruçado sobre o Sena e olhando de frente o «Hotel des Invalides», atraiu anteontem meia Paris à sua ampla estrutura de pavilhão de exposições. O «Salon de l'Automobile», que há 49 anos ali se realiza, é um dos principais cartões da «saison» parisiense, que este ano (como nos anteriores, aliás) se anuncia repleta de atrações. Mais do que isso, ele constitui um dos pontos culminantes do programa mundial de exposições de automóveis, onde sempre lhe estão reservados os primeiros onze dias de Outubro. Assim, o Salão de Automóveis de Paris tem uma tradição, a que se submetem, gostosamente quantos se interessam por automobilismo. E não são poucos, a avaliar pela afluência de público registada nos dois primeiros dias de exposição e pela presença de aproximadamente mil jornalistas de vários países, além de um número incontável de jornalistas franceses. A nós, que fomos na véspera da inauguração apresentar credenciais ao «Bureau de press étrangère» do «Grand Palais», coube-nos o livre-transito n.º 735 e um sorriso de simpatia quando declinámos a nossa nacionalidade á gentil empregada, que a não inscrevera ainda no longo registo que manuseava.

Oitocentos e trinta expositores

O Salão apresenta, este ano, mais um ponto de interesse: a sua organização já dentro do plano do Mercado Comum Europeu, permitindo um total confronto entre os últimos modelos construídos em todos os países onde se fabricam automóveis. O volume de expositores aumentou por isso, atingindo a cifra de 830, que teremos de reconhecer considerável, tanto mais que, pela primeira vez, deixaram de figurar

na exposição os motociclos, camionetas de carga e autocarros. Assim, o visitante tinha á disposição da sua curiosidade nada menos de 74 marcas de automóveis, cada qual com os seus variados modelos, num total superior a três centenas e meia de veículos.

Lado a lado, competindo em progresso mecânico e em beleza de linhas, 14 marcas francesas, 23 britânicas, 15 americanas, 13 alemãs, 8 italianas, 1 holandesa, outra sueca e ainda uma outra checoslovaca, apregoam os mais recentes melhoramentos e exibem as mais espantosas características, numa autentica Babel automobilística, cujo objectivo irrealizável de alcançar a perfeição parece, afinal, atingido. Ninguém será capaz de contradizer esta afirmação, rememorando a evolução do automóvel desde os princípios do século e abrindo os olhos de espanto ante os dezassete gigantescos «plateaux», apinhados de automóveis, de carroçarias coruscantes sob a luz encadeante de seiscentos projectores.

Vedetas metálicas e... de carne e osso

Como nem só de automóveis vive o homem, justifica-se plenamente o estratagemas dos principais expositores, acrescentando ao interesse

VITOR DIREITO

(Continua na 11.ª página)



Modelos de carne e osso chamam a atenção dos modelos de automóveis agrupados no Salão de Paris

Seiscentos animais de trabalho e milhares de pombos tiveram hoje ração melhorada

Tratar bem os animais é uma prática cristã que o materialismo da época actual chega, lamentavelmente, a desprezar. E' por isso que iniciativas como a da União Zoófila que, em comemoração do «Dia do Animal», distribuiu hoje rações especiais a milhares de pombos e a cerca de 600 animais de trabalho, entre burros, cavalos e muare, merecem o maior louvor.

O «Dia do Animal» realiza-se amanhã, por ser o dia dedicado a S. Francisco de Assis, o santo que tinha como irmãos todos os animais, mas as comemorações principiaram esta manhã, com a inauguração de uma auto-ambulância de assistência e fiscalização. A viatura

dispõe de material de primeiros socorros, uma pequena maca, grade para condução de gatos e várias correntes para cães.

A brigada da União Zoófila, constituída pelo chefe da fiscalização, sr. Arthur Lourenço Sardinha; pelo motorista sr. Manuel Gomes e por duas encantadoras crianças, Maria Júlia Gomes Garcia de Carvalho, de quatro anos, e Luís Manuel Correia Lopes, de cinco e meio, segundo as suas próprias palavras (...), as quais deram lugar a quadros cheios de graciosidade e ternura ao distribuírem aos animais, elas próprias, as rações, no total de 110 litros de milho, 70 de fava e 12 molhos de cenouras. Estiveram na Estrela, Rossio, S. Pedro de Alcantara, Carmo, Mercado 28 de Maio, Camões, Mercado da Ribeira, Jerónimos, Ajuda, Terreiro do Paço, Governo Civil, Polícia Internacional, Museu de Artilharia, Rua do Crucifixo e Alto do Pina. E os momentos de distribuição foram seguidos por muito povo com terna curiosidade.

— Olha, saiu a «sorte grande» ao burro!... — ouvimos comentar a uma das numerosas vendedoras do Mercado da Ribeira, quando as criancinhas erguiam a alcaça das cenouras para alimentar um humilde jérico...

Pretendem vender ouro, pratas
ou joias recebendo o máximo?
**GRANDE OURIVESARIA
DA MODA**
R. DA PRATA, 257

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: m Portugal Continental, o vento era fraco de Sueste e o céu estava muito nublado e havia neblina na faixa costeira ocidental, por acção duma massa de ar continental, transportada na circulação dum anticiclone centrado a Nordeste de Espanha.

TEMPERATURAS OBSERVADAS HOJE ÀS 9 HORAS (T. M. G.): Porto, 19°; Coimbra e Funchal, 23°; Lisboa, 20°; Faro, 22°; Portalegre, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS HOJE ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: Na atmosfera, 18°7; na água do mar, 20°6.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: Máxima, 24°5; mínima, 18°4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 21°4; mínima, 16°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Céu muito nublado, vento fraco de Sueste, rondando para Sudoeste. Neblina na faixa costeira ocidental, aguaceiros ou chuva fraca a partir da noite. Melhor a partir da tarde de amanhã.



Comemoração do 16.º aniversário da montagem da defesa antiaérea de Lisboa

Em continuação das cerimónias comemorativas do 16.º aniversário da montagem da defesa antiaérea de Lisboa, realizam-se, esta tarde, no Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, diversas manifestações a que assistem, além de vários oficiais-generais, o ministro das Obras Públicas e o subsecretário do Exército.

Após a passagem em revista ao regimento em formatura na parada e a cerimónia da imposição das divisas a cabos, as entidades convidadas inauguraram uma exposição

de trabalhos de oficiais e praças da unidade. Seguidamente, efectuar-se-ão as provas desportivas e exibição de classes de ginástica. A terminar, será exibido um filme sobre a unidade.

As 17 horas, os 1.º e 2.º comandantes do regimento, respectivamente, coronel Rui da Silva Horta e ten-coronel Alfredo Botelho de Oliveira, oferecem uma merenda aos seus convidados.

A noite, haverá um acto de variedades por praças da unidade.



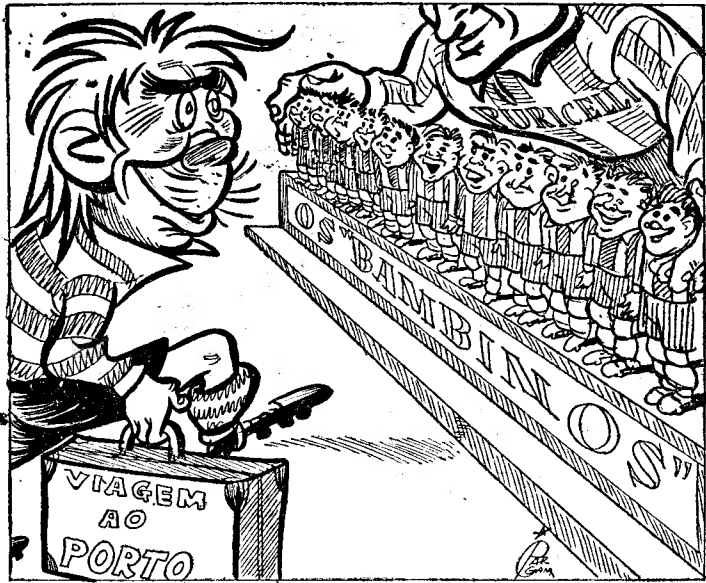
BERLITZ-SCHOOL

INSTITUTO DE LÍNGUAS

Rua Sociedade Farmacéutica, 30-1.
Telefone 54530

Ainda há alguns lugares, para os cursos de: **FRANCES, INGLÊS e ALEMÃO**

INSCRIÇÕES DAS 10 AS 23 HORAS



O Porto vai apresentar um «novo conjunto» aos «leões»...

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O jogo Oriental-Barreirense reveste-se da maior importância

Acompanhando a par e passo o Torneio Maior do nosso futebol, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua terceira jornada, com todas as equipas ainda, como que indiferentes aos resultados feitos até agora, porque a prova é longa e tudo pode suceder. Daí o interesse com que a luta está a desenrolar-se.

Os jogos da Zona Norte

O torneio da zona Norte oferece-nos os seguintes desafios:

Torreense-Sanjoanense
Caldas-Sporting de Espinho
Vianense-Peniche
Oliveirense-Marinhense
Beira Mar-União de Coimbra
Salgueiros-Vila Real
Chaves-Académico do Viseu

Os dois clubes baixados da 1.ª Divisão jogam nos seus campos, mas só ao Caldas se concede favoritismo. O Torreense, até agora a dar má conta de si, tentará, por certo, arrancar os primeiros pontos, mas a tarefa é difícil.

Nos restantes desafios é difícil dar a preferência a qualquer. De um modo geral, todos se apresentam repletos de interesse. Contudo, dando-se favoritismo ao Salgueiros e ao Desp. de Chaves, ficam como desafios os jogos de Oliveira de Azemeis, Aveiro (entre duas equipas vindas da 3.ª Divisão) e Viana do Castelo. Talvez os visitantes saibam tirar partido do facto de jogarem em casa...

Os desafios da Zona Sul

O programa da zona Sul está assim elaborado:

Oriental-Barreirense
Estoril-Parense
Oliveiras-Almada
Desportivo de Beja-Aroios
Juventude-Lusitano de Vila Real
Portimonense-Montijo
Olhancense-Serra

Os desafios de Marvila e de Portimão alinham à direita dos restantes, no tocante a interesse. Defron-

PUGILISMO

Uma vitória do campeão de Itália dos «meios-pesados»

MILÃO, 3. — O pugilista Sante Amonti, campeão da Itália da categoria de «meios-pesados», bateu por pontos o espanhol José González, num combate de 10 assaltos, disputado no Palácio do Gelo, desta cidade. Amonti pesou 83,100 e González, 80,700.

Amonti mostrou-se durante todo o combate um perfeito pretendente ao título europeu, que vai disputar contra Erich Schoppner, a 7 de Novembro. — (A. N. L.)

HOJE À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — «Regional» da 1.ª Divisão: Futebol Benfica-Paço de Arcos, às 22 e 23 horas. «Regional» da 2.ª Divisão: Recreios de Alges-Sp. Torres, às 22 e 30 h.

tam-se nesses dois campos quatro equipas com justificadas pretensões e as lutas apresentam-se susceptíveis de equilíbrio, com difícil prognóstico.

O Estoril e o Oliveiras, também jogando em Lisboa (como o Barreirense) podem tirar partido dessa circunstância, mas, sem dúvida, não podem confiar muito.

Beja, Juventude e Olhanense merecem favoritismo.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — A Federação Portuguesa de Atletismo marcou para amanhã a 1.ª jornada do I Campeonato Nacional, que decorrerá a partir das 15 horas no Estádio Alvalade, intercaladas as provas com outras da A. A. L.

Com vista ao apuramento da sua representação no «Primeiro Passo», o Belenenses faz disputar no Restelo, às 9 e 30 horas, mais um torneio para sócios e simpatizantes com provas de 80, 250, 700, 2.000 metros, altura, comprimento e peso. Medalhas aos vencedores.

AUTOMOBILISMO — O Sporting faz disputar amanhã o seu 9.º «Rallye» Nocturno, que principia às 20 horas, com uma prova complementar em Alvalade, seguida da prova de estrada que termina no mesmo local, às 23 h. 46 m., para logo se efectuar a 2.ª prova complementar.

Em Tábua, realiza-se uma ginca automovilística, dotada de valiosos e numerosos prémios, revertendo o produto para a A. B. Voluntários daquela vila.

CAMPISMO — O 9.º Acampamento do Outono, organizado pelo Clube de Campismo de Lisboa, na Costa da Caparica, tem o seu 2.º dia com hasteamento de bandeiras (9 horas), vários campeonatos (10 h.), festa do campo e distribuição de prémios (15 h.) e pequeno fogo de campo (22 h.).

CICLISMO — O Aguias, de Alpiarça, faz disputar, de manhã, o 2.º «Circuito das Vindimas», para populares (3 voltas ao campo) entre Alpiarça-Tapada-Almeirim-Alpiarça, com partida e chegada no Estádio Municipal. À tarde, às 15 horas realiza-se um festival em pista, para corredores de várias categorias e com várias provas, concorrendo ciclistas do Porto, Sporting e Aguias.

— Os corredores «populares» têm, ainda, o «Circuito da Caparica».

CORTA-MATO — O Casa Pia A. C. faz disputar, às 10 horas, nos terrenos de «Pina Manique», duas provas de corta-mato numa distância de 3.000 metros (para atletas de 15 a 17 anos) e outra de 5.000 metros (para atletas de 18 a 21 anos).

FESTIVALS — O C. A. C. Ourique promove, no seu «rink» de patinagem, às 21 h., um torneio de hóquei em bicicleta, com a participação do Benfica, Atlético, Spor-

(Continua na 11.ª página)

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O «clássico» F. C. Porto-Sporting domina o interesse de uma jornada (3.ª) que pode provocar sensíveis mudanças na classificação

A estreia do tradicional ciclo do futebol português — jogos entre os «4 grandes» — efectua-se amanhã, no Estádio das Antas, e por curiosa coincidência proporciona a participação de um dos «maiores» que ocupa, de parceria com o Benfica o 1.º lugar na tabela classificativa. Esse «maior» é o Sporting, que, pela segunda vez neste campeonato, actua no campo do adversário, na condição de invicto nas duas jornadas anteriores.

O resultado das Antas e o do campo «D. Manuel de Melo» são susceptíveis de provocar sensíveis mudanças na posição dos clubes — se as não ditarem mesmo, o que é mais do que provável.

A «rodada» engloba os seguintes jogos:

F. C. Porto-Sporting
Cuf-Belenenses
Benfica-Lusitano
Atlético-V. Setúbal
Académica-Leixões
Sp. Covilhã-Sp. Braga
V. Guimarães-Boavista

De anotar, as perspectivas tranquilas que se oferecem aos «encarnados» e serranos e a difícil «saída» do Belenenses que vai defrontar um adversário com zero pontos — factor a ter na devida conta.

Uma incógnita de peso a derimir nas Antas

A fraca exibição do F. C. Porto frente aos Checos e o impedimento de Carlos Duarte e Hernani — «quase» meio «team» — parecem constituir vantagens consideráveis para o grupo «leão», o qual também altera o seu «conceito» normal tal como o antagonista é forçado a fazer. Afigura-se que a homogeneidade do Sporting é capacíssima de suportar o ambiente escaldante das Antas, mas negar-se a possibilidade

de de uma reabilitação do quadro dos campeões nacionais equivale a menosprezar-se o substracto das virtudes humanas. Além disso, convém não esquecer que o F. C. Porto, em transe delicado, não pode pensar em perder pontos na sua própria casa. Portanto, a previsão do resultado consubstancia uma in-

Benfica-Lusitano e Atlético-Setúbal os jogos de Lisboa

cógnita de peso. No confronto da eficácia dos dois sectores dianteiros reside o segredo da intrínseca solução, mas os compartimentos defensivos podem também influir decisivamente pelo que o empate é prognóstico que não custa a admitir.

Os jogos tranquilos

Tudo indica em relação às possibilidades demonstradas nas duas primeiras jornadas, que tanto o Lusitano como o Sp. de Braga não parecem fadados para o êxito nos encontros que vão disputar na Luz e na Covilhã, respectivamente, da do que o Benfica — em fase propícia ao requistamento dos sectores — e o Sp. da Covilhã — estimulado pela vitória registada em Setúbal — devem aproveitar a circunstância de serem visitados para, evidentemente, chamarem a si os dois apetecidos pontos.

Dois jogos tranquilos, portanto, o que significa as prováveis derrotas dos visitantes.

Outra partida de cariz idêntico

disputa-se em Coimbra, mas a presença de Osvaldo Silva e Jaburu no ataque do Leixões deve constituir uma ajuda de tomo para a personalidade que os Matosinhos estavam a necessitar. Contudo, o favoritismo dos «estudantes» é defensável.

Noutro aspecto, embora as circunstâncias sejam similares às dos anteriores encontros apontados, a tarefa dos alcantarenses afigura-se fácil, em face da debilidade denunciada pelos Setubalenses. Mas a posição na cauda da classificação deve «espicaçar» o brio dos vitorianos. Portanto, o Atlético terá de revestir-se de todas as cautelas.

Atenção, Belenenses

Em campo «pelado» — nesta 3.ª jornada apenas três jogos se disputam em terrenos dignos do século XIX — e de dimensões reduzidas, os belenenses terão tarefa difícil frente aos cufistas que, em duas partidas, ambas com derrotas, sómente marcaram um golo. Este facto, sinal de inoperância ofensiva, representa no entanto uma séria ameaça para os «azuis» pelo que o chamamento à atenção requerido se impõe. Por outro lado, a lição do Restelo (apatia perante a aparente fraqueza do adversário) reforça a advertência.

Seja como for, o encontro promete luta vibrante.

Prováveis formações

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Luís Roberto, Miguel Arcanjo e Monteiro da Costa; Perdigão, Gastão ou Ferreirinha, Noé, Teixeira e Morais.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Pêrides, Fernando, Diego, e Ferreira Pinto.

C. U. F. — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e José Luís; Rodrigues ou Gastão, Bispo, Pedro Silva, Salvador (ex-Benfica) e Ernesto.

BELICENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas ou Miguel, Alemãozinho (ex-Leixões), Tonho, Matateu e Estevão.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Cruz; José Augusto, Santana, Aguiar, Cavém e Palmeiro.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Narciso; Vicente, Falcão e Caraca; Antunes, Manuel Jorge, Ivson, Flor e Fialho.

ATLETICO — Ramin; F. Ferreira e Lopes; Orlando, Germano e Brandão; Angeja, Gomes, Albano, Bispo e Tito.

V. SETUBAL — Libanio; Vaz e Manuel Joaquim; Alfredo, Sidney e Serra; Jacinto, Mateus, Mendonça, Miguel e Virgílio.

ACADEMICA — Maló; Araújo e Juca; Malícia, Wilson e Torres; Rocha, Gonçalves, Samuel, Miranda e Nuno.

LEIXÕES — Rosas; Santana e Raul II; Oliveira I, Raul I e Arlete; Carlos Alberto, Osvaldo Silva, Jaburu, Silva e Nunes.

SP. COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lúizinha, Lourenço e Martinho; Pires, Gabriel, Suarez, Caldas e Amilear.

SP. BRAGA — Cesário; Armando e José Maria Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; Rafael ou Teixeira, Livinho ou Passos, Teixeira, Mendonça e José Maria Matos.

V. GUIMARAES — Pinho; Catarina e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bartolo, Edmundo, Romeu, Carlos Alberto e Daniel.

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Campos, Ribeiro e Torres ou Honório; Kovacs, Guilherme, Adriano, Garcia (ex-S. Lorenzo de Almagro) e Germano.

HÓQUEI EM PATINS

Benfica e Sintra continuam a par no comando do «Regional»

Disputaram-se, ontem à noite, mais cinco encontros respeitantes à segunda volta do campeonato do Sul, de hóquei em patins.

O desafio de maior interesse, considerando a surpreendente baixa de forma do «team» de Cascais, era o marcado para o ringue da Avenida Gomes Pereira, onde o «leader» da prova recebia a turma de Oeiras.

Afinal a partida teve magros motivos de agrado porquanto nem o quadro visitante nem o quadro visitado proporcionaram hóquei de boa qualidade. A ausência de Mário Lopes, no «cinco» do Benfica, terá contribuído para o ritmo lento que a equipa pôs no despique até a marca atingir 3-1? Não sustentamos essa opinião. A pouca velocidade do desafio foi derivada mais da forma de actuar do grupo da Costa do Sol, do que propriamente devido à iniciativa dos homens da camisola encarnada.

Perdigão abriu o activo aos dois minutos de jogo e aguardava-se que a marca subisse dentro em breve. Todavia, o primeiro trecho da partida chegou sem mais tentos.

No recomeço, de novo, Perdigão aumentou a vantagem. Durou pouco, porém, a tranquilidade dos donos do campo, pois Nogueira, no minuto seguinte, no seguimento de

um «livre» fez 2-1. Urgeiro, aos 7 minutos, colocou a sua equipa a vencer por 3-1. Aos 12 minutos, Perdigão elevou a conta para 4-1. E, aos 14 minutos, Nogueira, de grande penalidade, fez 4-2.

Sob a arbitragem de Jorge Rosa, as equipas alinharam:

BENFICA — Orlando; Vítor Rocha, Lisboa, Pires Gonçalves, Perdigão e Urgeiro.

ASS. OEIRAS — Alves, Machado, Nogueira, Rios, Garcia e Virgílio.

★

Nos outros encontros, os resultados foram os seguintes: C. U. F., 1-Sporting, 1; Sintra, 4-Paredes, 0; Cascais, 0-C. Ourique, 6; Lisgás, 2-Mundet, 7.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	16	12	2	2	82	43 42
Sintra	16	12	2	2	78	44 42
C. Ourique	16	11	—	5	67	32 38
Mundet	16	10	2	4	55	39 38
P. Arcos	16	8	4	3	44	32 35
Sporting	16	6	3	7	46	47 31
Cascais	16	7	—	9	50	66 30
C. U. F.	16	6	2	8	47	50 30
F. Benfica	16	6	1	8	43	50 28
Oeiras	16	3	2	11	40	55 24
Paredes	16	3	1	12	46	69 23
Lisgás	16	1	1	14	37	108 18

Várias provas de amanhã

(Continuação da 10.ª página)

ting do Rio Seco e C. Ourique, seguido de um jogo de hóquei em patins, entre os principiantes do C. A. C. O. e da Liga dos Melhoramentos de Algués. Entrada grátis.

FUTEBOL (A. F. L.) — O Campeonato Distrital da 1.ª Divisão tem a 4.ª jornada, de os seguintes encontros: Vilafranquense-Alverca, em Vila Franca; Casa Pia-Vitória em «Pina Manique»; Desp. Olivais-Fut. Benfica, em Moscavi-de — todos às 13 e 15 horas (reservas e honra); Operário-Alhandra, em Chelas; Sintrense-Sacavenense, em Sintra — ambos às 13 e 30 e 15 e 30 h. (reservas e honra).

— O Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão tem a sua 2.ª jornada, jogando:

Série A — Torriense-Aroios, em T. Vedras, às 10 h.; Algués-Palmense, em Algués, e Atlético-Benfica, na Tapadinha, ambos às 10 e 30 h.; Casa Pia-Estorial, em «Pina Manique», às 11 h.

Série B — Vilafranquense-Sporting, em V. F. Xira; S. L. Olivais-Oriental, nos Olivais; Alhandra-Charneca, em Alhandra; Vialonga-Belenenses, em Vialonga — todos às 10 e 30 horas.

GOLFE — Inaugura-se mais uma temporada no Clube de Golfe do Estorial, disputando-se a 1.ª volta (18 buracos) do «Torneio de Abertura», em singulares-homens, com partidos, com e sem abonos.

NATAÇÃO — Na piscina de Algués, às 10 horas, festival de encerramento da actividade das escolas de 1959, do Sport Algués e Dafundo.

— Prevê-se a conclusão da tentativa de «record» de permanência na água e de distancia, da iniciativa do nadador Primo Ferreira.

TÊNIS — Nos «courts» do Estorial prossegue o «Torneio Internacional» organizado pela F. P. L. T. e pelo Clube de Tênis do Estorial, com a presença de P. Rodriguez, Mandelstan, Pat Nettleton e Margaret Gibson. O programa só será

PELOS CLUBES

Handebol no Sporting

Na sede do Sporting está aberta a inscrição para os sócios e simpatizantes, dos 15 aos 17 anos, que queiram praticar handebol.

No Benfica

O Benfica aceita a inscrição de rapazes, dos 11 aos 15 anos, que pretendam frequentar a escola de jogadores do clube na modalidade de basquetebol.

UMA ROMAGEM

de Belenenses

ao cemitério da Ajuda

Amanhã, pelas 10 e 30 horas, realiza-se uma concentração do Belenenses à entrada do cemitério da Ajuda, onde será deposto um ramo de flores no túmulo de José Manuel Soares (Pepe), acto simbólico no qual se renderá homenagem a todos os belenenses já falecidos.

GINÁSTICA

As classes do Ginásio começam a funcionar no dia 6

O Ginásio Clube Português promove amanhã, pelas 16 horas, o tradicional baile comemorativo do início da nova época de actividades gimno-desportivas, que será precedido de uma sessão solene para distribuição de medalhas de assiduidade, de concursos de ginástica e de natação e insignias de mérito desportivo relativas à época anterior.

As classes do clube iniciam o seu funcionamento na próxima terça-feira, de harmonia com os horários afixados, continuando abertas as respectivas inscrições.

Centro Esparhol

As actividades educativas ministradas no centro de educação física do Centro Esparhol, que funcionam sob a direcção do prof. Julio Santos, recomeçam no próximo dia 6.

A inscrição no regime de ensino, individual ou em pequenos grupos homogêneos, encontra-se aberta até 31 de Dezembro.

estabelecido depois dos encontros de hoje ao fim da tarde.

TIRO — 3.º Torneio «Portugal-S. Paulo», por correspondência, na carreira do S. L. Benfica, no Campo Grande, das 9 às 12 horas, com a prova de carabina a 50 metros (60 tiros), deitado.

TIRO AO ARCO — Foi marcada para amanhã, em local e horas a designar pelo Lisboa Ginásio Clube, ao qual a F. P. de Tiro confiou o encargo da organização, o 7.º Campeonato Distrital de Lisboa.

VELA — Em frente da Praia de Algués começa a disputar-se o troféu «António Bustorff», em «sharpies» de 12 m2, competição organizada pelo Centro de Vela da M. P.

VOLEIBOL — Em continuação do «Torneio de Encerramento», de seniores, jogam, às 11 horas, na Parede, as equipas do C. N. de Ginástica e do Académico.

As fábricas francesas de automóveis produzirão durante este ano um milhão e duzentas mil unidades

(Continuação da página central)

suscitado pelas suas *vedetas metálicas*, um outro possível interesse, que fica a cargo de *vedetas de carne e osso*, vestidas pelos mais conhecidos costureiros de Paris. De «stand» em «stand», um grupo numeroso de manequins passava a sua requintada elegância, criando contrastes ou estabelecendo conjuntos que os fotógrafos profissionais ou amadores, vão aproveitando a seu belo prazer.

Uma espiral reluzente, que serve para mostrar as vantagens de nova e eficiente suspensão, transformase, por momentos, em «passarelas» de modelos, para goáudio das numerosos visitantes que, ao contrário dos maridos, se preocupam mais com o comprimento das saias do que com o rendimento de um motor de pequena cilindrada ou a eficiência de certos travões hidráulicos. No final, valha a verdade, os homens sempre vão deitando uma olhadela...

Cores claras e modelos utilitários

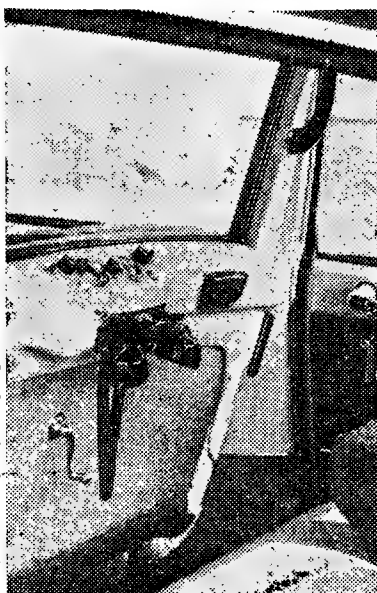
Seguindo uma linha de conduta iniciada há cerca de dois anos, justificada pela preferência do público, os produtores de automóveis escolhem cores claras para as carroçarias dos seus veículos. O preto, que antigamente era sinal de distinção e bom gosto em pinturas de carros, quase foi banido por completo. Ressalvando um possível erro visual, nem um só modelo desta cor figura no 46.º Salão Automóvel de Paris. Cores predominantes: azul, verde, cinzento e vermelho, nas tonalidades menos escuras.

A par da variedade de cores, a variedade de modelos, com vantagem para os carros chamados utilitários, que cada vez apresentam maior número de inovações, ao contrário do que acontece em relação aos carros grandes, cujos construtores parecem satisfeitos com as obras apresentadas nos últimos anos. Os automóveis que, em Portugal, se vendem por preços superiores a 70 contos, figuram sem qualquer novidade apreciável no «Grand Palais».

Quanto aos outros, porém, há muito que se lhe diga. Só de pequenos veículos com menos de 700 c. c. de cilindrada há mais modelos do que dedos temos nas mãos. Cada um apresenta a sua particularidade e oferece vantagens variadas e quase todas elas apreciáveis. Estas pequenas viaturas, poucas das quais há poucos dias chegaram ao nosso País, competem em qualidade e beleza. Não é difícil profetizar-lhe um grande número de admiradores. São relativamente baratas, os seus motores desenvolvem cada vez maior potência com um cada vez mais pequeno consumo de gasolina e o espaço destinado aos utentes (quase sempre em número de quatro) amplia-se de dia para dia, graças a prodígios de aproveitamento das minúsculas carroçarias.

Luxo por baixo preço

Como exemplo frisante do nível de produção de viaturas deste tipo, pode apontar-se, sem perigos de pu-



Os carros munidos de radiotelefone começam já a ser vulgares

blicidade, uma vez que não virá tão cedo para Portugal, uma pequena joia da indústria automobilística holandesa, que estava representada pela primeira vez no Salão de Paris. Trata-se de um elegante veículo de duas portas e quatro lugares, de linhas exteriores idênticas às últimas criações dos desenhadores italianos. Admiramos as suas características. O motor é de 590 c. c., a 4 tempos, com dois cilindros opostos, arrefecido por ar e colocado na parte dianteira do carro. A caixa de velocidades é automática, pelo que o carro apenas tem, para o condutor, dois pedais — um travão de pé e o acelerador. O seu comprimento é de 3,60 m. e a largura de 1,44, o que lhe proporciona excelente estabilidade, em função da sua pequena altura. Lançado na estrada, pode atingir facilmente os 90 km/h. com um consumo insignificante de 6 litros aos 100 quilómetros. A suspensão é independente às quatro rodas, onde funcionam outros tantos travões hidráulicos. Pois este carro vai vender-se em França, para onde será exportado, por preço inferior a 40 contos.

Temos ou não temos razão? Quase pode dizer-se que passaremos a pagar luxo por pouco dinheiro.

Os carros franceses

Ao contrário do que diz o rifão, ainda há santos da casa que fazem milagres. É ver a enorme variedade de automóveis franceses presentes na exposição, que o público distinguia com a sua preferência. Sempre são mais baratos e não ficam nada a dever ao que se fabrica em outros países. Pelo contrário. As três grandes marcas francesas possuem hoje linhas admiráveis de viaturas para todos os preços e gostos.

A indústria automobilística gaula caminha a passos agigantados sobre a estrada do progresso. Este ano, ela produziu nada menos de um milhão e duzentas mil veículos motorizados, cuja maioria se destina à exportação.

Gracias a uma política económica bem orientada, a França exportou, no primeiro semestre do corrente ano, a bonita soma de 187.251 viaturas, 52.772 das quais foram para a América, onde a procura de carros utilitários europeus cresce de forma assustadora para os produtores americanos.

Que fazem eles para se defender? O Salão de Paris não nos deu resposta. Os carros «made in U. S. A.» continuam de dimensões gigantescas, carregados de acessórios e cromados e com motores que gastam gasolina como algumas mulheres gastam dinheiro. Desta linha nem mesmo se desvia a única novidade americana apresentada em Paris — um automóvel de marca consagrada, equipado com motor instalado na parte traseira da viatura e arrefecido, por ar. Pelos vistos, os bons exemplos frutificam...

Por tudo isto, e pelo muito que é mais para ver que contar, quando se abandona o «Grand Palais», vem connosco a impressão nítida de que se atingiu o máximo em matéria de produção de automóveis. Resta-nos esperar os primeiros «foguetões utilitários» para a Lua. — V. D.

Tauromaquia

Da Andaluzia ao Ribatejo

Com touros de Ribeiro Teles foram ontem aplaudidos no Campo Pequeno os cavaleiros Pedro Loureiro e David Ribeiro Teles e os novilheiros Armando Soares, ovacionado com a capa, as bandarilhas e a «muleta», e Amadeu dos Anjos, este num único novillo, de Pinto Barreiros, insuficiente para se julgar dos seus progressos. Menção especial mereceu, por sua brilhante actuação, «Limeño», o excelente toureiro de Sanlúcar que na sua terra vimos agora cortar orelhas ao lado do nosso José Julio, o português que está a entusiasmar os Espanhóis.

Para o ver amanhã em Vila Franca, em que José Julio alternará com Curro Puya, o sevillano que honra o nome de seus tios, vimos ontem à noite desde Sevilha, onde vimos outro Português cortar orelha, o valentíssimo José Trinchiera. Deste escreveremos oportunamente, que a oportunidade de Vila Franca justifica o insistirmos hoje no grande êxito que em Espanha está a obter José Julio, que na sua terra vem despedir-se antes de tomar alternativa em Saragoça. Os aficionados espanhóis estão entusiasmados com José Julio, e os próprios toureiros, como Pepin e Manolo Gonzalez, felicitaram-nos pelo êxito do nosso compatriota, augurando-lhe alto lugar na próxima temporada «Litri», que em Huelva vimos matar quatro touros, convidou-o connosco para sua casa e dirigiu-lhe elogios a que se associaram bons aficionados andaluzes ali reunidos.

A afição portuguesa, bem informada dos êxitos de José Julio, saberá amanhã, e depois, festejá-lo em Vila Franca, e os seus conterrâneos, que lhe vão oferecer um capote de luxo, com o escudo do Município, saberão prestar-lhe cáli da homenagem. Nós, que da Andaluzia viemos para o ver no Ribatejo,

O PORTO pelo telefone

Acidente de viação

PORTO, 3 — Esta madrugada na Rua Clube F. Portuense um automóvel conduzido pelo comerciante António Figueiredo, de 46 anos, casado, morador na Rua Augusto Gil, 48, rés-do-chão, em que seguiam como passageiros o comandante do vapor «Garoni», fundeado no Douro, Prouk Maarten, de 39 anos, e o maquinista Miranda Eduard Adrian de 32 anos, ambos holandeses, devido o pavimento se encontrar molhado, derrapou e voltou-se. Do acidente saíram feridos o condutor do veículo e o comandante do «Garoni», que foram tratados no Hospital da Misericórdia de várias contusões.

Incêndio num armazém

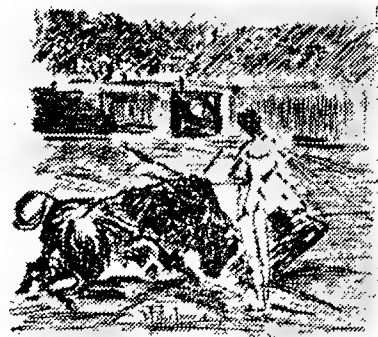
De madrugada, manifestou-se incêndio no armazém da firma Gacel, Lda., na Rua da Restauração, 335. O fogo foi causado por excesso de calor numa caldeira, mas foi rapidamente dominado pelos Sapadores Bombeiros, causando prejuízos de pouca monta.

Traineira com avaria

Entrou em Leixões, a reboque da traineira «Nossa Senhora da Boa Sorte», a traineira «Auxiliadora», que no mar de Viana do Castelo sofreu avaria na casa das máquinas, ficando impossibilitada de navegar pelos seus próprios meios.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 21 e 30 — «Eles, elas... e os meninos»
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30: «Fugiu um condenado à morte»
COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30: «O passarinho da ribeira»
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Barqueiros do Volga»
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A orquídea negra»
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A decisão de um co-barde»
3. JOAO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Desde que ele partiu»
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Viagem de noivos»
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Noites do Scala de Berlim»
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Os dez da Legião»



«EL TERRIBLE PEREZ»

Agradecimento da Misericórdia da Golegã

Recebemos da Misericórdia da Golegã um ofício de agradecimento pela colaboração prestada pelo «Diário de Lisboa» ao festival tauromatino realizado no passado dia 19 de Agosto, na praça de Algués. Nesse mesmo ofício se diz que o saldo desse festival, que reverteu para as obras de beneficência daquela Misericórdia, foi de mais de 123 contos.



Para maiores de 6 anos
AMANHÃ, ÀS 4 DA TARDE

1.ª CORRIDA DA FEIRA

com touros de PAULINO C. SILVA para

MANUEL CONDE DAVID R. TELES

o clássico cigano

CURRO PUYA

e reaparição depois dos seus triunfos em Espanha de

JOSÉ JÚLIO FORCADOS AMADORES DE VILA FRANCA

PREÇOS: Sombra desde 45 — Sol desde 30

2.ª FEIRA, 5 (FERIADO)

As 16 horas com touros de PINTO BARREIROS para

JOÃO NÚNCIO D. FRANCISCO MASCARENHAS

e despedida de novillero de

JOSÉ JÚLIO ALFREDO SANCHEZ

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM capitaneados por Rhodes Sérgio

3.ª FEIRA, 6, às 21,45

SENSACIONAL FESTIVAL NOCTURNO

8 novillos-touros de JOSÉ S. LICO para os revolucionários do toureio a cavalo

José Barahona Núncio José Maldonado Cortes

4 — ESPADAS — 4

FORCADOS AMADORES capitaneados por João M. Doty Para maiores de 12 anos

DIAS 7 E 8 — ÀS 17,45

GRANDIOSOS ESPECTACULOS TAURINOS

Ver programas detalhados EMOCIONANTES ESPERAS DE TOUROS ÀS 10,30 — TODOS OS DIAS

Bilhetes à venda: em Lisboa, R. 1.ª Dezembro, 85, e Agência ABEP, em Vila Franca, CAFÉ CENTRAL, Telefone 87

Os problemas do trabalho

segundo as mais modernas concepções da sociologia

por JEAN-LOUIS BRUCH

Qualquer que seja o ponto exacto que versem, as pesquisas sociológicas acabam necessariamente por convergir para um problema que domina toda a existência social do homem e determina, assim, indirectamente a sua conduta individual: o trabalho. A evolução da estrutura do trabalho nas civilizações modernas resulta, ao mesmo tempo, do progresso dos técnicos, dos condicionamentos económicos, dos objectivos políticos e sociais. Resume assim a situação do homem de hoje num fenómeno único que facilmente pode ser observado. Por outro lado, as condições actuais do trabalho põem realmente à prova a nossa civilização. Concebe-se facilmente que a pesquisa sociológica se tenha particularmente ligado à compreensão do trabalho e exame dos seus problemas.

A obra sociológica de Georges Friedmann aplica-se directamente ao estudo do trabalho. Repousa sobre inquéritos extremamente precisos dirigidos pelo autor, há mais de vinte anos, nas fábricas e oficinas; em França e na maior parte dos grandes países civilizados, esses inquéritos completam as observações dos outros sociólogos especializados nos problemas do trabalho, particularmente numerosos nos Estados Unidos. Mas esta pesquisa nunca se limita a uma simples exposição de factos. Georges Friedmann apresenta constantemente exemplos particulares que estuda na sua perspectiva económica e moral; e as suas conclusões devem guiar a organização prática do trabalho, ao mesmo tempo que elucidam a estrutura teórica. Desta forma se acha ultrapassada a oposição tradicional de uma prática empírica abandonada aos homens de acção e de uma teoria especulativa, exclusivo dos intelectuais. O sociólogo também tem uma missão social.

Entre os escritores e filósofos que se tornaram detractores do progresso técnico, Dahamel, Gabriel Marcel, e os sociólogos ou economistas que o exaltam, como Fourastié, Georges Friedmann adopta uma posição intermédia, que lhe impõe a observação minuciosa das condições efectivas do trabalho. Procura julgar as promessas e ameaças actuais ao trabalho humano, sem as iludir com previsões a longo prazo, como faz por exemplo Fourastié quando afasta as objecções lançadas contra a mecanização do trabalho e tendo em conta que a sujeição do operário à máquina e a escravização transitória, o preço temporário de um maquinismo ainda imperfeito.

E' no estudo da divisão do trabalho que mais claramente se mostra a preocupação humanista de Friedmann: o esfacelamento dos antigos ofícios, tal é o tema central dos «Problemas humanos do maquinismo industrial». «Para onde vai o trabalho?» e «O trabalho em migalhas», de Georges Friedmann.

Contrariamente ao que muitas vezes se afirma, uma divisão do trabalho já exagerada é fácil de encontrar nas sociedades antigas, pelo menos nas civilizações urbanas. Friedmann lembra os textos esclarecedores em que Xenoponte mostra como nas grandes cidades a fabricação do calçado se decompõe em quatro ou cinco operações sucessivas.

cessivas, confiadas cada uma delas a um operário diferente. E Herodoto diz-nos que no Egito havia médicos especializados no tratamento de cada parte do corpo.

Mas esta divisão do trabalho que o regime das corporações entrou por vezes artificialmente até o século XVIII deveria conhecer uma extensão indefinida, a partir do século XIX, e sobretudo com a aplicação dos métodos de Taylor. No trabalho em cadeia, mas também na maior parte dos trabalhos de máquina, e mesmo nas indústrias especificamente artesanais, como a relojoaria suíça, os ofícios adquiridos durante uma longa aprendizagem foram substituídos por uma série de tarefas analiticamente decompostas. São os operários especializados que executam automaticamente gestos sucessivos rigorosamente definidos pelas repartições de estudos. O trabalho esmigalhado desta forma. Os operários profissionais arriscam-se a tornar-se cada vez mais raros, progressivamente substituídos por manobras cuja rapidez é a sua única qualidade. O trabalho especializado substitui-se assim ao operário especializado.

E' verdade que o automatismo deveria terminar, quando se generalizar, por actividades parcelares que as máquinas realizarão inteiramente, libertando o operário para tarefas de «contrôle» e reparação. Mas Friedmann não se mostra inteiramente optimista dos teóricos «tecnicistas» sobre a universalização próxima do automatismo. Por motivos, ao mesmo tempo técnicos e financeiros, não parece que o automatismo atinja nas próximas décadas senão os sectores de produção já mais modernizados. Se o esmigalhamento das tarefas continuas a desenvolver-se noutros sectores, as condições desumanas do trabalho parcelar agravar-se-iam por muito tempo ainda.

E' do outro movimento, humano e não já técnico, que Friedmann espera revalorizar o trabalho. Insiste nesse ponto, sobretudo no seu ultimo livro, «O trabalho em migalhas», que resume o estado actual desta questão. E mostra como psico-técnicos e sociólogos podem intervir hoje eficazmente na vida social. Já há muito tempo se observou a degradação intelectual e moral produzida pelo esfacelamento do trabalho. Mas não se parou lá enquanto se julgou que o desenvolvimento indefinido da especialização era exigido pelo progresso da produtividade. Ora, pesquisas minuciosas psico-técnicas e experiências de reagrupamento das tarefas parcelares mostraram que para além de uma certa divisão das tarefas, as perturbações sociais resultantes do trabalho parcelar reduziriam a produtividade; noutros termos, o optimum da divisão não coincide com o seu máximo, e esse optimum está hoje muitas vezes ultrapassado. Isso porque os factores psicológicos e morais intervêm directamente no rendimento.

Desviando os chefes de empresa de um tecnicismo indiferente às condições humanas do trabalho, o sociólogo contribui assim pessoalmente para dar incremento a este humanismo do trabalho que hoje em dia tem de completar o humanismo literário e teórico da nossa tradição cultural: a revalorização intelectual do trabalho é uma condição essencial, ao mesmo tempo que a instituição de um ensino capaz de conciliar as exigências culturais duradouras e as necessidades técnicas do nosso tempo, e a organização das folgas que permita aos trabalhadores compensar a parcialidade da sua especialização profissional.

Grças a este novo humanismo, o homem conseguirá assimilar o meio técnico que se substitui ao meio natural em que viviam os nossos antepassados. E' adaptando-se a cultura intelectual e a condição do trabalho, e valorizando-as mutuamente que o homem do século XX enfrentará o desafio que o progresso técnico lhe dirige.

JEAN-LOUIS BRUCH

SRS. LAVRADORES

Antes de adubarem as vossas culturas pedimos a especial atenção para a grande **BAIXA DE PREÇOS** verificada nos adubos azotados de venda livre:

NITRO AMONIAL CONCENTRADO CUF

com 26,5% de azoto metade nítrico, metade amoniacal

PREÇO ANTERIOR ... 2.130\$00/T
PREÇO ACTUAL ... 1.935\$00/T

SULFONITRATO DE AMÓNIO

com 26% de azoto, 1/4 nítrico, 3/4 amoniacal

PREÇO ANTERIOR ... 2.240\$00/T
PREÇO ACTUAL ... 2.055\$00/T

UREIA GRANULADA

com 45% de azoto amídico

PREÇO ANTERIOR ... 3.630\$00/T
PREÇO ACTUAL ... 3.500\$00/T

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA

PORTO

A VENDA EM TODO O PAIS

nos nossos Depósitos e nos Armazéns dos Revendedores e Grémios da Lavoura

ÉVORA



ENGENHEIRO

Virgílio Salvador
Ricardo da Costa

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Sua família participa o seu falecimento e que o funeral se realize amanhã, dia 4, às 11 horas, saindo da sua residência em Évora, para o cemitério local.

P. N. A. M.

TRANSPORTE DE PEQUENOS VOLUMES PELO CAMINHO DE FERRO

Até 5 Kg. inclusive 3\$50
De mais de 5 até 10 Kg. ... 7\$00
De mais de 10 até 20 Kg. 14\$00
De mais de 20 até 30 Kg. 20\$00
Consulte as Secções de Informação: da C. P. ou as estações

PEÇA

LEITE PASTEURIZADO

«VIGOR»

EM GARRAFAS DE 1—1/2—1/4 DE LITRO
UM PRODUTO DE ALTA QUALIDADE

LÃS PARA TRICOTAR COMUNICADO

A Sociedade de Lanifícios Neve, Lda., tem o prazer de informar de que acaba de abrir, na Rua do Ouro, 292, 1.º Esq., uma secção de fios de lã para tricot, na qual tem á disposição das Ex.ªs Senhoras interessadas, o mais completo sortido de lãs em todas as qualidades, nacionais e estrangeiras, incluindo as mais recentes novidades em Mohaia, cotelês, Shetlandes grossas e finas, ráfias e perlapon, que venderá aos verdadeiros **PREÇOS DE FABRICA**.

EVORA

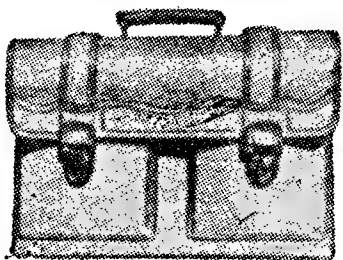


Eng.º Virgílio Salvador Ricardo da Costa

FALECEU

OS CORPOS GERENTES DE «A PATRIA», COMPANHIA ALENTEJANA DE SEGUROS cumpram o doloroso dever de participar o falecimento do seu Director e Amigo, Eng.º Virgílio Salvador Ricardo da Costa e que o funeral se realize amanhã, dia 4, pelas 11 horas, saindo do prédio da residência do Ilustre extinto, á Rua Cinco de Outubro, 56, em Évora, para o Cemitério local.

PASTAS



30 anos de fabrico todos
Modelos fornece ao comércio
A Comprimido—R. Madalena. 97

TEATROS e CINEMAS

(Continuação da 5.ª página)

Primeiras exhibições

«A Revolta dos Gladiadores», no Avis

O cinema italiano debruçou-se uma vez mais sobre os temas históricos, conseguindo com «A Revolta dos Gladiadores», estreado ontem no Avis, um espectáculo aparatoso, a que não falta o interesse e a emoção. O ambiente dos salões palatinos e das arenas em que os gladiadores jogavam a sua vida, em impetuosos de força e coragem, e reconstituído ao longo de uma história, realizada por Vittorio Cottafavi.

Na interpretação intervêm Ettore Manni, no papel do tribuno romano, Gianna Maria Canale, encarnando a princesa armenia, ambiciosa e perversa, Georges Marshall, no chefe dos gladiadores revoltados, e outros actores.

Complementos agradáveis preenchem o programa. — Visor 27.

No Monumental

Laura Alves criará a protagonista de «Gata em telhado de zinco quente»

Laura Alves será a protagonista da peça «Gata em telhado de zinco quente» de Tennessee Williams, que dentro em breve subirá à cena no Teatro Monumental. Os restantes intérpretes são João Guedes, Paulo Renato, Alberto Ghira, Susana Prado, Brunilde Judice, Alves da Costa e Rui de Carvalho.

A encenação é de António Pedro que assim dirige a primeira companhia portuguesa a apresentar uma obra do famoso autor de «O eléctrico chamado desejo».

Escola de Bailado

Clássico

Na Escola de Bailado Clássico, que funciona no Teatro Nacional de S. Carlos sob a direcção da bailarina Luna Andermatt, estão abertas até ao próximo dia 15 as matrículas e inscrições para o ano lectivo de 1959-1960. As inspecções médicas realizam-se às 17 horas dos próximos dias 14 e 15, respectivamente, para os novos alunos e para os alunos já matriculados nos anos anteriores. As condições de admissão para os novos alunos já iniciados efectua-se no próximo dia 16, às 17 horas. As aulas abrirão no dia 16 e as matrículas estão abertas a alunos de ambos os sexos.

No Odeon

vai estrear-se «Donde vas, Alfonso XII?»

O filme escolhido pela empresa do Odeon, para inaugurar a época de Inverno, vai revelar ao publico uma nova Paqueta Rico, pois a sua interpretação da romantica Mercedes, que foi rainha de Espanha,

Um gigantesco

avião de jacto da Pan American pela primeira vez em Lisboa

O aeroporto da Portela de Sacavém será o primeiro da Península a receber a visita de um dos novos aviões de jacto «Boeing 707», devido a uma iniciativa da conceituada Companhia Pan American, que assim, apresenta aos portugueses o primeiro dos seus gigantes «Intercontinental».

A chegada a Lisboa está prevista para as três horas da madrugada de segunda-feira. Das 10 às 12 horas, o avião, que estará estacionado em frente do terminal da nova placa agora concluída, será visitado por centenas de convidados da Pan American. As 17 horas, do mesmo dia, será oferecido um voo de cortesia às autoridades portuguesas e aos representantes da Imprensa, Rádio e Televisão. O avião larga para Paris, às 19 horas.

Este facto representa, na verdade, o primeiro passo para a inclusão de Lisboa nas grandes rotas aéreas internacionais na nova era do jacto e, por certo, dará novo impulso à política de adaptação e reequipamento dos aeroportos nacionais.

marcou o ponto mais alto da sua carreira artística.

Vicente Parra, no papel de Alfonso XII, revelou-se como o primeiro galã do cinema espanhol, e vai ser mais um idolo do publico feminino. Tanto Paqueta Rico como Vicente Parra estão a procurar harmonizar os seus compromissos para poderem vir assistir à estreia em Portugal do seu grandioso filme «Donde vas, Alfonso XII?», que é para maiores de 12 anos.

Maria Pereira apresenta-se amanhã NA FIGUEIRA DA FOZ



Maria Pereira que é, sem dúvida, uma das nossas mais aplaudidas artistas, realiza, amanhã, à noite, no ginásio da Associação Naval 1.ª de Maio, da Figueira da Foz, um recital de fados e canções.

A popular artista, que este ano realizou uma longa digressão pelo nosso ultramar, onde obteve um estrondoso sucesso, tendo até num espectáculo realizado em Sá da Bandeira, Angola, conseguido um autêntico «record» no canto, pois interpretou 40 fados, tem continuado na Metrópole os seus êxitos.

Assim, depois de ter actuado no Casino Estoril, Setúbal, Sesimbra, Crato e Sintra, Maria Pereira cantou na passada quarta-feira para os soldados do Teatro do Campo de Instrução Militar de Santa Margarida, onde a sua actuação constituiu um estrondoso sucesso pois, embora não batesse o seu «record» foi obrigada a cantar mais de 30 fados.

Maria Pereira que é, na verdade, uma extraordinária artista, parte no dia 17, pelo «Vera Cruz», para o Brasil.

A CANTADEIRA

Natércia da Conceição casou esta manhã com o actor Tomás de Macêdo

Esta manhã, às 11 horas, na Conservatória do Registo Civil situada na Avenida Fontes Pereira de Melo, 32, contrairam matrimónio a cantadeira de fados Natércia da Conceição e o actor Tomás de Macêdo.

Após o acto, que decorreu na maior intimidade, assistiram, entre outros convidados, o actor Varela Silva e sua mulher, a cantadeira Celeste Rodrigues, e o dr. João Amaral. O actor Rogério Paulo também quis comparecer ao acto, mas chegou atrasado, pois a breve cerimónia estava terminada poucos minutos após as onze. Dos noivos nem o rastro, tinham partido para a lua de mel.

VIDA MUSICAL

Academia de Amadores de Musica

Encontram-se abertas as inscrições para todos os cursos da Academia de Amadores de Musica. Na secretaria desta Academia, na Rua Nova da Trindade, 18, 2.ª, ou pelo telefone 25022, prestam-se informações, todos os dias úteis, das 16 às 20 horas.

Orquestra da J. M. P.

Na sede da Juventude Musical Portuguesa encontram-se abertas as inscrições para todos os jovens músicos, de idade não superior a 30 anos, que desejem colaborar na orquestra da J. M. P. que será dirigida pelo maestro António de Almeida.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

Balzac defendeu essa peregrina opinião. Os existencialistas, espalhados pelo mundo, barbudos e descalços, senhores feudais de todos os vícios e destemperos, vítimas postumas do marquês de Sade, liquidam a mocidade dos outros mais cedo do que o fazia o grande escritor francês, fonte de inspiração do nosso Eça de Queirós.

A menopausa atinge hoje as mulheres em plena maturidade e actividade, ao contrário do que sucedia antigamente, quando o declínio se avisava perto.

Nenhuma mulher ignora que um dia, cedo ou tarde, consoante os casos, se verificará o render-da-guarda. A trepidação da vida moderna gerou novos problemas a adicionar ao fatal.

A angústia e a depressão, o quotidiano irregular e penoso, aumentaram-lhe a receptividade do sistema nervoso. As menopausas normais, tranquilas, sem história, são raridade, ligeiramente acima de quinze por cento, percentagem alarmante para um fenómeno fisiológico.

Menopausa significa simplesmente desaparecimento dos períodos menstruais. Em geral, surge entre os quarenta e cinco e os cinquenta e três, limite considerado máximo pelos médicos da especialidade.

Tal desaparecimento corresponde a um conjunto de modificações progressivas do organismo, do corpo e da alma. Que se passa, então?

Antes da menopausa, o funcionamento dos ovários é dirigido pela hipófise, através de hormonas. A menopausa corresponde à ausência de resposta dos ovários à acção daquelas hormonas.

Na primeira fase, os ovários tornam-se preguiçosos, obedecendo cada vez menos à hipófise. Esta indigna-se e reage por hipersecreção, forçando o funcionamento daqueles. Os períodos menstruais alteram-se, espaçam-se, dando lugar a hemorragias. Na segunda e última fase, os ovários deixam de responder à hipófise, e os períodos cessam.

Antes do render-da-guarda existe um perfeito balanço em relação às diferentes hormonas, equilíbrio entre as hormonas ováricas (folículo e luteína) e as hipofisárias. O

equilíbrio rompe-se devido ao desaparecimento progressivo das primeiras e ao aumento maciço das segundas.

Tal desequilíbrio afecta o organismo, em particular o sistema nervoso, isto é, o neurovegetativo (simpático) por intermédio do hipotálamo, região do cérebro em contacto íntimo com a hipófise.

As alterações que se registam são de ordem morfológica, neurovegetativa e mental.

As primeiras consistem em alterações progressivas do aspecto exterior. Assim, os traços do rosto vinculam-se mais, antes de se esfumarem; surgem pelos superfúos no lábio superior e os cabelos perdem a mocidade e brilho, pois abandonam-se e embranquecem. A pele modifica-se, os seios diminuem de volume; os ombros, os braços, as coxas e o ventre tornam-se flácidos, ausentes de mensagem.

A mulher, neste período, quando não cuida de si, aumenta de peso e encontra no repasto refúgio para o mal que a atormenta, passando a adorar as guloseimas e... a «canstata».

A manifestação mais frequente (neurovegetativa) é a lufada de calor, onda congestiva que invade o corpo em poucos segundos, dirigindo-se para a face. Frequente durante a noite, acorda a doente em sobressalto, terminando por suores profusos e frios.

Podem ser peníveis estas crises, tão peníveis que arrastam ao isolamento, ao terror dos lugares públicos. A sensação do «dedo morto»

GRÊMIO dos Importadores e Armazenistas de Batata

A comissão organizadora do Grémio dos Importadores e Armazenistas de Batata, representada pelos srs. Abel Pessoa do Amaral e eng. Alfredo Filipe Barbosa, têm-se avistado com as entidades oficiais no sentido de acelerar a actividade deste organismo corporativo tão necessário para a regularização do consumo de batata no País. Tudo leva a crer que dada a boa vontade e espírito de compreensão de ambas as partes, o funcionamento do Grémio, será dentro em breve uma realidade.

1959-1960

e as pontadas sobre o coração induzem em erros, levando a pensar em doenças graves.

Quase sempre a menopausa afecta a saúde mental. Nenhuma mulher se pode manter serena, quando é vítima de um desequilíbrio hormonal, sempre que verifica que o corpo se transfigura, os encantos diminuem, volvendo-se, pelas atitudes descontroladas, um enigma para o marido e filhos, para todas as pessoas, enfim, que a rodeiam, que dependem dela e estão habituadas à carícia de suas palavras e gestos.

Estas alterações afectivas podem modificar a intensidade da vida sentimental e sexual, a tal ponto que a mulher, por vezes, se deixa devorar por ciúmes injustificados.

As modificações da saúde mental, alheias à atenção dos médicos durante décadas, têm muita importância. Quantos lares equilibrados se desfazem neste período grave da vida da mulher, período de acentuadas intransigências, de destrambelhos de vária ordem e de abandono de tudo quanto anteriormente constituía ambição legítima e prazer máximo!

Casos destes têm sido registados em todos os países, dando origem, umas vezes a comentários jocosos, outras a atitudes desencontradas, a condenações injustas do ponto de vista médico.

A mulher, em regra, atravessa grande tempestade interior e nem sempre consegue sair dela sem previamente ter pago pesado tributo.

A vida tem becos-sem-saída, e a explicação de tais situações só o psiquiatra a pode dar e justificar. O excesso de uma hormona particular origina catástrofes, dá realidade ao inconcebível.

Reconhecem-se, com relativa frequência, modificações atroficas dos órgãos, causas de pronunciada frigidez sexual.

Convém acentuar que não existem doenças específicas ligadas à menopausa; nota-se, porém, que esta cena fisiológica favorece o aparecimento de enfermidades, algumas graves.

Cada mulher tem a sua menopausa, estreitamente ligada ao próprio temperamento, ao passado e até à hereditariedade.

São vulgares acidentes cardiovasculares, hipertensão arterial, alterações articulares, dores lombares e abdominais, ataques de reumatismo insidiosos e com desastrosa evolução.

Se existem, os fibromas aumentam de volume e complicam-se.

Particularmente crítica, esta época da vida da mulher necessita de ser vigiada com especial carinho e atenção.

As complicações nervosas, ligadas a profundas alterações do soma, em seu conjunto psicossomático, exigem a presença de um psiquiatra, além da compreensão da família.

Em nenhuma outra época da vida a mulher tem tanta necessidade de repouso, de compreensão, de entendimento, de justificação, enfim, para atitudes geradas sem intervenção da vontade e do eu-consciente.

Por condição e natureza, por fatalismo genético, a mulher é um ser delicado e frágil, que necessita de ser decifrado e conquistado, amparado e protegido. Sente-se infeliz quando o não é.

A noção da situação em que se encontra obriga-a a gestos descontrolados, atitudes contraditórias e enigmáticas, sobressaltos constantes, longas noites de insónia e pesadelos.

Centraliza o mundo em si e imagina-se perseguida dentro e fora do lar, incompreendida e abandonada.

O período prodromico, nalgumas mulheres marcadas pelo destino, é o mais grave, porta aberta para todos os destemperos e loucuras, que deixam atrás de si melindrosas e irremediáveis situações.

Citar casos seria alongar em demasia este rápido apontamento, nota que tem por único fim chamar a atenção para situações que, encara das com serenidade, se podem resolver a benefício de todos.

A. d'E.

A campanha de segurança rodoviária

As duas verdades nos acidentes de viação

A obtenção de elementos de prova é, especialmente, difícil nas questões emergentes de acidentes de viação.

Quando se dá um choque de veículos há enorme dificuldade em averiguar qual foi o verdadeiro responsável, mormente quando as únicas testemunhas sejam os ocupantes dos carros.

E' que, no momento do perigo, o homem é levado, pelo seu estado emocional, a ter a impressão de que é o outro veículo que vem de encontro ao seu, o que cria a ilusão da responsabilidade alheia.

Geralmente, os que viajam num dos veículos atribuem a responsabilidade ao condutor do outro carro. Por isso é conveniente proceder a uma vistoria ao local onde se deu o acidente, com a intervenção

de técnicos, que façam a reconstrução da ocorrência. Em determinados casos só assim poderá determinar-se, com segurança, a quem cabe a responsabilidade.

* * *

Quando a vítima é um peão, geralmente, formam-se duas correntes: a dos automobilistas e a dos peões. Os que viajavam de automóvel convencem-se de que foi o peão quem teve a culpa, porque, segundo o seu modo de ver, atravessou a rua, inadvertidamente, sem reparar no carro que se aproximava.

Os peões manifestam a sua solidariedade à vítima do acidente e, geralmente, afirmam: a vítima seguiu tranquilamente para o seu trabalho e o automobilista, no habitual delírio das velocidades, não pôde travar o carro e evitar o desastre.

Num recente processo civil em que o pai da vítima pediu ao causador do acidente uma pesada indemnização, tivemos ensaio de, em pleno tribunal, ver surgir as duas verdades.

Formaram-se os dois habituais grupos, parecendo que uns e outros afirmavam aquilo que supunham ser a verdade. Porém, os componentes de cada grupo, de boa fé, encaravam os factos de forma diversa.

O acidente verificou-se em Lisboa, na Avenida da República, no cruzamento com a Avenida António Serpa. Um automóvel desceu a avenida precisamente quando um menor atravessava aquela artéria pela faixa destinada aos peões. O menor foi apanhado pelo veículo e atirado a grande distancia. Teve morte imediata.

A quem coube a responsabilidade do acidente?

As condutor do carro, que não tomou as necessárias precauções e, devido ao seu desleixo ou incuria, tornou possível o atropelamento?

Alto menor, que, antes de atravessar a faixa destinada aos peões, não se certificou se podia passar?

Os automobilistas que presenciaram o atropelamento alinharam a banda do condutor do carro. Os peões colocaram-se ao lado do menor, autor da acção dível em que podia a indemnização.

Parece que todos procuraram

narrar os factos de harmonia com o seu prisma. Mas, tudo depende dos óculos através dos quais os factos são observados.

Conforme escreveu Campoamor:

En este Mundo traidor
Nada es verdad ni mentira
Todo es segun el color
Del cristal con que se mira

Assim, o que, no caso referido, fez inclinar a balança da Justiça para o lado do autor foi a planta junta aos autos, elaborada por um engenheiro, que muito bem conhece assuntos desta natureza e que, na audiência de julgamento, explicou tecnicamente, que a responsabilidade cabia ao condutor do veículo.

Na hipótese referida, mais uma vez verificamos que é preciso muito cuidado com a prova testemunhal nos acidentes de viação, mencionadamente quando surgem duas verdades — e quando há excesso de velocidade...

F. D.

Bombeiro e incendiário

LINZ (Austria), 3. — Um novo exemplo de bombeiro-incendiário verificou-se agora na Austria. Raimund Fresiteler, bombeiro voluntário de Windischgarten, confessou, na Polícia, ter provocado seis incêndios nos últimos meses — no intuito de manter os seus colegas em forma». — (F. P.).

Não passa dos 50 Km.

a «responsabilidade» de S. Cristóvão...

ROMA, 3. — Na mostra de um estabelecimento de acessórios de automóvel, desta cidade, estavam à venda artísticos porta-chaves com a imagem de S. Cristóvão, padroeiro dos motoristas.

Por baixo, lia-se o seguinte aviso: «Notem bem: este Santo só se responsabiliza até cinquenta quilómetros à hora!» — (L.).

Humos e cuspos

O artigo 36 do Regulamento para a exploração, fiscalização e uso dos veículos de serviço publico da cidade de Paris preceitua que é proibido aos condutores fumar durante o serviço, salvo quando o condutor está separado do viajante por uma divisória de vidro. Esta disposição envolve apenas uma questão de boa educação. Em Lisboa a interdição de fumar obedece, além desta consideração, à segurança do serviço, visto terem-se registado acidentes pelo facto de uma cinza ardente entrar num dos olhos de um condutor e este ter perdido o domínio da sua direcção.

Neste particular nada há a alterar, antes se deve tornar extensiva a medida a todo e qualquer condutor de automóvel particular. Um condutor de taxi está em serviço publico e é responsável pela vida de quem transporta, mas um condutor particular pode ser causa de acidentes pelo mesmo motivo.

Quem fuma cospe... Mas mesmo sem fumar é muito vulgar os condutores de taxi, bronquíticos, lançarem a via publica, com os carros em andamento, o produto da limpeza dos seus aparelhos respiratórios. Infelizmente este horrível vício é muito vulgar nas nossas ruas. Tem havido, porém, uma repressão séria e o espectáculo vergonhoso é, graças à acção da Polícia, menos frequente. Cinco estudos de multa aos prevaricadores... Mas quando um condutor de taxi cospe quem recebe os pedidos, mais ou menos contagiosos, é o cliente que vai no assento de trás. E' fatal pelo jogo combinado das janelas abertas e da deslocação do ar. De quanto deveria ser a multa nestes casos? Esta porcaria evitar-se-ia se houvesse a educação de se utilizar os lenços, que para isso foram feitos. E sobretudo pela obrigatoriedade da célebre divisória de vidro — que existe em todo o Mundo, menos em Portugal — e cujos benefícios já se salientaram, para outros aspectos, num destes apontamentos anteriores. — A.

Objectiva do leitor



Indiferente aos grandes problemas que agitam o Mundo e o preocupam, este boieiro saioio, dos arredores de Sintra, segue, normalmente, «a passo de boi», a sua rota, conduzindo a junta que transporta o precioso feno... Foto de José António, de Colares, que tem direito a receber, mediante credencial passada no nosso jornal, o prémio constituído por produtos, ou serviços, no valor de 150\$00, na acreditada casa Filmarte (F. Costa, Ld.), da Rua Augusta, 249

DE VEZ EM QUANDO

Alimento pernicioso

por João Patrício

E' a mocidade um pouco como que as raízes das árvores em crescimento: desenvolve-se de harmonia com o grau e a qualidade das condições ambientais. E as condições ambientais da mocidade são não só a atmosfera familiar que o jovem respira desde o berço ao casamento como o clima social em que esse mesmo jovem vive diariamente. Os dois meios são, aliás, complementares entre si. Se a educação e o exemplo (exemplo que é a base de toda a educação) são, em casa, de boa qualidade o jovem entrará na sociedade com reservas suficientes de resistências morais, que, o porão a coberto, ou reduzirão os efeitos, dos ambientes deseducativos e dos maus exemplos que por ventura tenha de sofrer no convívio quotidiano em sociedade. Se ao contrário, o jovem entra na sociedade sobrecarregado de más educações e maus exemplos familiares, então, esse jovem, será, na sua permeabilidade moral, fácil presa à receptividade de todas as solicitações e maus exemplos de que são férteis as sociedades modernas.

Num ou noutro caso, porém, compete aos responsáveis pela educação da mocidade fora dos lares, em todo o mundo, orientar os métodos pedagógicos e diminuir o grau de incidência dos meios de dissolução moral que por toda a parte, numa confusão impudica, mina, sob o crado pretexto de moderno, de progressivo, os alicerces da honra individual e colectiva. Os exemplos delictivos da larga publicidade feita à volta de insignificantes escândalos passados com afamados artistas de cinema ou outras figuras de renome mundano, que a mocidade lê e saboreia com mórbida volúpia (de que o mais recente foi a ópera cómica interpretada no palco da vida pela insubmissa Callas) — são a pior das escolas para a juventude. Em vez de se difundirem pelo mundo actos de virtude e de carácter (que ainda os há, felizmente), levam-se — quase louvandamente — junto dos jovens as más baixas e degradantes revelações sobre a vida privada de pessoas conhecidas. E isto através dos mais penetrantes meios de divulgação: A Imprensa, o cinema, a rádio, a televisão.

Há dias, subindo nós o Chiado deparámos, numa mostra de um estabelecimento de artigos de «menage», com o seguinte e inaudito espectáculo: um tabuleiro exposto sobre o qual se perfilavam, orgulhosamente, meia dúzia de copos altos, tipo «whisky», tendo cada um escrito na face, em letras garrafais: «ópio», «cocaína», «morfina», etc. Toda a sorte, em suma, de estupefacientes! Educativo, não é verdade?

Descobertas arqueológicas numa aldeia da Itália

CROSSETO, 3. — Uma aldeia da idade do bronze, com mais de 6.000 anos, foi descoberta em Scarceta, perto de Grosseto, na Itália Central. Os arqueólogos afirmam que se trata de uma povoação relativamente vasta e de considerável interesse. Nos primeiros trabalhos de pesquisa foram encontrados um marte de pedra, de muito bom acabamento, um machado, uma caixa e uma peça de olaria com decorações. — (A. N. I.).

*

CATANIA (Sicília), 3. — Os arqueólogos descobriram uma igreja do século VI perto de Zagara del Re.

Já se fizeram escavações parciais, que revelaram uma construção rectangular, coberta por um zimbório, com paredes decoradas a fresco.

Os primeiros estudos levam à possível conclusão de que a igreja era dedicada ao culto de S. Sebastião. — (A. N. I.).

Publicações

«Guia de Braga»

Editado pela respectiva Camara Municipal, foi agora publicado um «Guia de Braga», que constitui um alto serviço prestado, não só à propaganda daquela bela cidade minhoto, mas também ao turismo nacional.

Apresentada numa introdução do presidente do Município, dr. António Santos da Cunha, esta interessante e útil publicação abre com um breve, mas valioso bosquejo histórico de Braga, da autoria do dr. Sérgio da Silva Pinto, que não se limita a reproduzir dados conhecidos, pois apresenta alguns elementos originaes, que são o fruto dos estudos do próprio autor.

Segue-se, numa disposição lógica e indicação de três itinerários aconselháveis para se conhecer Braga e os seus maravilhosos arredores, incluindo o Bom Jesus, o Sameiro e a Fajalpa.

O volume possui um capítulo em francês e outro em inglês, com resumos das principais indicações de interesse para os turistas estrangeiros, e termina com informações genéricas relativas a hotéis e a horários de camionagem.

Formado por 250 páginas, profusamente ilustrado e apresentado

com grande esmero gráfico, o «Guia de Braga» é uma louvável iniciativa do Município bracaraense, que vem preencher uma lacuna que há muito existia no capítulo da propaganda de uma das belas regiões de Portugal.

«Gazeta Médica Portuguesa»

Publicou-se o numero 2 do volume de 1959 da «Gazeta Médica Portuguesa», que inclui os seguintes trabalhos: «Considerações sobre dois novos casos de aspergiloma pulmonar», por Thomé Villar. «Novos aspectos morfológicos do aspergiloma pulmonar», por Cortez Pimentel; «Particularidades anatómicas do sistema venoso dos membros inferiores», por António Colito; «Aspectos semiológicos da interpretação da imagem cardíaca», por Eduardo de Paiva; «Consequências das gastrectomias», por Dietrich Remy; «A evolução das doenças venéreas», por Ramos Chaves, e «Micose cutânea em Portugal. Revisão bibliográfica e crítica (1948-1958)» por Hermano Neves. Contém igualmente numerosas resenhas de artigos publicados recentemente no estrangeiro e importante informação bibliográfica sobre trabalhos médicos.

A' margem da semana

Anda à roda...

Não se trata da roda da lotaria, que traz tanta gente suspensa, à espera da sorte... Nem da roda da Fortuna, que mais facilmente «dê-sanda» do que anda, na boa direcção, que é a subida... Trata-se da roda sobre a qual todos andam, devemos, até, dizer rodas, visto que nunca é só uma, mas duas, ou quatro, ou mais. Essas rodas é que atrapalham a vida, mesmo quando não a destroem; que não deixam a gente dar um passeio em sossego, que nos fazem entorpecer a força de não andarmos a pé, pois que as mais pequenas distancias são percorridas, sempre, sobre as ditas rodas, destruindo o bem estar e a elasticidade que sentíamos depois de uma caminhada, em que se respirava o ar puro, e em que se desfrutava a alegria física de viver, que hoje é procurada nas praias, com excesso prejudicial, nos meses estivais — e que antes se tinha em moderado exercício todo o ano.

A máquina tudo dominou, e o homem, que deveria dominá-la, deixa-se dominar por ela.

Mas devemos reparar que se notam, aqui, além, certos sintomas de enfado, e desejo de evasão, em que a máquina é desdenhada, e a criatura volta a querer servir-se dos meios primitivos. Vejamos os navegadores solitários, como o dr. Alain, que conhecemos em Lisboa, que quis estudar os recursos naturais do naufrago; como os três patrícios nossos, sendo um mulher, que fizeram a travessia para o Brasil, sem recursos, nem apoio, num pequeno barco à vela; como os que ultimamente se serviram de um «junco» e por pouco não iam perdendo a vida.

E que todo esse esforço já parece regresso, em face da barafunda actual.

Nos Estados Unidos, alguns rapazes preferem arranjar uma quinta, longe da cidade e ir lá trabalhar, numa relativa quietidão, do que aproveitar as diversões e ruído dos grandes centros.

Luís Bronfield, o notável escritor americano, que já não era um rapaz, mas que estava em plena força da vida, quando voltou de França, depois da ultima guerra, foi o que fez, ocupou a sua vida a realizar uma propriedade agrícola modelo, não com os modernos engenhos, adubos e sistemas, mas com os meios naturais, de acordo com o terreno e com o clima. Ali morreu, há poucos anos, novo ainda.

A vida, parece-nos, só pode ter valor, — em qualquer altura da existência — se temos contado com Deus e com a Natureza, se humanamente nos interessamos pelo nosso próximo, e por nós mesmos, com a consciência do que somos, e do que podemos fazer, isto é, com a nossa vida interior, que é a chama que anima o barro humano e o faz resistir às tempestades.

MARIA-DE CARVALHO

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 3 de Outubro de 1929 a notícia da morte do capitão-de-mar-e-guerra José de Freitas Ribeiro, republicano que, mais de uma vez, arriscou a vida pelo seu ideal. Quando da preparação do 5 de Outubro foi dos auxiliares mais dedicados do almirante Candido dos Reis, e depois do advento da República foi governador-geral de Moçambique por duas vezes, e duas vezes ministro, da Marinha e das Colónias. Filiado no P. R. P. ocupou cargos de destaque e tomou parte activa nas Constituintes. Adversário implacável da ditadura de Pimenta de Castro, fez parte do «comité» revolucionário do 14 de Maio, batendo-se no Quartel de Marinhos quando da eclosão do movimento.

EFEMÉRIDES

No dia 3 de Outubro de 1952 fez a Grã-Bretanha estalar a sua primeira bomba atómica.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSIONA — A's 18: Noticiário; 19: Danças; 20: Rádio rural; 21: Desdobramento; 22: Noticiário; 23 e 24: Desdobramento; 25 e 26: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Miscelânea em piano, por Alberto Semprini; 19 e 20: Emissão infantil; 21 e 22: A Orquestra da Metro; 23: Jornal sonoro; 24 e 25: Música de «jazz», pela Orquestra de Benny Goodman; 26 e 27: Album musical; 28: Junção dos emissores; 29 e 30: Canções de Itália, por Roberto Murali; 31 e 32: Rhythms sul-americanos; 33 e 34: Serão para trabalhadores, transmitido do Pavilhão dos Desportos; 35 e 36: Terras de Angola; 37 e 38: Danças; 39 e 40: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra de Maria de Carvalho; 19 e 20: «A Canção do Lamento», de Mahler; 21 e 22: Noticiário regional; 23 e 24: programa do Festival Rencontres Internationales de Chimay, de 1959 Gravações cedidas pelo Instituto Nacional Belga de Radiodifusão; 25 e 26: «Concerto em ré

UM FESTIVAL

no Clube Shell
que inaugura

as suas novas instalações

O Clube Shell leva a efeito esta noite, às 21 horas, um festival desportivo para inauguração das novas instalações, no ginásio da sua sede, edifício Shell, Avenida da Liberdade, 249, 7.º andar, com o seguinte programa:

Apresentação das classes infantil e de adultos, em judo, e exibição por elementos graduados, com a colaboração do Judo Clube de Portugal; final do torneio por equipas (esgrima), para disputa da taça «Inauguração»; e distribuição de prémios.

O tempo e as culturas

Continua a ser regular o aspecto vegetativo das diversas culturas, segundo informa o Boletim Meteorológico para a Agricultura. A chuva que caiu durante vários dias desta década beneficiou as culturas hortícolas, pastagens e olivais, mas por outro lado causou prejuízos nas vinhas ainda não vindimadas e nos batatais.

As terras continuam a ser mobilizadas com vista às próximas sementeiras, tendo a chuva facilitado bastante esses trabalhos. Continuam também em regulares condições as vindimas e colheitas de figo, milho, arroz, alfarroba e amêndoa.

ROTARY CLUBE

A reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, do próximo dia 6, na Casa do Alentejo, decorrerá durante o almoço, fazendo o sr. Aristide-Sain, administrador da Cidla, o qual, a propósito da passagem do 20.º aniversário da fundação da mesma empresa, falará sobre «O consumo dos gases de petróleo em Portugal».

menora, para violoncelo e Orquestra de Edouard Lalo; 21: Junção dos emissores; 22 e 23: Desdobramento; 24 e 25: Concerto, pelo Coro Harmonia; 26 e 27: Tempo de poesia; 28: «Sonata em fá maior», de Mozart; 29 e 30: Cartas a um músico desconhecido; 31 e 32: Que quer ouvir? «Sinfonia n.º 9», em ré menor op. 125, de Beethoven; 33 e 34: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar; 19 e 20: Jornal feminino; 21: Canções; 22 e 23: Apontamento do dia; 24 e 25: Motivos portugueses; 26 e 27: Onda desportiva; 28: Imagens por música; 29 e 30: Língua portuguesa; 31 e 32: Brasil; 33 e 34: Solistas; 35 e 36: Cantares de Espanha; 37 e 38: Concerto — Programa de divulgação; 39 e 40: Contos, humor e fantasia; 41 e 42: Noticiário; 43: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Baile; 19 e 20: Cantos e recantos de Portugal; 21: Palestra de língua portuguesa; 22 e 23: Motivos portugueses; 24 e 25: Isto é Portugal; 26: Boletim informativo; 27 e 28: Variedades; 29 e 30: Vida desportiva; 31: Noticiário; 32 e 33: Patachou; 34 e 35: Brasil; 36 e 37: Intermédio musical; 38 e 39: Artistas portugueses; 40: Programa de concerto; 41 e 42: Variedades; 43: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 19: Música seleccionada; 20 e 21: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 22 e 23: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 24 e 25: Franca, Horizonte do Mundo; 26 e 27: Música do Cinema; 28: Rhythms e canções de sucesso; 29 e 30: Noticiário; 31 e 32: Meditação; 33: As últimas novidades; 34 e 35: Fados; 36 e 37: Rádio Rural; 38 e 39: Orquestra sinfónica; 40 e 41: Noticiário; 42 e 43: Boletim religioso; 44: Música e canções de fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 23 e 24: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, João Villaret, acompanhado ao piano por Carlos Villaret; 21 e 30, «A Moda Alemã» (filme); 21 e 45, «Cinema 59»; 22 e 5, festas, feiras e romarias; 22 e 25, «História de uma mulher», de Armando Vieira Pinto, 5.º episódio, com Fernanda Borsatti, Ana Paula, Curado Ribeiro, Fernando Gusmão, Florbela Queirós e Fernanda Amaro; 22 e 50, «Tele-Desporto»; 23 e 10, Jornal R. T. P.; 23 e 30, encerramento.

A semana do contribuinte

Imposto sobre aplicação de capitais, Secção B

— Dos lucros de sócios não gerentes

Se os comproprietários de uma quota social indivisa nomearem validamente um seu representante na sociedade e a este foi conferida a gerência que exerceu efectivamente, os lucros correspondentes à dita quota não são passíveis do imposto.

— A Lei de 11 de Abril de 1901, no seu artigo 6.º, dispõe:

As quotas sociais são transmissíveis nos termos de direito.

— E no artigo 8.º mais o seguinte:

As quotas só podem dividir-se por efeito de transmissão e quando a escritura social não proibir absolutamente a divisão.

Estabelecendo, finalmente, no seu artigo 9.º e 2.º:

Devem exercer em comum os direitos respectivos os comproprietários de quota social indivisa.

— Não estando designado um representante dos comproprietários, os actos praticados pela sociedade a respeito de qualquer deles produzem efeitos contra todos.

Ora, provada que seja pelos sócios a nomeação do representante proposto pelos herdeiros e interessados na herança indivisa do falecido quotista, o nomeado, que ficou com as funções de gerente e as exerce de direito e efectivamente, colocou a herança indivisa na qualidade de gerente.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Realizam-se esta noite festas e bailes nas seguintes colectividades: Associação de Beneficência «Luis Braille», Tuna Operária de Sintra, Sociedade Filarmonica Alunos de Apolo.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR
Dia 4 — 4 e 6 horas (4,32 m.); 16 e 30 h. (4,35 m.).
Dia 5 — 4 e 52 h. (4,27 m.); 17 e 12 h. (4,23 m.).

BAIXA-MAR
Dia 3 — 22 e 35 h. (0,62 m.).
Dia 4 — 9 e 52 h. (0,63 m.); 23 e 10 h. (0,67 m.).
Dia 5 — 10 e 30 h. (0,71 m.); 22 e 56 h. (0,83 m.).

CARTAZ DO DIA

TEATROS
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O baile».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Patates».
COLISEU — A's 20 e 45 e às 23 — «Há feira no Coliseu».
CAPITOLIO — A's 21 e 45 — «Gim-ba».
ABC — A's 20 e 30 e 22 e 15 — «Delírio em Lisboa».

CINEMAS
S. LUIS — «O grande amor de Goya».
TIVOLI — «Orfeu negro».
S. JORGE — «Da terra nascem os homens».
IMPERIO — «A Revolta dos Cosacos».
EDEN — «A ponte do rio Kwa».
POLITEAMA — «Al Capone».
MONUMENTAL — «Fluido mortal».
ODEON — «Ladrões de automóveis».
ALVALADE — «O grande amor de Goya».
CONDES — «Os dez mandamentos».
ROMA — «Todos enamorados».
AVIS — «A revolta dos gladiadores».
OLIMPIA — «O filho do Conde de Monte Cristo».
RESTELO — «Orgulho e paixão».
PROMOTORA — «Adão e Eva».
JARDIM — «Abnegação».
IDEAL — «Sete homens para matar».
S. JOSE (Sacavém) — «Joselito, coração de ouro».
CAMPOLIDE — «As aventuras de Till».

FARMACIAS DE SERVIÇO
TURNON D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E. Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A. Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B. T. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15, 4 Av. Gomes Pereira, n.º 2-A. Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel.

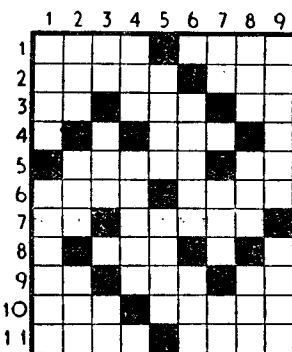
780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ao Rego), 91. Telefone 773728; Patuleia. Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124. Tel. 779332; Ca-brita — Campo Grande, 220-222. Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D. Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A. Tel. 725443; Chin-de — Rua Agostinho Lourenço, 6-B. Tel. 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes, 1. Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do L'ego. Tel. 770324; Sagres — Avenida Luis Blvar, 69-71. Tel. 47213; Correla de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C. Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36. Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia, 4-5. Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J. lote 48. Bairro da Encarnação. Tel. 388172; Freitas — Rua Zofimo Pedrosa, 11-13. Tel. 381135; Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B/C. Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36. Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39. Tel. 862909; Maiton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV. Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis

199 A. Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10. Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36. Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Saigado, 20-A. Tel. 844381; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153. T. 683438; Salutar — Rua B. 75-A/B, Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Amoreiras (Das) — Praça das Aguas Livres, 5-D. Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514. T. 687949; Linada — Rua Ferreira Borges, 30. Tel. 680955; Confiança — Praça das Flores, 59. Telef. 27901; Alb — Rua Santana, 4 Lapa, 156. Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52. Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222. Telef. 638256; Botânico-Química Lda. — R. da Junqueira 38-40. Tel. 638132. Ester Nogueira — Rua de Alcantara 5-A. Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24. Tel. 663117; Luis Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B. Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12. Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115. Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71. Tel. 30521-A-; Cel-ta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 70621.

Palavras cruzadas

Palavras cruzadas

Problema n.º 1735



HORIZONTAIS: 1—Segues. Pronome demonstrativo. 2—Sabor picante. Preposição e artigo (pl.). 3—Príncipe mongol ou persa. Quadrupede ruminante que serve para alimento do homem. Antigo nome da nota musical dó. 4—Cólera. 5—Roei. Semelhança. 6—Apelido do poeta português autor de «Fel». Serra de Portugal. 7—Certo. Defunção. 8—Oceano. 9—Artigo definido. Chefe etíope. O mais. 10—Interjeição que imita pancada forte e rápida. 11—Líquido gorduroso Saudáveis.

VERTICAIS: 1—Femea do boi. Cidade e porto da Albânia. 2—Pedra de altar. Alcool de melago. Chiste. 3—Abreviatura de idem. A pessoa com quem se dança. Pronome reflexo. 4—Debaixo de. Cidade de Portugal. 5—Rilhava. Pregas. 6—Tempo do verbo ser. Abrihantar. Sádias. 7—Apelido. Pau ferro. Nota musical. 8—Existo. Cincho. Pai da mãe. 9—Unidade de medida para lenha. Pronome pessoal (pl.).

Solução do problema n.º 1734

HORIZONTAIS: 1—Reformara. 2—Exir. Orei. 3—Azáfama. 4—Ore. Ata. 5—Carrearam. 6—Eu. Cl. 7—Asi. Has. 8—Im. Noa. As. 9—COMO. Rota. 10—Aros. Alaf. 11—Sara. Sãos.

VERTICAIS: 1—Ré. Oca. Iças. 2—Exara. Amora. 3—FIZERES. Mor. 4—Ora. Rui-nosa. 5—Foe. 6—Moa. ACHA-RAS. 7—Armara. Ola. 8—Reata. Satão. 9—Ai. Ama. Sais.

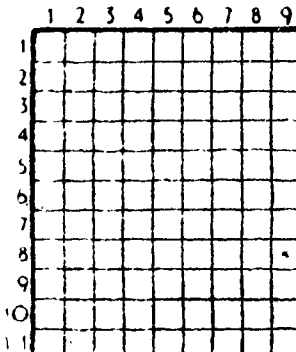
(Provérbio): COMO FIZERES ACHARÁS).

Acidente de trabalho

LEIRIA, 2 — Quando trabalhava nas obras da Hidráulica, no lugar de Aroeira (Monte Redondo), o trabalhador António Esteves, de 44 anos, casado, residente em Riba-de Ave (Souto da Carvalhosa) fracturou a perna direita, ao saltar uma vala, pelo que foi transportado ao hospital desta cidade.

Palavras cruzadas

Problema n.º 3784



HORIZONTAIS: 1 — Ilha portuguesa no Mar da China. Rosto. 2—Rezas. Bordo (árvore). 3—Aborrecem. 4—Atadas. 5—Suspendo. Dardo. 6—Pedra de altar. Doença. 7—Magnet natural. Preposição. 8—Deus dos pastores. Rate. Pertences. 9—Estimai. Move os remos. 10—Filtram. Rio da Geórgia que deságua no mar Negro. 11—Cidade que antigamente se chamava Cristiania. Tosto.

VERTICAIS: 1 — O lado do vento. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Corte. 2 — Defendíamos com arames. 3 — Satisfizeram. Árvore terebintácea. 4 — Planta vivaz e medicinal. Quinta para exploração agrícola em Angola. 5 — Senhor. 6 — Pesquisas. Folha de videira. 7 — Herói lendário da Atica, proprietário de jardins que eram frequentados por filósofos. Aqui está. 8 — Coroaeros. 9 — Céu. Piada picante. Remedeio.

Solução do problema n.º 3783

HORIZONTAIS: 1 — As. Corça. 2 — Meca. Eire. 3 — Ala. Asna. 4 — Rã. Sátira. 5 — Caracas. 6 — Rol. Rás. 7 — Par. Ias. 8 — Ataurro. VI. 9 — Acto. Dar. 10 — Piai. Pagã. 11 — Solvo. A's.

VERTICAIS: 1 — Amaro. Pá. 2 — Selá. Ratais. 3 — Cã. Coração. 4 — Cã. Sal. Util. 5 — Aar. Irã. 6 — Restarão. Pó. 7 — Cínicas. Da. 8 — Aras. Tiras.

ECHARPES

de lã mohair

LINDAS CORES

OS MELHORES PREÇOS

TORRE EIFFEL

104—RUA DO CARMO—106

JULGAMENTO NA HAIA

Henri Rolin

— a "estrela" da delegação indiana —
deve entrar em acção dentro de oito dias

HAIA, 3 — (Pelo enviado especial da A. N. I.), Dutra Faria — Copyright n.º 319. — Só daqui a uns oito dias ouviremos a nova "estrela" da delegação indiana, o senador belga Henri Rolin, que todos nos dizem ser um orador extraordinário, um parlamentar senhor de todos os cordelinhos da dialéctica e da retórica, um advogado que mede os seus êxitos pelas suas intervenções, um homem de voz quente e gesto de tribuno.

Henri Rolin será talvez, de facto, isso tudo — não o contesto, nem o afirmo. Aguardo, simplesmente, que chegue o momento de o ouvir. Por agora limitar-me-ê a registar que se trata de um senhor sobre o baixo, de cabelos brancos e rosto sorridente, amigo de gracejar — e que nunca adormece no tribunal, ao contrário do que sucede, com alguma frequência, a certo advogado britânico. Toma notas, fala para o lado, consulta cartapácios, escuta os advogados de Portugal, troca impressões com os jornalistas. Cordial sempre. Risonho, sempre.

Quanto ao mais, não sei. Mas o que sei é que ele tem pela frente o seu mais directo antagonista, um advogado que decerto não deve impressionar menos quantos o escutam. Refiro-me ao professor Maurice Bourquin. São ambos Belgas, mas creio que não chegaram aqui precisamente pelos mesmos caminhos. Henri Rolin chegou ao Palácio da Paz pela estrada que vem da política. Bourquin é principalmente um professor, um mestre de Direito. Admito que Henri Rolin entusiasme, empolgue, arrebathe os que o ouvem. Bourquin, todavia, consegue mais do que isso — Bourquin raciocina, argumenta, convence.

Combatem, pois, afigura-se-nos, com armas desiguais. De um lado, a emoção. Do outro, a inteligência. De um lado, o efeito. Do outro, a razão.

Ontem, ouvimos, de novo, Bourquin. Ouvimos-o a demonstrar, de maneira esmagadora, perfeitamente irrefutável, a responsabilidade do governo indiano nos acontecimentos em que foram arrastados a soberania portuguesa, pelas armas e pela violência, os enclaves de Dadrá e de Nagar-Aveli. Foi, uma vez mais, admiravelmente claro — e mais uma vez ressaltou, claríssima, evidente, a culpa da União Indiana. Mesmo que Rolin seja um génio, duvido que consiga, depois, desfazer esta impressão que já ganhou raízes, esta convicção que já se formou. — (A. N. I.).

O prof. Maurice Bourquin continuou as suas alegações

HAIA, 3 — Abriu às 10 horas e 32 a vigésima primeira audiência do julgamento do caso em que se defrontam Portugal e a União Indiana, tendo o presidente do Tribunal Internacional de Justiça concedido imediatamente a palavra ao prof. Maurice Bourquin, que prosseguiu com a sua exposição, ontem iniciada, sobre a pretendida insurreição popular nos enclaves de Dadrá e de Nagar-Aveli.

Entre os juizes nota-se a ausência do magistrado latino-americano Cordova, que continua enfermo.

Quanto à delegação indiana, está hoje reduzida ao procurador-geral Setalvad, ao advogado belga Henri Rolin, ao prof. Waldock e aos shris Caraciolo Cabral e Gouveia Pinto. Os outros parece que se

ocupam em preparar, uns aqui na Haia, outros em Londres, a resposta aos advogados de Portugal, resposta que será dada, segundo se espera, a partir da próxima sexta-feira.

Começou o prof. Maurice Bourquin por criticar a interpretação dada pelos representantes do Governo de Nova Delhi ao que se pode chamar, ainda que incorrectamente, «o reconhecimento da insurreição». E foi demonstrando que todos os autores citados pelo Governo indiano em auxílio da sua tese não vão tão longe como o referido Governo. Todos, mas com uma excepção: efectivamente, o prof. Guggenheim, no seu «Tratado», pronuncia-se no mesmo sentido que o Governo de Nova Delhi.

Todavia, «qualquer que seja a alta estima em que tenha a ciência jurídica do prof. Guggenheim — diz Bourquin — não posso considerar a sua palavra como de valor superior à da quase unanimidade da doutrina, a menos que traga a prova da sua exactidão».

«Esta demonstração, porém, de balde a procurei no seu «Tratado»; não a encontrei. Na realidade, o autor limita-se, a uma afirmação, sem fornecer qualquer prova em apoio do que afirma».

Prosseguindo, acentuou depois o prof. Maurice Bourquin:

«Mas vou ainda mais longe. A tese que ele enuncia esbarra com um obstáculo que se me afigura intransponível».

Ao pretender que os insurrectos têm personalidade jurídica independentemente de todo o reconhecimento, importaria, evidentemente, definir o campo dessa personalidade. Importaria determinar os direitos e os deveres que comporta, até porque «a personalidade jurídica não é uma noção vazia, deve ter necessariamente um conteúdo».

Contudo, só o Estado — como em 1949 afirmou o Tribunal — «possui na sua totalidade os direitos e os deveres reconhecidos pelo direito internacional». Como escreveu então o juiz egípcio Badawi «não há direito comum para as pessoas internacionais: há de um lado os Estados e do outro um conjunto de pessoas de carácter e de hierarquia diferentes».

«E, pois, inexacto — conclui o prof. Bourquin — que, segundo o direito internacional geral, os insurrectos possuem uma personalidade jurídica antes de terem sido reconhecidos».

A próxima audiência será na segunda-feira, pelas 10 horas e 30 da manhã, continuando o prof. Maurice Bourquin no uso da palavra. — (A. N. I.).

Está reunida em Bombaim a «Convenção Política de Goa»

BOMBAIM, 3. — Está reunida nesta cidade a «Convenção Política de Goa», organismo, que engloba os quatro movimentos políticos «para a libertação de Goa».

A convenção anuncia que se ocupará, na presente sessão, que durará até 4 do corrente, da discussão de «planos para a libertação dos territórios goeses». — (F. P.).

Células animais que voltaram a viver

(Continuação da 1.ª página)

de touro, a que o dr. Meryman havia aplicado o mesmo processo, foi utilizado com êxito na inseminação artificial de uma vaca. «Aguardamos confiadamente o nascimento de um vitelo normal», disse o mesmo cientista.

Os processos actuais de conservação do sangue humano ou de semen humano e animal para a inseminação artificial exigem uma refrigeração constante. Por isso mesmo, a Academia das Ciências compraz-se em salientar a importância das experiências do dr. Meryman e o interesse da sua aplicação futura. — (F. P.).



DEAN ACHESON

Dean Acheson critica severamente a organização da N.A.T.O. de que foi fundador

BONN, 3. — Dean Acheson, antigo secretário de Estado americano, criticou severamente a organização da N. A. T. O., durante um encontro que teve com os jornalistas.

«Na minha qualidade de co-fundador da Aliança Atlântica — declarou, nomeadamente — devo dizer que durante os sete anos de existência da N. A. T. O. nada se fez no domínio militar. E' já tempo de se manifestar dentro da Aliança um novo espírito de união».

Na sua opinião, o golpe mais grave vibrado no Tratado do Atlântico Norte foi a desunião das três potências ocidentais na altura da crise de Suez.

Disse, por outro lado, que o «objectivo de Kruchchev é sondar a força de resistência da N. A. T. O.» e acrescentou: «Creio que o período de tranquilidade em que actualmente nos encontramos é apenas provisório e que é tempo de falarmos com a Rússia de igual para igual». Rejeitando qualquer concessão na questão de Berlim, disse não cre: que fosse necessário mudar qualquer coisa no estatuto actual. E concluiu: «A presença das forças das três potências ocidentais é satisfatória, porque defendem a liberdade daquela cidade». — (F. P.).

O conflito entre a R. A. U. e o Governo de Pequim

(Continuação da 1.ª página)

As funções que exerce serão confiadas, interinamente, ao conselheiro Cabany.

A decisão de chamar o encarregado de Negócios foi tomada em consequência da entrevista que teve com Chi Peng Fei, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, na qual o diplomata da R. A. U. apresentou um protesto muito enérgico contra os ataques de que o Governo do Cairo foi alvo por parte do dirigente comunista árabe Khaled Bagdache.

Keylani sublinhou, nomeadamente, que o primeiro-ministro Chu-En-Lai apresentou pessoalmente Bagdache, na sessão do 10.º aniversário da fundação da República Popular da China, como «representante do Partido Comunista Sírio», organização dissolvida desde a criação da R. A. U. — que a China Popular foi um dos primeiros governos a reconhecer.

Este insulto ao presidente Nasser — teria dito o encarregado de Negócios Keylani, «constitui um acto sem exemplo» numa ocasião tão solene e oficial, para a qual os representantes da R. A. U. tinham sido convidados.

O facto de Bagdache ter podido atacar o Governo do Cairo «em nome dos Sírios», seria considerado como prova de que o Governo de Pequim estimula o separatismo, praticando deste modo uma ingerência nos negócios internos da R. A. U.

O incidente é tido por muito sério e completamente contrário aos princípios de solidariedade afro-asiática defendidos oficialmente por Pequim. — (F. P.).

MacMillan admitiu numa conferência de imprensa que o número de indecisos aumenta em ritmo inquietante

LONDRES, 3. — «Não vejo como um governo trabalhista, dispondo de uma pequena maioria e profundamente dividido quanto a todos os grandes problemas — bomba H e desarmamento — poderia negociar com êxito com os Russos e deste modo influir na política comum das potências ocidentais» — disse o primeiro-ministro, Harold MacMillan, numa reunião com os representantes da Imprensa.

O primeiro-ministro britânico, ao findar a viagem eleitoral pelo país, modificou o seu programa, convocando sem aviso prévio esta reunião, na sede do Partido Conservador. Segundo os próprios termos do redactor político do «Times», a finalidade desta conferência foi dissipar a confusão que se revela da parte dos eleitores, em consequência da propaganda trabalhista, e que se traduz pelo aumento do número dos «indecisos» nas sondagens da opinião pública e até nos relatórios secretos enviados, pelos agentes eleitorais conservadores à direcção do partido. O que, ainda no dizer do «Times», inquietava profundamente MacMillan e os outros chefes conservadores.

Harold MacMillan disse aos representantes da Imprensa que não anunciará antes do escrutínio de 8 do corrente, a data da conferência dos chefes de Governo. Mas, acrescentou, «tudo parece estar ausente quanto à reunião, salvo as disposições práticas. O presidente Eisenhower está a fazer uma semana de repouso, facto que poderá constituir um atraso. Mas estão todos de acordo. Só resta marcar a data e o local, bem como os políticos participantes».

O primeiro-ministro, que parecia bastante fatigado com a viagem de dez dias, pela Inglaterra e quase afónico, começou por sublinhar o «carácter excepcional» da presente campanha eleitoral. «Pela primeira vez há longo tempo, acrescentou, graças a uma excelente administração das coisas pelos Governos conservadores que se sucedem há oito anos, não há atmosfera de crise, não há tensão internacional, o país sabe que está tudo a correr bem. Este, o factor dominante».

Repetiu que a controvérsia eleitoral versou duas questões essenciais: «Primeiro, os socialistas afirmam que a situação seria bem melhor ainda, na Grã-Bretanha, se o Estado tivesse disposto de mais fiscalizações económicas (nacionalizações, etc.). Nós, conservadores, pelo contrário, desejamos que a economia e a indústria prosperem graças à iniciativa privada. Depois, convém tratar o período eleitoral como um acontecimento sério — assim como nós fazemos — ou de-

verá dar ocasião a uma campanha de corrupção, oferecendo aos eleitores vantagens ilusórias à custa do contribuinte, como os trabalhistas fazem?».

Depois da sua declaração, que terminou por estas palavras: «Cada vez tenho maior confiança nos resultados», MacMillan foi interrogado acerca do aumento sensível dos eleitores indecisos. MacMillan deu uma resposta algo arriscada para o seu partido: «Nas sondagens efectuadas em cada circunscrição, graças ao porta-a-porta eleitoral, acusado será dizer que, somamos o número dos eleitores indecisos aos nossos adversários declarados». Ora bem, há dias, «lord» Poole, que dirige a campanha eleitoral conservadora, reconheceu que os relatórios secretos, recebidos na sede do Partido Conservador evidenciam aumento inquietante do número dos indecisos, nas contagens feitas pelos militantes locais do partido.

Esta resposta ambígua do primeiro-ministro foi notada com espanto pelos jornalistas presentes, que nela vêem indício de uma preocupação crescente em presença do êxito mais importante do que se previa, da campanha trabalhista. — (F. P.).

A conferência de alto nível

(Continuação da 1.ª página)

tado italiano parece terem também apresentado certo número de ideias respeitantes a métodos inteiramente novos para a distribuição desse auxílio.

Os dois homens de Estado italianos terão hoje, em Nova York, conversações com o secretário-geral da O. N. U., supondo-se que acerca de Berlim e do desarmamento.

Os meios italianos autorizados declaram estar bastante satisfeitos com as conversações já efectuadas, sublinhando-se, nomeadamente, terem os Estados Unidos sido estimulados pela atitude italiana quanto ao Mercado Comum e libertação de mercados. — (F. P.).

FUGA DRAMÁTICA

MIAMI (Flórida), 3. — Dois homens e uma mulher, armados com pistolas-metralhadoras e granadas de mão, obrigaram o piloto de um avião das Linhas Aéreas Cubanas que faz carreira entre a Havana e Santiago de Cuba, a seguir para o aeroporto internacional de Miami.

Os três fugitivos cubanos pediram asilo político às autoridades norte-americanas, quando o aparelho desceu em Miami. — (A. N. I.).

LIVROS DE ESTUDO

COMPRA, VENDE E TROCA

NAS MELHORES CONDIÇÕES DE PREÇO

GRANDE FEIRA DE LIVROS DE ESTUDO E DE OUTROS DE INTERESSE GERAL A PREÇOS IRRISÓRIOS

LIVRARIA AVELAR MACHADO

Rua do Poço dos Negros, 17 a 21

Telef. 27368 — LISBOA



Hoje

APRESENTA NOVAMENTE

O FAMOSO CONJUNTO

DE

HELDER MARTINS

TODOS OS DIAS das 19 às 21 e das 0 h. às 5 h.

ADMISSÃO RESERVADA

Maior 17 anos

R Jardim Regedor, 34

Telef. 26501

A misteriosa fortuna do senhor ONASSIS

magazine

Diário de Lisboa NÚMERO 64 Diário de Lisboa



Dr. Joel Serrão

Não ocupará o desporto um lugar excessivo na vida moderna?

Um quadro do nosso tempo ficaria incompleto, se não lhe incluíssemos a faceta «Desporto». Com efeito, ele atingiu, nos nossos dias, uma tal importância, um tão decisivo relevo, que seria absurdo e perigoso querer desconhecê-lo. Por isso mesmo, a sua importância suscita muitas dúvidas e provoca receios. «Não ocupará o Desporto um lugar excessivo na vida moderna?»

Eis o que nos responderam:

Dr. Joel Serrão
escritor

Entendamo-nos. Há que distinguir, em primeiro lugar, entre os que efectivamente praticam desporto, e aqueles que se limitam a falar sobre desporto, principalmente futebol. Tudo indica que, entre

nós, é ínfima a percentagem dos que se exercitam desportivamente, como é máxima a daqueles outros que afectiva e intelectualmente vivem, quase obsessivamente, as questões da bola. Ora se, como parece, as coisas se passam dessa forma, não poderiam passar-se pior, tornando evidente um es-

(Continua na 3.ª página)



O senhor Onassis é um homem célebre. Célebre não apenas pelo seu romance sentimental com a não menos famosa Maria Callas, acerca do qual falaram os jornais de todo o Mundo. Não! O senhor Onassis antes de ser conhecido pelos seus escândalos amorosos já era célebre pelas suas famigeradas actividades comerciais e financeiras, que fizeram dele o homem mais rico do Mundo. Calcula-se mesmo que os seus rendimentos excedem a casa dos 50 milhões diários.

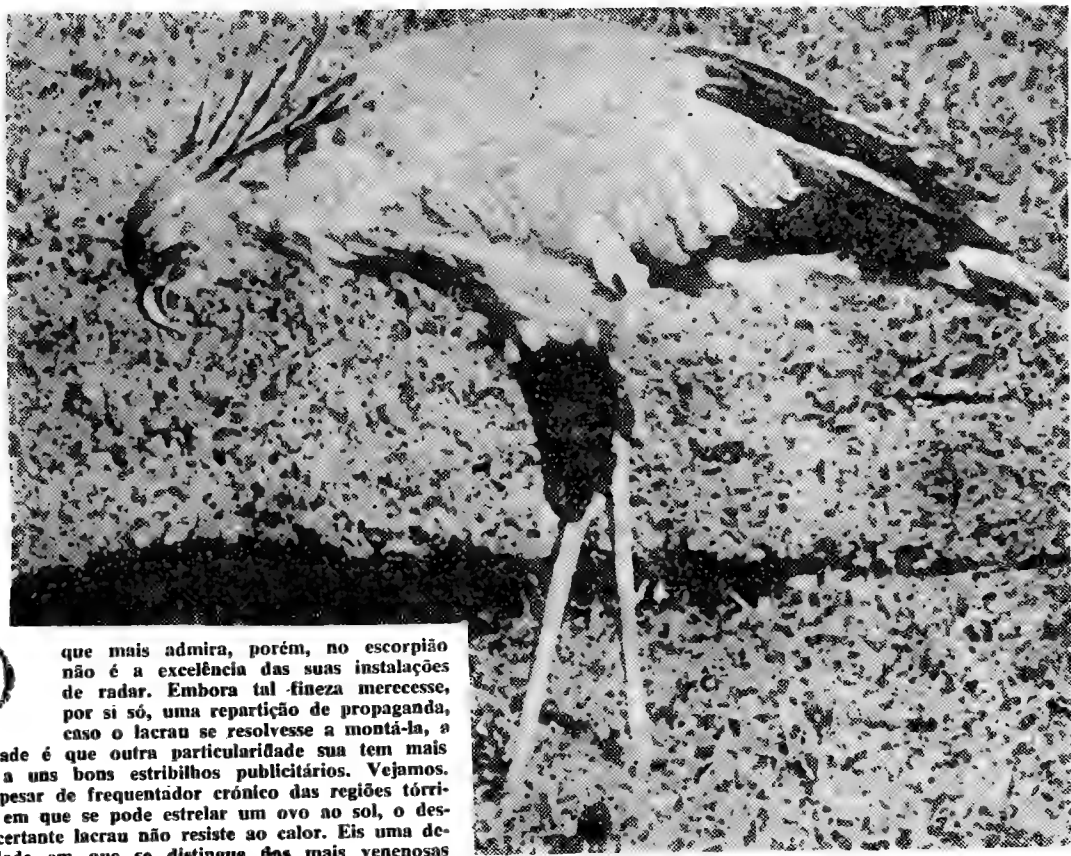
Ao contrário dos conhecidos nababos de outras épocas, todos eles figuras sinistras de vida misteriosamente recolhida e exótica, o senhor Onassis é um homem do seu tempo, justamente considerado a mais curiosa figura de magnate moderno. Verdadeiro «gentleman», razoavelmente culto, ele passava desportivamente a sua fabulosa fortuna (e também os seus caprichos de milionário) pelos mais selectos centros de turismo e cultura e escândalo mundano, com fins publicitários, como qualquer aspirante a estrela de cinema.

O seu famoso barco de recreio «Christina», tão falado nos últimos dias, é considerado uma verdadeira obra-prima de luxo e de conforto, por onde têm passado as maiores celebridades. Reis coroados ou já sem coroa, políticos no activo ou na reforma, famosas estrelas de primeira grandeza no Mundo, desde Churchill a Charlot, a todos Onassis tem sabido atrair ao seu convívio como hóspedes, como amigos, alguns, porventura, como colaboradores no seu vasto império dos negócios.

De origem grega Aristóteles Sócrates Onassis é filho de um negociante de cigarros de Atenas. Conta-se que nos tempos mais difíceis da última guerra o jovem Onassis, depois de ter cortado relações com a família, desembarcou um dia num porto da Argentina quase sem um centimo no bolso, mas com um mundo de ambições a comandar-lhe o coração e o pensamento.

Começando modestamente como vendedor de tabaco grego, que ele próprio importava do seu país, tornou-se rapidamente dono de fábricas de cigarros na América Latina e proprietário de uma importante companhia de navegação mercante

(Continua na 2.ª página)



O que mais admira, porém, no escorpião não é a excelência das suas instalações de radar. Embora tal fineza merecesse, por si só, uma repartição de propaganda, caso o lacrau se resolvesse a montá-la, a verdade é que outra particularidade sua tem mais jús a uns bons estribilhos publicitários. Vejamos.

Apesar de frequentador crónico das regiões tórridas em que se pode estrelar um ovo ao sol, o desconcertante lacrau não resiste ao calor. Eis uma debilidade em que se distingue das mais venenosas escorpionas da História — desde Cleópatra, Messalina às modernas vampes polimatrimoniadas: meia hora de banho de sol é quanto basta para os tornar falecidos. Claro que também não têm motivos imperiosos para se expor ao sol: São bronzeados por natureza. Que fazem, pois, os escorpiões para fugir aos sinapismos solares?

Convém dizer, antes de desvendar o caso, que o benemérito cidadão dispõe duma acuidade sensorial verdadeiramente única no mundo e que nem as trémulas fadistas conseguem ultrapassar. Basta que um feixe de luz infravermel-

ho é suficiente para lhe produzir violenta reacção. Hoje já está explicada aquela famosa lenda que garantia que os lacraus se suicidam quando apertados pelas chamas. Os homens gostam de atribuir aos bichos os vícios que inventam. O suicídio — actividade consciente — é coisa própria do rei da criação; os brutinhos não têm «spleen», nem eczemas metafísicos, nem mágoas insolúveis, nem amores desentrançados: amam a vida como uns desalmados e,

(Continua na página central)

O QUE FICOU POR LER

DA AMÉRICA

Um terço da Polícia novaiorquina, qualquer coisa como 7.300 agentes, foi desviado das suas normais atribuições passando, durante os três dias de estadia de Kruchchev em Nova York, a dedicar-se à segurança do primeiro-ministro soviético.

O «record» de três casamentos em três meses acabou por lançar o motorista de táxi Fort Worth, de uma cidadezinha do Texas, na prisão. Qual o motivo da pena? Açambarcamento de matrimónios? Ofensas à moral pública? Crueldade mental?

Nada disso.

O Fort Worth não teve dinheiro para pagar o terceiro divórcio.

DE INGLATERRA

Donald Carra crizou-se, no «hall»

do seu hotel londrino, com uma morenita capotosa, apetitosa e deliciosa. Resolveu meter convérssa, pois é pela convérssa que as pessoas se entendem, e disse com a inocência dum soldado que encontra uma criada de servir:

— Parece-me que já a vi em qualquer parte, mas não sei aonde...

— Talvez no cinema — respondeu Gina Lollobrigida, pois era ela a tal morenita capotosa (etc.).

A psiquiatria está na moda. Em Londres deu-se agora um grande passo em frente. «Butch», cão de raça boxer, mostra-se incapaz de conviver com os demais cães. Maltrata-os, morde-os e o menos que pode fazer-lhes é assustá-los com um arrastar de dentes. Pois vai ser submetido a um tratamento psiquiátrico que lhe curará — dizem os entendidos — o seu mau génio.



A MISTERIOSA FORTUNA DO SENHOR ONASSIS

(Continuação da 1.ª página)

com carreiras entre a Grécia e a América do Sul.

As suas actividades de armador desenvolvem-se vertiginosamente e em poucos anos ele é possuidor da mais poderosa frota petroléira do Mundo. Para se ter uma ideia aproximada da sua importância como armador basta recordar que em 1954 foi concluído entre ele e o rei Saud da Arábia um acordo segundo o qual ambos fundavam «m Djeddah» a «Saudi Arabia Maritime Co. Ltd.» destinada ao transporte marítimo do petróleo saudita sob pavilhão árabe.

Para isso Onassis punha à disposição da Companhia 30 das suas modernas unidades num total de 500.000 toneladas (a tonelage total da nossa marinha mercante!).

O rei da Arábia garantia à Companhia, por um período de 30 anos, todos os fretes de petróleo do seu país com excepção apenas da tonelage transportada pelos barcos-cisternas da companhia concessionária «Ararico» (Arabian American Oil Company); mesmo assim esta limitava-se a utilizar de futuro apenas as unidades «já afectas àquele transporte antes do acordo». Por tudo isto o rei Saud receberia de Onassis zelim e meio por cada tonelada de petróleo transportada.

Como era de prever, os Americanos lançaram guerra a este acordo que acabou por ficar sem efeito.

Foi Onassis também, até há pouco, um dos maiores armadores da pesca da baleia, pelos meios mais modernos. A sua frota baleeira, recentemente vendida à Sociedade Japonesa Kyokuyo pela importância de 10 milhões de dólares, era constituída por 15 barcos caçadores de 750 toneladas cada um e pelo navio-fábrica «Olympic Challenger» de 10.000 toneladas. Além toda a sua frota mercante reunida atinge o número de 114 unidades com a deslocação de 1.250.000 toneladas (o dobro da portuguesa), chegando a ser a quinta frota do Mundo (Portugal está em 23.º lugar).

Estendendo as suas múltiplas ac-

tividades para além das fronteiras e dos oceanos, vem-lo, de um dia para o outro, ocupar o lugar de presidente da Sociedade dos Banhos de Mar de Mônaco, nada mais nada menos que a empresa comercial turística que mantém o Principado de Mônaco pela exploração de hotéis, praias e casas de jogo em toda a Côte d'Azur. O seu principal escritório funciona exactamente no Sporting Clube de Monte Carlo, centro principal da sua actividade

onde ele se pode orgulhar de ter montado a mais rentante peça publicitária que o Mundo viu — o casamento da estrela de cinema Grace Kelly com o príncipe Ranier III. Ranier III é de facto o Príncipe de Mônaco porque o Rei, esse é Onassis que lhe sustenta a corte com a roleta de Monte Carlo.

Mas o patriotismo do senhor Onassis havia de, finalmente, levá-lo a olhar para o seu triste país. Assim, vem-lo ainda não há muito tempo tomar conta, em regime de monopólio, de toda a navegação aérea da Grécia, quer no interior do país quer para o exterior.

Foi por isso que os jornais do Mundo deram a enternecedora notícia de ter sido num avião de Onassis que o grande patriota Givas regressou, cheio de glória, de Chipre à sua pátria. É que na Grécia não há aviões comerciais senão os do senhor Onassis...

Fala-se agora que o senhor Onassis quer patrioticamente fazer ainda o sacrifício de tomar também em regime de monopólio todos os caminhos de ferro do seu país. É, de facto, um bonito gesto.

Ora a lenda e a realidade dão-lhe as mãos para tentar explicar a origem da poderosa fortuna do senhor Onassis. Donde provém o crescimento quase em flecha dos seus negócios? Apenas do seu génio comercial? Muitos o negam.

Afirmam alguns que o senhor Onassis não foi mais que um hábil executor de uma obra que teve a sua verdadeira origem em capitais alemães postos a salvo antes da queda de Hitler e lhe foram confiados para administrar até que chegassem melhores dias para a Alemanha. Será lenda?

Estas opiniões têm por si os seguintes factos:

A sua poderosa frota baleeira era tripulada exclusivamente por antigos marinheiros alemães e tinha como base o porto alemão de Hamburgo.

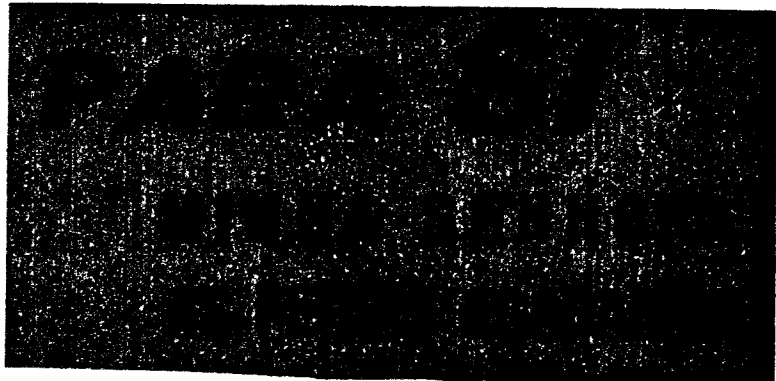
Todas as reparações e renovação da sua grande frota fazem-se, invariavelmente, em estaleiros alemães.

Finalmente, foi tornado público que Onassis faz parte do grupo financeiro Krup. Melhor: foi tornado conhecido o Grupo Krup-Onassis destinado ao financiamento das actividades atómicas da Alemanha Ocidental com a Espanha como fornecedora de urânio.

Resumindo e simplificando, temos, portanto: Aristóteles Sócrates Onassis, 1.º cidadão do mundo dos negócios, imperador da Roleta em Monte Carlo, rei de Mônaco, senhor dos mares e dos caminhos marítimos do petróleo, marechal do Ar da Grécia, mestre de publicidade e fabricante de estrelas à escala mundial, arauto da era atómica e das bombas limpas de radioactividade «made in Germany» e, finalmente, prisioneiro dos dois de peito da impetuosa prima-dona Maria Callas — rainha da ópera.

Decididamente, digam lá o que disserem, o senhor Onassis é um homem célebre. Célebre e poderosamente perigoso...

JOAQUIM CAMPINO



É verdade; e é tão triste verificá-lo que nem vale a pena falar mais nelas. E se o fizermos será para nos felicitarmos do bem moral e físico que nos trouxeram.

Mas sabemos, por experiência própria, como é triste voltar ao trabalho de todos os dias, sempre o mesmo e invariavelmente monótono; curvarmo-nos às obrigações esquecidas todo este tempo (que bem curto foi ou pareceu)...

Mas minha senhora, que lamentações desnecessárias! Não se trata de olhar para trás, não despegar os olhos saudosos dessas semanas de repouso. Cairá na neurastenia. Não, amiga leitora, trata-se, simplesmente, de saber prolongar as férias durante o trabalho, ou pelo menos, de prolongar o benefício das férias. O Outono vai ajudá-la, lentamente, a retomar a vida que tanto lhe custa. E verá como sabe bem voltar à vida... de todos os dias. Guarde das férias, apenas os bons hábitos que adquiriu. E com certeza aproveitou esse período de repouso para pensar a sério na rotina de todos os dias, na forma de a encerrar o melhor possível, de entrar num novo ano de trabalho frutuoso, de vida sã e equilibrada.

Para pôr isto em prática, siga os oito mandamentos que vamos discriminar para si:

A SUA VOLTA NINGUEM DI-

RA: Como foram curtas, infelizmente.

Claro que as férias parecem sempre muito curtas. Mas creio que aproveitou o melhor possível o ar livre e o Sol e até os últimos dias de chuva lhe deram saudades do sossego do seu canto na cidade. Volte, pois, optimismo e entusiasmo.

A SUA LINHA ESBELTA VOL-

TARA: Comendo menos e

Durante as férias comeu um pouco mais, esteve deitada muitas horas do dia. E o desporto que fez, os passeios que deu, não evitaram que trouxesse uns quilos a mais... Agora não se trata de lamentá-lo ou entrar violentamente num regime de trabalhos forçados. Não, basta entrar num ritmo mais regular, comer a horas fixas, etc. Nada de almoçadas que fazem sono ou grandes jantares que espantam o sono; mas escolha pequenos intervalos para meter «gasolina», um pouco de

chocolate, algum açúcar, um biscoito; isto basta para a manter em forma e evita que se atire ao almoço e ao jantar... como gato a bofe.

DE MANHA L'ARTIRÁ: Levan-

tar cedo, dá saúde e faz crescer.

Mesmo que não pense em crescer, levantar cedo é um dos hábitos que mais custa a aceitar depois de férias, mas que melhor lhe fará. O humor do dia ressentido de sair da cama. Reaja á preguiça... e levante-se alegremente: a telefonada, as janelas abertas ao Sol da manhã, um pente pelos cabelos e um roupão gracioso, uma mesa alegre e bem posta, um pequeno almoço apetitoso e bem apresentado... Que bons auxiliares para um dia bem passado! Durante alguns momentos, terá até a ilusão de estar em férias.

AR PURO RESFIRARA: Todos

os domingos.. se não for mais.

Não deixe que se acabe o «stock» de ar puro que trouxe de férias. Procure sair muitas vezes, mesmo se chove ou faz vento. Bem equipada, um passeio à chuva e ao vento, tomará o aspecto de uma risonha aventura. Sacrifique uma sessão de cinema a um bom passeio. Não perca a ocasião de se encher de ar, seja de manhãzinha, seja antes do jantar.

BOA FORMA FISICA TERA:

Ou pelo desporto ou caminhando.

Não pense que o exercício físico é reservado às férias, e que os músculos vão ficar ao borralho até o ano que vem. Que triste ideia, essa. Não tardaria que o seu equilíbrio se ressentisse.

Se não tem tempo nem meios para fazer qualquer desporto, não deixe de arranjar coragem para dar, todas as manhãs, um passeio a pé e um pouco de ginástica durante cinco minutos, para não «enferrujar». E se não pode fazer mais, pelo menos interesse-se pelo trabalho caseiro ou vá a pé para o emprego.

DORMIRA BASTANTE: O so-

no é o melhor remédio.

O sono é um elemento primordial para um bom equilíbrio físico e nervoso. A saúde, a beleza, a felicidade, dependem de um bom sono reparador. Defenda o seu sono de oito horas sôfregamente, ciumentamente, imponha-o aos outros. Se não consegue dormir, boa Amiga, é porque a fadiga é já muita. Para conseguir o sono, procure dar um pequeno passeio à noite, um duche morno, uma bebida bem acaçorada e quente; conseguirá um bom sono reparador. E despertará bem disposta.

NÃO ABUSARA DO ALCOOL...

E pouco fumará... ou nada.

Não queira intoxicar-se, com estes vícios. Não queira introduzir, no seu organismo, meios de envenenamento lento, mas seguros, como o tabaco e o álcool. Para o vício do tabaco, nada melhor que a pastilha elástica, um bombom ou simplesmente um torrão de açúcar.

BOM HUMOR CONSERVARA.

Todo o ano, como se estivesse em Agosto.

Sim, se observar os sete anteriores mandamentos, terá conseguido este ultimo, aquele que toda a gente deseja...

GEIado começa por

GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA



- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

LUZES DA CIDADE

(Continuação da 1.ª página)

tado mórbido, que o futuro mais ou menos próximo não poderá deixar de procurar resolver. Que todos os Portugueses jovens e em condições de saúde para tal desenvolvam pelo desporto as suas virtualidades físicas, eis um dos objectivos a que parece justo almejar. Que tão grande numero dos nossos compatriotas ocupem os seus ócios na obsessão da bola, e do vedetismo muscular, eis o que se me afigura doentio e nefasto (por mais que sociologicamente a coisa se compreenda), aos interesses presentes e futuros da nossa grei. Será uma exigência incompatível com as realidades pensar que tais ócios da grande maioria poderiam e deveriam ser ocupados também pelos problemas da coisa pública, pela arte, pela leitura, etc.? Creio bem que não. Mas esta minha crença implica esclarecimentos que seria abusivo expender agora.

João Medina — 20 anos.
Estudante de Direito



Numa sociedade como a nossa, o Desporto ocupa exactamente o lu-

gar que lhe convém. Pedirmos uma revisão sociológica do Desporto, seria pedir um exame de consciência do nosso tempo.

Rogério Paulo. Actor



«Sim e Não! Isto é: creio que o lugar que ocupa lhe é devido, pois

O engenho pode muito...

As tartarugas gigantes que vivem nos desertos ou ilhas desprovidas de água, recorrem ao suco de cactos ou folhas de árvores, para matar a sede.

Quando a sede aperta e não têm recursos, mesmo nenhuns, nem mesmo os cactos e as folhas, sacrificam algumas companheiras e bebem-lhes o conteúdo da vesícula — água quase pura.

o desenvolvimento físico do Homem e até (vamos lá...) o seu espírito de luta, assim o exige. Mas insurjo-me veementemente contra o emprego do «desporto-competição» como estratégia no sentido de desviar a atenção dos Homens dos seus problemas fundamentais: — a sua Cultura humanística e humana e o seu «nível de vida» económico-social.

Paulo António

28 anos

Jornalista



«Entre nós, o Desporto ocupa um lugar ao contrário. Desvirtuado da sua verdadeira missão, por razões que nem vale a pena considerar neste momento, serve a um vasto sector do publico, mas não serve de modo nenhum o Homem.

Se ha quem se lamenta da ausência de obras literárias de largo fôlego, da pobreza das nossas artes plasticas, ou da pouca riqueza das peças musicais originais, o mesmo não se poderá ouvir quanto á cinegética. Na verdade, existe uma longa tradição da arte de bem caçar em Portugal, que vem desde tempos imemoriais, tendo-se escrito até hoje numerosos livros que explicam as técnicas a usar conforme o género de caça a que se destinam. Muitos dos nossos reis eram afeiçoados a esta «arte», esmerando-se a descrever a sua experiência em que entrava a acção movimentada, a paciência, a observação, a perseguição cautelosa e a expectativa do momento oportuno para que a presa não se escapasse.

Parece, assim, que tão vasta informação sobre o assunto, associada á prática dos caçadores dos nossos dias — que mantêm vivas as lições do passado e criam novos processos, de acordo com as necessidades do presente — seria suficiente para a boa execução do des-

ma. Enquanto esta destruição se desenvolve cá em baixo, as rolas, no alto, afastam-se tranquilamente. O caçador dá mais uns passos no asfalto da estrada, defendendo-se do mato, das urzes, dos cardos que podiam romper a sua sola de borracha, respira fundo, carrega o chapéu para os olhos, endireita cuidadosamente a peninha, e aí vai ele tomar posição junto a outro muro. Por vezes, acontece sentar-se numa pedra á beira de um caminho, e daí contemplar a paisagem, fixando a copa das árvores de onde espera ver surgir o almejado bando de rolas. Elas surgem em grupos de três. O caçador levanta-se e desata num tiro deo desenfreado, ora para a esquerda, ora para a direita, e tudo quanto consegue é que lhe caia em cima, inesperadamente, um ramo de pinheiro. Se acontece alvejar uma rola por acaso, aventura-se então ao campo para ir buscá-la. Regressa á estrada, pouca a espingarda no chão, mas segura por uma asa a ave mal ferida. Com a outra mão sacode cuidadosamente as calças á vaqueiro

CAÇADORES DE PENINHA

porto que continua a ocupar um lugar de relevo. Mas tal não acontece.

Não vamos hoje falar daqueles que se vangloriam de ser peritos nesta ou naquela actividade, desconhecendo completamente os princípios básicos que a devem nortear. Sabemos que há caçadores, incapazes de acertar um tiro, que vão comprar perdizes á praça para convencerem a família e os amigos das suas supostas habilidades, como é do conhecimento de todos que certos pescadores, pouco hábeis, resolvem adquirir um safio no mercado mais próximo, a fim de manterem a ilusão, perante os outros, das suas excelentes qualidades na arte piscatória.

Não é a estes, portanto, que pretendemos referir-nos, mas aos caçadores de rola que usufruem da liberdade de se dedicarem ao desporto da caça, antes da abertura oficial da mesma. Segundo os entendidos cuja opinião tem sido divulgada pela imprensa diária, este privilégio pode contribuir para limitar o desenvolvimento da espécie, recendo-se o seu desaparecimento. Mas isso seria o menos, pois poderão tomar-se sempre providências que ponham cobro a estes desvarios cinegéticos. Também, entre os caçadores de rola há a distinguir os autênticos, como os do Norte do País, conhecedores exímios da sua arte, que, de espingarda em punho e bota ferrada, chegam a caminhar quilómetros atrás da rola, pois esta ave é de voos curtos, e a longa perseguição dos caçadores fatiga-a, chegando a cair de cansaço, o que a torna alvo mais fácil de atingir. Devido ás extensas caminhadas obrigatórias de uma tal caça, criou-se a expressão muito conhecida «ir á rola».

Ora os caçadores a que vamos fazer referência são muito diferentes. São caçadores vindos dos bairros elegantes de Lisboa, caçadores de «smoking», caçadores de noites perdidas a bebericar whisky em alegre companhia, caçadores de «Cadillac» estacionando pelas regiões suburbanas que se estendem até ás faldas da serra de Sintra.

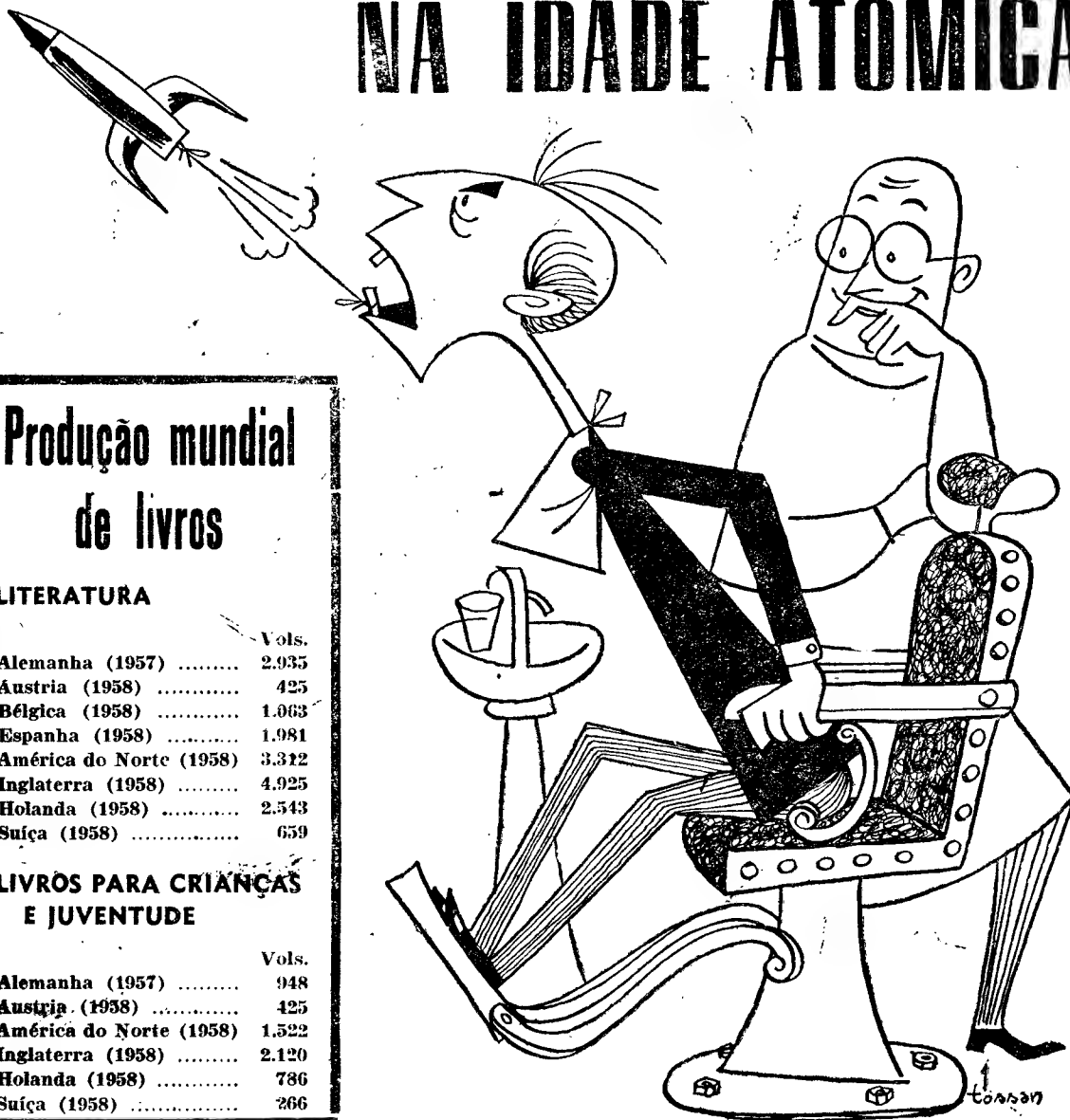
As 7 horas da manhã aparecem os ditos caçadores nas estradas, seu ponto de observação, subjugados ao peso das espingardas e envergando um traje pouco apropriado para o exercício a que se dedicam. Vestem camisas de quadradinhos ou de rede transparente, calças á vaqueiro — a imitar os homens do Oeste americano, de cuja vida não têm a menor noção — presas por suspensórios, calçam sapatos de ginásio com grossa sola de borracha e usam na cabeça um chapéu de feltro, enfeitado com uma peninha de perdiz. Se a indumentária é ridícula, para quem pretende caçar rolas, as atitudes são lamentáveis, pois revelam um desconhecimento absoluto dos preceitos a que obedece a caça. Invadem as estradas, encostam-se aos muros das vivendas e aí esperam a passagem dos bandos de rolas, começando então o tiro. O barulho das descargas acorda os habitantes das redondezas que espreitam cautelosamente ás janelas, receosos da falta de pontaria dos caçadores. O chumbo dos cartuchos tilinta nos fios eléctricos, rasa os telhados, aloja-se num muro, espadando calça, ou acerta no pombo doméstico da habitação mais próxi-

e limpa com um lenço a poeira dos sapatos.

A caça á rola parece-lhe o exercício mais fácil deste mundo, sem maçadas nem aborrecimentos. O unico impedimento da plena felicidade destes caçadores são as discussões com os donos das casas circunvizinhas que vêem os muros rachados, as árvores desgalhadas, os pombos mortos e a própria vida em perigo pela imprudência e comodidade destes desportistas, afeiçoados a uma arte que tão mal executam. Para evitar tão grave inconveniente alguns deles pensam já alugar uma vivenda cujas janelas deitem sobre os campos verdejantes para, naquele momento agónico que precede as abluções matinais, poderem visar facilmente as rolas que deslizam no céu. Talvez desse modo consigam livrar-se dos desastres que causam e, certamente pouparão aos outros o triste espectáculo da sua inépcia num desporto que põe á prova o vigor físico, a coragem de enfrentar a natureza, a visão certa e o auto-domínio, qualidades que estes caçadores caseiros perderam por completo.

DULCE REBELO

NA IDADE ATOMICA



Produção mundial de livros

LITERATURA

	Vols.
Alemanha (1957)	2.935
Áustria (1958)	425
Bélgica (1958)	1.063
Espanha (1958)	1.981
América do Norte (1958)	3.312
Inglaterra (1958)	4.925
Holanda (1958)	2.543
Suíça (1958)	659

LIVROS PARA CRIANÇAS E JUVENTUDE

	Vols.
Alemanha (1957)	948
Áustria (1958)	425
América do Norte (1958)	1.522
Inglaterra (1958)	2.120
Holanda (1958)	786
Suíça (1958)	266

UMA FIGURA EXTRAORDINÁRIA

3 de Agosto de 1533

ENTRE Maria Tudor, a nova rainha de Inglaterra, e sua irmã mais nova, Isabel, vai um abismo de diferenças. Isso mesmo se observa quando ambas entram solenemente em Londres — no dia 3 de Agosto de 1533 Isabel a cavalo, a soberana, de carruagem. Maria parece muito mais velha do que, em boa verdade é (uma donzela de trinta e oito anos). Magra, com o aspecto chupado das solteironas insolúveis, usa uns bandos lisos e puritanos, à moda do tempo. Um penteado assim tem a vantagem de lhe desimpedir a fronte alta e arqueada; mas ainda mais acentua as faces cavadas e o queixo voluntarioso. Desprende-se de toda a sua pessoa uma sugestão de fanatismo que só os olhos cinzentos e sonhadores conseguem atenuar um pouco.

E a irmã? Em Isabel desabrocha a beleza do diabo dos vinte anos. Seus caracóis ruivos cintilam ao sol. Alta, com um porte verdadeiramente real, suscita o entusiasmo no bom povo de Londres que abre alas para a ver passar. Razões não faltam para isso: tem o sorriso à flor do rosto — um sorriso contagioso e otimista; e sabe cavalgar com uma graça consumada, coisa que sabe bem contemplar.

Os cinco anos de Maria a Sangrenta

Durante cinco anos — tantos quantos Maria terá vida para reinar — a Inglaterra vive um período extraordinariamente dramático. Maria, a filha mais velha de Henrique VIII, que apartou de Roma,

Entre os que a rodeiam talvez não haja quem lhe lembre que a burguesia comercial, rica e atrevida, só olha para a frente e não para trás. Durante cinco anos ela faz esforços desesperados para reduzir os seus vassallos à fé romana. A política que empreende merece que estes lhe chamem *Maria, a Sangrenta*. Tanto mais sangrenta quanto verifica que cada falso e fogueiras não transformam o povo inglês e só servem para acender, juntamente com as inúmeras baixas que produzem, uma resistência obstinada, cada vez mais firme e mais dura. Maria sente-se impotente para remover das suas ilhas a crença protestante que nelas havia enraizado, vinte anos antes. Os vassallos desviam dela os olhos e pensam com afimco noutro soberano. Que outro soberano, se do casamento de Maria Tudor com Filipe de Espanha não veio nada a este mundo? O povo volta-se para Isabel. Todo o Mundo sabe que foi educada na crença protestante e tanto avonda para que surja aos olhos dos Ingleses como o símbolo das liberdades nacionais. As coisas facilitaram-se.

Paz e estabilidade

Maria vem a falecer em 17 de Novembro de 1558. O país aclama entusiasticamente Isabel como soberana.

Ela finalmente a sacudir o sombrio destino que a cingia desde a infância. Correu perigos sem conto; salvou-se das mais diabólicas armadilhas; viu brilhar o reluzente machado que talhara o delicado pescoço de sua mãe, Ana Bolena; mas agora é rainha! Não admira que a não tolhesse a menor hesita-



Henrique VIII, pai de Isabel I

Filha de uma mulher que morreu no cadafalso acabou por se sentar no trono da mãe

como se sabe, a igreja inglesa, é uma católica intransigente, de um fanatismo diurno e nocturno. Casada com Filipe II, campeão da fé

ção: se, ao cabo, chegou a sua hora, aproveitá-la-á.

Pouco tempo é necessário para que esta princesa letrada demons-

lado reinava uma grossa miséria. Neste ano de 1558, os subditos de Sua Majestade Britânica não ultrapassam os quatro milhões e meio. Quatro milhões e meio de corações que aspiram a paz e a estabilidade, ao fim de tantos anos de desastres e perturbações.

Pois Isabel compreende fulminantemente o que esperam dela. É uma jovem de vinte e poucos anos, mas compreende o que esperam dela e mete ombros à tarefa dura de cumprir os desejos da nação.

Prudente, madura nas decisões, teimosa em porfiar no caminho encetado — Isabel é uma das mais complexas naturezas da História. É esta complexidade que lhe permite adaptar-se às difíceis circunstâncias que a rodeiam quando sobe ao trono. No meio de Espanha e da França, ela adia decisões, inventa estratégias subitas. O resultado é que Isabel consegue sair vitoriosa ao cabo das negociações intermináveis a que a conjuntura política a obrigava. Grande diplomata! Onde aprendeu este diabo

de moça tanta manha estanhada? É a calma, o domínio da sua foga-sidade juvenil? Veja-se também a formidável tenacidade com que sustentou o duelo de morte com Maria Stuart! Mulher de génio, não há dúvida.

Logo ao subir ao poder rodeou-se de um conselho restrito e escolheu para secretário de Estado um homem novo — não um nobre indócil e arrogante, mas um homem saído da burguesia rica, Guilherme Cecil. Ser-lhe-á toda a vida inteiramente dedicado; e ambos farão uma parceria indissolúvelmente unida; e a ajuda inteligente de Cecil, a sua extraordinária perspicácia, a sua inesgotável capacidade de trabalho justificarão, por completo, a confiança de Isabel.

A sua vida reinante inicia-se, porém, com uma grave dificuldade: coroada em 15 de Janeiro de 1559, logo dez dias depois o Parlamento lhe pede respeitosamente que se case a fim de garantir sucessão... (Continua)



Ana Bolena, mãe de Isabel I

romana, ela tenta realizar o impossível, aquilo que só uma cabeça obcecada poderia conceber: espalhar o seu país nos padrões de ideias e de crenças que imperam em Castela, a terra de seu esposo.

tre as suas extraordinárias virtudes políticas. A Inglaterra sofrera dolorosamente com a sangrenta guerra das Duas Rosas; a população fora dizimada; os campos estiolavam, ao abandono; por todo o

CUIDADOS...

Um conferencista especializado em defesa civil recomendou:

«Apenas souberdes que uma bomba H está para ser lançada, correi a pintar os vidros das janelas de vossas casas com uma mistura de cal e de leite sem acidez. Assim reflectirão, sem se deixar atravessar por elas, as radiações perigosas. Depois, banhe os móveis e panos com uma solução de borato e farinha, a fim de evitar os incêndios».

O especialista não disse duas coisas importantes:

1.º — Como saber com antecedência que uma bomba vai ser lançada.

2.º — Como evitar que a bomba caia.

Em Coimbra em 1930, havia um vendilhão ambulante que vendia pó para matar pulgas. No primeiro dia de negócio esgotou as caixas com o preparado. No seguinte, veio uma senhora mais corajosa e queixou-se de que o remédio não fazia efeito nenhum.

— Como é que a senhora deitou o pó? — eis a pergunta do especialista em mortes de pulgas.

— Ora, como havia de ser! Deitei-o nas camas...

— Ah!, pois não é assim!... A senhora tem de agarrar uma pulga deitá-la de pernas para o ar, botar-lhe os «pócs» em cima e depois esmagar com o polegar.

Eis um precursor do inglês.

A primeira mulher que usou «bikini». Apareceu um mosaico de há 2.000 anos... nada menos, representando uma mulher com uma «toilette» muito parecida com as que as mulheres de hoje gostariam de usar nas praias se lhes permitissem. Contudo, os filmes estrangeiros dão-nos, por vezes, as imagens dessas vestes sumárias, como a que agora surgiu na sala de ginástica da antiga vila de Casale, em Siracusa.

A primeira mulher que fundou um clube foi «Olimpia». Chegada a Paris com 16 anos fundou a sociedade popular chamada «astricotadoras». Tão inteligente como bela, adoptou as ideias revolucionárias que a fez condenar à morte e ser executada.

A primeira mulher que usou rabo de cavalo, como penteado, viveu no sec. XV. Não sabemos o seu nome, mas ficou gravada num vitral, com toda a importância da mulher «A la page». Já



vêm as nossas jovens modernas que a «sua» cauda de cavalo está longe de ser uma inovação.

A primeira mulher que ensinou numa Universidade foi CAETANA d'AGNESI. Em França só em Novembro de 1906, Maria Curie teve acesso à Sorbonne. Mas em Itália Gaetana, já em 1750 ocupava cargo idêntico. Filha de um professor universitário, muito cedo Caetana se evidenciara grande matemática. Em 1750 substituiu seu pai na cátedra que ocupava antes de cair enfermo. Em Alexandria, foi Hypatia, a quem chamavam a «filósofa», foi verdadeiramente a primeira mulher que ensinou para uma imensa assembleia, as matemáticas e a filosofia... 370 anos Antes de Cristo.

A primeira mulher académica foi Selma Lagerloef (1858/1940). Jovem professora, tornou-se uma grande escritora, prémio Nobel em 1909.

A primeira mulher que instituiu um prémio literário: CLEMENCE ISAU-RE (1463/1513). Instituiu os Jogos Florais e deixou a sua cidade (Toulouse) fundos consideráveis para prémios de poesia. Estes concursos dos Jogos Florais ainda hoje existe e todos os anos no dia 3 de Maio, os poetas laureados recebem diversas flores em ouro ou prata, a violeta, a rosa, o amaranto, dos fundos deixados por Clemence Isau-re.

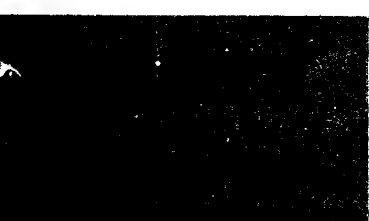
A primeira mulher que foi piloto, voou num balão em Junho de 1810, fundad



por ocasião duma festa dada por Napoleão. Chamava-se Madame Blanchard; Amélia Earhart a primeira a sobrevoar os Andes; a baronesa de La Roche a primeira a atravessar o Atlântico, Adriana Bollaland a primeira a pilotar um dirigível.

A primeira mulher «campeã» olímpica foi Cynisca. Uma espartana irmã de Agis II, então rei de Esparta. Uma velha crónica diz ter sido ela a primeira do seu sexo a entrar nos Jogos Olímpicos. Recebeu o prémio das corridas de carro, no ano de 450. Antes de Cristo. Nesse tempo os homens não ficavam ciumentos ou revoltados com as vitórias femininas nos campos onde só eles até então tinham vencido: a prova está na estátua que os Lacedemónios lhe erigiram na sua cidade natal.

A primeira mulher a receber a Legião de Honra, foi JULIETTE DODU.



Condenada á morte por fuzilamento foi perdoada milagrosamente por ser extremamente jovem (vinte anos).

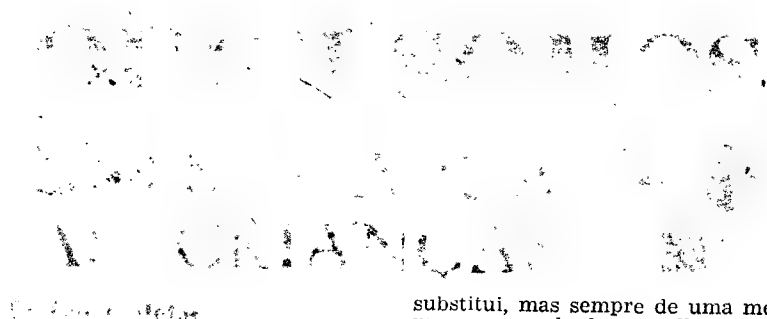
A primeira mulher que foi rei chamou-se HATSEPUT. Está certo dizer-rei e não rainha. Na realidade a jovem Hatseput apoderou-se dos atributos heráldicos masculinos dos Farós e usava como eles, nas cerimónias publicas, a barba postica com que se adornavam...

Viveu há quatro mil anos! Que velha antepassada das feministas do século XIX.

O primeiro médico do sexo feminino de que se reza a História foi Maria Montessori (1869-1952). Formou-se em 1896, mais cedo poucos anos do que Elisabeth Anderson, em Inglaterra, e do que Angela Panayotaton, na Grécia.

Foi Maria Montessori quem aperfeiçoou o sistema de Froebel tendentes a desenvolver na criança, por meio de exercícios atreantes, o gosto da ordem e a memória dos sentidos.

No entanto, na Alemanha, Cristina Erxleben fora, em 1770, no tempo de Frederico II, a primeira médica diplomada da Universidade da Prússia... Já agora, a primeira parteira-chefe da Maternidade de Paris foi Mme. Lachapelle. Florence Nightingale foi a primeira fundadora da Cruz-Vermelha.



A mãe possuía estes mágicos e para completar este quadro de criadores do mundo oniscientes e onipotentes, os pais são até capazes de adivinhar o futuro. A criança, pelo contrário é incapaz de compreender que um acontecimento se vai dar, a hora prevista.

O pai diz: — «Amanhã o carvoeiro trará dois sacos de carvão. Esta noite, haverá bonecos animados na televisão...» E na verdade, estas coisas dão-se, tal como ele as predisse! Não é, pois de admirar que a criança se convença de que o pai conhece todos os segredos do futuro.

Neste universo, ela acaba por concluir que o pai e a mãe são seres á parte, diferentes mesmo dos outros adultos. É verdade que os pais têm ás vezes exigências que lhe parecem superiores ás suas fracas forças, como quando respondem a qualquer necessidade com essa frase temível: «Cuidado com as calças. Espera até casa!...» e quando a obrigam a comer um prato detestado. Mas a criança que julga os pais a fonte de todos os princípios morais, acreditam que eles têm razão. Neste universo absurdo, a criança esforça-se por conservá-lo até muito tarde, tão tarde quanto possível. Percebe falhas, por vezes, mas pensa que a culpa é sua. Pela sua própria segurança, ela considera ter necessidade deste universo, e tem uma desesperada necessidade que este universo seja verdadeiro. Mesmo punido injustamente, passada a primeira revolta, a criança convence-se que a falta foi sua; é uma maneira de renunciar á ideia, sempre molesta para a criança, de que os pais nem sempre são justos, rigorosamente justos.

Até os três anos, a mãe esta sempre em primeiro lugar. A partir desta idade, a criança sente a falta dos dois. No primeiro período citado, a criança tem necessidade de uma constante vigilância e constantes cuidados da mãe ou de quem a

substitui, mas sempre de uma mesma pessoa, desde que lhe preste cuidados, atenção e afeição. Se os cuidados maternos lhe falham nesta fase da vida, por todo o sempre esta falta deixará marca; esta criança desfalecida, será incapaz, quando adulta, de manter relações normais e afectivas com os seus semelhantes. As possibilidades mesmo de fazer um casamento feliz ficam muito comprometidas...

O dr. André Berge fez variadas experiências neste domínio e acabou por concluir ser o amor materno, nesta idade, uma necessidade primordial, a Vitamina n.º 1, para a criança. Bebés criados em creches, com todas as condições de higiene e alimentação desenvolvem-se pior, porque entregues a enfermeiras diferentes e indiferentes. Outras, confiadas ás mães, embora com deficiências de alimentação e higiene são mais felizes e mais saudáveis até — pela simples razão que tiveram quem lhes sorrisse e lhes falasse...

O pai diz: — «Amanhã o carvoeiro trará dois sacos de carvão. Esta noite, haverá bonecos animados na televisão...» E na verdade, estas coisas dão-se, tal como ele as predisse! Não é, pois de admirar que a criança se convença de que o pai conhece todos os segredos do futuro.

Neste universo, ela acaba por concluir que o pai e a mãe são seres á parte, diferentes mesmo dos outros adultos. É verdade que os pais têm ás vezes exigências que lhe parecem superiores ás suas fracas forças, como quando respondem a qualquer necessidade com essa frase temível: «Cuidado com as calças. Espera até casa!...» e quando a obrigam a comer um prato detestado. Mas a criança que julga os pais a fonte de todos os princípios morais, acreditam que eles têm razão. Neste universo absurdo, a criança esforça-se por conservá-lo até muito tarde, tão tarde quanto possível. Percebe falhas, por vezes, mas pensa que a culpa é sua. Pela sua própria segurança, ela considera ter necessidade deste universo, e tem uma desesperada necessidade que este universo seja verdadeiro. Mesmo punido injustamente, passada a primeira revolta, a criança convence-se que a falta foi sua; é uma maneira de renunciar á ideia, sempre molesta para a criança, de que os pais nem sempre são justos, rigorosamente justos.

Em segundo lugar...

A partir dos três anos, o pai toma lugar na vida da criança. Ela sente necessidade de ambos. Sabem-se que em caso de perigo — bombardeamento ou tremor de terra — a criança sente-se menos em segurança se lhe falta qualquer dos pais. Chora e chama pela ausente. Eles sentem que, neste caso, os dois valem mais que um só.

Aquando o naufrágio do Andrea Doria verificou-se que as crianças embarcadas em baleeiras salva-vidas apenas com a mãe, sofreram mais e ficaram mais magoadas por esta prova terrível do que aquelas que tiveram a sorte de embarcar com o pai e a mãe. Este facto modifica o antigo hábito de «embarcar, primeiro, as crianças e as mães».

A criança vai identificar, consigo mesma, estes seres perfeitos que são os pais: o rapaz procura imitar o pai, a rapariga, a mãe. É um processo normal, indispensável á sua saúde moral. Se o pai morre, se recusa o amor



do filho ou ainda se se mostra indigne dele, o rapaz procurará, desesperadamente, um ser com quem se identifique. Se o não encontra, e-lo presa de perturbações psiquiátricas de todas as espécies, entre as quais a homo-sexualidade.

Acontece que muitas vezes, um rapaz que vive com a mãe divorciada, mostra-se nas aulas turbulento, grosseiro, incapaz da mínima aprendizagem — e muito pior se o professor for mulher. O seu problema é simples: falta-lhe alguém para imitar, com quem se identifique, alguém a quem admire. Colocado numa aula com um professor, depressa ele se modificará, e tanto mais depressa se o professor souber conversar e fazer-se estimar dos alunos.

A idade que não perdoa

Estas simples noções de psicologia infantil bastam para mostrar como os pais devem mostrar-se atentos em suavizar o doloroso período de transição, durante o qual as crianças, nascidas com espírito crítico, percebem que pai e mãe não são deuses. Em vez de se irri-

tar com as maneiras bruscas das crianças, eles melhor fariam tratando de as compreender e não as decepcionar.

Mesmo quebrado o tabu, a criança tem necessidade do seu amor. E a segurança que dá uma família unida sobrepõe-se á segurança que dá o mito da onisciência e onipotência. Trata-se acima de tudo, de não estragar o momento delicado em que, embora precisando dos pais, a criança começa a saber julgá-los.

Uma prova decisiva

Uma Henri Bordeaux que, aureolado aos olhos do neto como podendo comprar-lhe tudo o que este pedisse o levou a um grande armazém de brinquedos, onde o convidou a escolher o que ele quisesse. Quero este comboio, disse o rapazinho, e esta pistola, e esta panóplia.

O avô mandou empacotar tudo o que ele foi pedindo e ao sair sentia-se vaidoso do poder de ser julgado tão poderoso aos olhos do neto. Mas com grande espanto, ouviu este murmurar, sorrindo: Como és fraco, avôzinho!...



Foi ele o primeiro habitante da Terra

(Continuação da 1.ª página)

Eis assim explicado um mistério. Muitos heróis são feitos desta massa.

Ora bem, o lacrau é um bom burgo que aprecia imenso o conforto doméstico. Se não calça, em casa, uns fofos chinelos de trança, é porque não chegou até ele a revolução industrial; mas cava retiros muito folclóricos, sob terraços de pedras, e aí goza a frescura e o bem-estar. Eis mais uma pequena diferença que o separa de nós: as suas caves não são existencialistas, não servem para aquecer, mas, ao contrário, para refrescar. Alguns escorpiões levam tão longe a necessidade dum «doce lar» que preferem as habitações humanas, o contacto sibarita das cobertas de cama, ou das pernas dum bom par de ceroulas ou de calças momentaneamente desabitadas... Como se vê, as exigências de espaço vital levam sempre, nos nazistas ou nos lacraus, a situações mortais.

Carácter extremista, o lacrau tem em alta conta o frio. Não só resiste ao frio por forma notável como suporta o congelamento total.

OS UNICOS SERES QUE POSSUEM PENTES

Mas o nosso homenageado possui ainda estranha particularidade: dois apêndices na face ventral, com a forma de pentes, e que por este nome são conhecidos: De todos os seres vivos

são os lacraus os únicos com tal órgão (o homem, como é do conhecimento publico, não nasce com eles: fabrica-os). A sua utilidade é mal conhecida. Está visto que não servem para acamar o cabelo (os lacraus encontram-se na mesma lisa situação dos carecas). O sr. Vachon, famoso escorpiologista, afirma o seguinte:

«Os pentes são de todo o corpo a região mais ricamente enervada» e não há dúvida que se trata de órgãos extraordinariamente sensíveis. Diz-se que desempenham um papel na época de registo civil; a coisa é possível, mas não está demonstrada. Verificou-se, porém, que quando o lacrau se desloca dá aos pentes uma disposição muito particular que parecem servir para apalpar o solo e os obstáculos á distância: sensibilidade térmica, sensibilidade química? Talvez.

UMA COTA DE ALUMINIO

O pavor do «muito quente» e a experiência adquirida pela espécie ao fim de milhares de anos, conduziram os lacraus a aproveitar, por forma verdadeiramente exemplar, a água e as substâncias químicas que ela contém. Sabem o preço por que deve ser tida a sua presença nos tecidos vivos. Poupança em extremo.

A maior parte dos escorpiões não procura a água; certas espécies até resistem ao contacto directo com ela (nem só os homens são porcos, está visto! Regozijemo-nos. Eis mais uma pro-

va de que o homem não descende do macaco, mas do lacrau...) Que fazem então? Eis uma pergunta, que muito deve preocupar a Companhia das Águas. Com os lacraus não se governa. E não. Habitados á «lei seca» (coisa a que os americanos não conseguiram adaptar-se), são capazes de resistir anos a fio apenas absorvendo algumas particulazinhas liquidas. Em casos de apuro dedicam-se mesmo a uma hibernação voluntária (sistema de férias sem vencimento entre os lacraus) na qual diminuem o trabalho respiratório, mal se mechem e não eliminam qualquer liquido (é por isso que os bebês-lacraus não fazem o seu chichizinho na cama).

Em tal circunstância assume grande papel a peculiar natureza do seu sistema respiratório. Possui 8 alvéolos pulmonares, de folhetos respiratórios ventilados como as páginas dum livro; tais alvéolos são independentes uns dos outros e comandados por respiradouros externos que, em certas espécies, podem fechar-se como escotilhas e garantir a sobrevivência do animal, durante vários dias, se, por acidente, caiu á água, ou se, voluntariamente, mergulham nela, como sucede com certas espécies muito asseadlinhas. Uma experiência curiosíssima comprova a extrema resistência destes lacraus á criação: se se lhes obtura 7 dos 8 respiradouros que regulam a actividade dos pulmões — eles ficam na mesma. Económicos em tudo. Que exemplo famoso para as instituições humanas de previdência social e saúde!

(CONTINUA)

BAIBA COMER OS COGUMELOS

O valor alimentar dos cogumelos, o perfume de algumas espécies, explicam a preferência do grande público para este manjar estranho. Mas infelizmente, os cogumelos fazem, apesar de continuos conselhos de prudência, muitas vítimas. Há muitas espécies de cogumelos comestíveis, mas há também muitas outras venenosas. Não é de aconselhar, de maneira alguma, que pessoas pouco experientes vão «à caça» de cogumelos.

Salvo para os conhecedores, é muito difícil distinguir os bons dos falsos. Por isso, é da máxima prudência evitar comer cogumelos quando se não sabe distingui-los com toda a segurança. É bom pensar que todo o cuidado é pouco...

Quantidades:

O cogumelo mingua muito depois de cozinhado. Por isso deve contar-se 200 gramas deles para

uma guarnição e 100 gramas na confecção de qualquer prato.

Valor nutritivo:

O cogumelo é um dos alimentos mais completos. Contém sais minerais, vitaminas, proteínas, lípidos e açúcares. Contém grande percentagem de água. O cogumelo cozido só, apenas temperado com azeite e sumo de limão, não faz engordar. Quem sofre do estômago tem toda a vantagem em mastigar bem os cogumelos, para evitar o risco de uma digestão difícil.

A riqueza celulósica do cogumelo torna-o um alimento de todo o interesse para intestinos preguiçosos.

Preparação:

Nunca pelar os cogumelos. Lavá-los cuidadosamente, pondo um pouco de vinagre na água de lavagem.

Nunca deixá-los muito tempo na água; correm o risco de escurecer.

Retirados da água, deixá-los escorrer sobre um pano limpo.

Há umas 10 espécies de cogumelos comestíveis, dignas de registo. Não vale a pena citá-las pelos nomes porque isso pouco ou nada representaria. Há-os bem altos, de 10 a 15 centímetros, crescendo nos bosques, pelo Outono; têm um chapéu alaranjado, o pé castanho, o anel amarelo e lamelas de um amarelo-ouro. Há-os de carne muito tenra e rápida cozedura. Algumas espécies são melhores para as guarnições de pratos de carne feitos em omeleta ou em molho, como os conhecidos pelo nome de «Giroules». Mas mesmo nestas espécies consideradas boas para comer, há que rejeitar algumas, quando o aspecto sai fora do normal.

Mas o mais de aconselhar, será deixar a tarefa de os escolher a quem entenda do assunto.

As cenouras

O sumo de cenouras é rico em potássio. Ora deve admitir-se que o sangue, num indivíduo normal de sangue são, deve conter 180 a 220 miligramas de potássio por litro. Fora destes limites, seja por deficiência ou excesso, registam-se certas perturbações.

Abaixo dos 180, nota-se um estado de fadiga geral intensa, pernas pouco firmes, sonolência e perturbações até do carácter — irascibilidade. Estes estados são, quase sempre acompanhados por perturbações visuais.

Mas não basta que nos ponhamos em regime de coelho, roendo cenouras de castigo, cruas, raspadas ou cortadas, como aperitivo; isso não seria suficiente; Não; deve reduzir-se a cenoura a sumo e beber-se um ou dois grandes copos dele, por dia.

É frequente ouvir-se dizer que a cenoura faz os «olhos claros». Este dizer popular tem a sua razão de ser no facto de que a cenoura contém, não o potássio em questão, mas uma grande quantidade de provitamina A, matéria corante da cenoura.

Mas, ao contrário do potássio, a acção desta provitamina é nula, sobre o carácter.

O reumático e a comida

O reumatismo não exige um regime especial de alimentação. Contudo é necessário evitar os excitantes e em especial o café que exacerba as dores e agrava a insónia tão frequente nestes doentes. O regime sem sal será aconselhado aos doentes submetidos ao tratamento pela fenilbutazona e a cortisona.

Um bom remédio...

Se abusou muito dos prazeres da mesa, durante um tempo mais longo do que indica a sua estética, os intestinos e o estômago começam

mentar. Bater muito bem, sem parar e juntar uma gota de água quente e, pronto, deite sobre a salada. Verá como conseguiu um molho saboroso. Mesmo o limão, neste caso, se torna inútil.

Não esqueça que as saladas são um acompanhamento indispensável para quase todos os pratos. É um bom remédio para os intestinos. Além de que contém muitas vitaminas.

Uma salada deve comer-se crua, claro está, depois de muito bem lavada, para evitar, além do mais, os vestígios de arseníatos. Uma salada bem lavada pode comer-se sem mais aquelas... Não é indispensável usar o sal, pelo contrário. Mas as ervas aromáticas dão um sabor «estranho» e agradável às saladas e contribuem para enriquecer a preparação de sucos particularmente activos.

O uso do sal é um contra-senso; as saladas destinam-se a permitir



a dar-lhe que fazer. Faça, então, uma cura de fruta, sumo de frutas, durante um dia inteiro. Verá, como, por milagre, ficará em forma.

Ainda e sempre as saladas

Como temperar uma salada? Há o vinagre tradicional; contudo, certos estômagos não o suportam. Para estes, existe uma forma de tempero: uma gema de ovo cozido esmagada em azeite, uma colher de mostarda forte, um pouco de pi-



a eliminação sódica dos tecidos, pelo seu conteúdo em potássio.

Quase todos os doentes podem comer saladas cruas; mas os que sofrem de enterites, de disenterias e as crianças muito pequenas se devem abster delas. Para eles, as saladas devem comer-se cozinhadas.

É lembremo-nos que a alface permite uma boa salada económica...

A cozinheira aconselha...

Pode juntar-se à verdura qualquer legume cozido. Assim, as batatas, o feijão verde, as ervilhas, as lentilhas, podem juntar-se à salada de alface, de endivas, de chicória, na mesma saladeira.

E se procurarmos mais, mais encontraremos. Os restos de carne



Telegramas de saúde

O convalescente que deve retomar forças como o emagrecido deve retomar peso, tem necessidade duma alimentação rica. O mesmo acontece com o anémico, que tem necessidade de refazer os glóbulos vermelhos para reencontrar a saúde.

O regime é fácil de seguir... e até agradável. Mas no caso do convalescente, há que ter em conta a doença de que acabou de sair, sobretudo se ela requer um regime muito especial que deve prosseguir após a cura.

O convalescente tem à sua escolha a carne em sangue, bons bifes picados e crus, a carne grelhada, as carnes com molhos variados, a caça variada, os peixes magros, os crustáceos e os mariscos, etc., a manteiga e o queijo fresco ou cozido, as batatas e as lentilhas, as saladas e as ervilhas, todos os legumes enfim, os doces e as compotas, toda a qualidade de bolos, todas as variedades de frutas, a cerveja e o vinho, os ovos... que sei eu, tudo o que é bom, pois poucos são os alimentos interditos.

Os gotosos como os reumáticos devem evitar, antes de tudo, os excessos alimentares. Todos os que têm tendência para «fazer» cálculos ou apenas resíduos nos canais biliares ou vias urinárias sabem bem que todo o regime é sancionado no dia seguinte por uma crise dolorosa. Há que seguir um regime de prudência a aplicar fora das crises para... evitá-las.

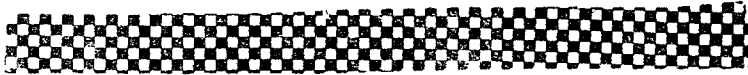
Com o meu fígado, que posso eu comer — dirão muitos dos nossos leitores...

Mas contudo, muitos alimentos são permitidos aos insuficientes hepáticos; o que lhes falta é prudência na maneira de os preparar, sobretudo em período de crise aguda. Uma vez passada ela, o regime deve ser ditado pelas reacções pessoais.

O obeso pensa que seguir um regime é condenar-se ao jejum. E como não está para isso, continua a comer segundo a sua gula. O que o obeso ignora é que não necessita de jejuns para emagrecer: basta escolher alimentos que façam volume no estômago, sem lhe fornecerem grande número de calorias. O mais difícil será deixar os bolinhos das cinco, que os frutos bem podem substituir. E quando se trata apenas de perder alguns quilos supérfluos, o regime não é muito severo. Um pouco de força de vontade... chega.

Nos casos de prisão de ventre vulgar, as contracções intestinais são insuficientes. Os erros alimentares são, muitas vezes, a causa disso, com também a falta de exercício físico que muito contribui para a preguiça intestinal. O regime deverá sobretudo ser rico em legumes e frutas, em legumes e frutas, em alimentos activantes dos sucos. A refeição pode ser abundante, mas deverá ser seguida de um bom quarto de hora de marcha.

Meu caro, você só tem um coração. Felizmente, porque ele já lhe dá que fazer. Mas poupe-o, trate-o, cuide dele antes que adoça seriamente. Excelente adjuvante do tratamento clínico, o regime, ligeiro e facilmente assimilável deve ser pobre em calorias. Os conselhos dietéticos dados aos cardíacos são muito semelhantes aos que se dão aos hipertensos, em especial as restrições azotadas mais importantes nos hipertensos. Cabe-lhes fugir a toda a espécie de gorduras — no peixe, na carne, nas pastelarias, no pão, dos queijos — aos chocolates, ao álcool, aos molhos gordos, aos condimentos.



RECEITAS DE URGÊNCIA

GALINHA À PROVENÇAL

Limpar bem a galinha ou o frango, de forma a poder rechear-lo. Fazer um picado com o fígado, um pouco de presunto magro e mioio de pão embebido em caldo ou leite. Amasse com um ovo inteiro um pouco de sal. Encha o frango e cosá a abertura com linha branca, metá no forno, barrado com manteiga e alho picadinho. Regue com um pouco de vinho branco. Enquanto assa, esvazie tomates grandes e encha-os com arroz branco, bem seco no forno apenas morno. Coloque tudo num prato coberto com folhas de alface e salpicadas de azeitonas.

SOPA BRANCA

Prepare um litro de água e um litro de leite; seis dentes de alho

finamente partidos e um quilo de grossas batatas cortadas em dados. Salgar e deixar cozer em fogo forte até que as batatas se desfaçam. Deite numa sopeira com 50 gramas de manteiga muito fresca. Salpique com salsa picada.

FLAN DE BANANAS

Pelar e cortar as rodela — grandes bananas bem maduras. Pôr num prato barrado de manteiga e levar ao forno. A parte, desfaça duas colheres de sopa de farinha num pouco de leite frio, junte dois ovos batidos e deite tudo em meio litro de leite fervente e açucarado. Deixar cozer sem ferver, mexendo sempre, até que a farinha engrosse. Logo que a mistura esteja pronta, deitar sobre as bananas e levar ao forno, por vinte minutos. O flan deve ficar bem dourado. Retire do forno e sirva frio.

As últimas aventuras do grande Cagliostro

O famoso «processo do colar», pôs a nu que Alexandre, conde de Cagliostro, era afinal um certo Giuseppe Balsamo, nascido em Palermo a 8 de Junho de 1743, registado nos arquivos policiais de quase todos os países da Europa com os nomes de: Tischio, Melissa, Belmonte, Pellegrini, Fenix, Harat, etc. Morto seu pai que era um modesto mercador, no mesmo ano do nascimento do pequeno Giuseppe, este foi recolhido por uns tios maternos e deu entrada, aos 13 anos de idade, no seminário de S. Roque de Palermo, seguindo dali para o convento de Calatagirona, onde vestiu o hábito de noviço e aprendeu os princípios da Química e da Medicina. E da pouca instrução recebida foi certamente isso o que ele mais aproveitou para as suas futuras manigancias de alquimista e curandeiro.

Pouco tempo levou o jovem Giuseppe a cansar-se do ambiente conventual, nada condizente com o seu temperamento irrequieto, e, uma vez em liberdade, logo se meteu a fazer tropelias, entre as quais se contam a falsificação de um testamento a favor de um tal marquês Matricio, do que resultou grande dano para uma obra pia, e a burla feita a um ourives, a quem, sob o

Castelo Branco intitulado «José Balsamo, em Lisboa» e apenso á edição portuguesa do «compêndio» atrás referido, cuja tradução para a nossa língua foi feita pelo mesmo escritor.

Divergem um tanto as notícias sobre a estada de Giuseppe Balsamo na nossa capital, dizendo o marquês de Resende que ele aqui esteve depois de expulso de França em consequência do caso do colar, afirmando Camilo que o famoso burlão por cá passou antes de ter ido para França com o sonoro título de conde de Cagliostro e de se ter envolvido em tão alto «negócio». O certo, porém, é que ele por cá andou algum tempo, frequentando a melhor sociedade tomando parte nos famosos sarau musicais do tempo da sr.ª D. Maria I e fazendo as suas trapações mesmo nas barbas do perspicaz Pina Manique. Parece que o intendente teria dito certa vez, durante um sarau no velho solar das Picoas, ao seu particular amigo marquês de Lavradio, apontando-lhe o burlão: «não me cheira bem aquela cara...». Mas as protecções eram muito elevadas e consta que, para conseguí-las, Cagliostro meteu a sua mulher, a jovem e formosa Lourenza Feliciani, á cara do opulento Anselmo da Cruz Sobral, as-



POR

Alfredo Brás

pretexto de lhe indicar o local onde se escondia um tesouro, conseguiu extorquir grossa maquia. Denunciado e ameaçado de morte pelo ourives burlado, Giuseppe Balsamo tomou o partido de ausentar-se de Palermo, iniciando assim a sua peregrinação por vários países, entre os quais o nosso.

O unico documento conhecido onde se pretende dar conta de todos os passos do famoso aventureiro é um «Compêndio da vida e feitos de Giuseppe Balsamo, chamado o conde de Cagliostro», o qual se baseia em elementos colhidos no processo instaurado contra ele pela Inquisição, em Roma, no ano de 1790. Mas é bom não esquecer que o célebre burlão era acusado nesse processo de se dedicar a «sortilégios», acusação bem grave nessa época, atribuindo-se-lhe poderes mágicos, como o de ter feito aparecer ante os olhos dos seus amigos, com o simples passar das mãos sobre a terra, a imagem de uma certa senhora que se encontrava em casa jogando as cartas. E o mais extraordinário é afirmar-se no referido processo como prova cabal de «sortilégios», que tendo-se ido no mesmo instante ao palácio da tal senhora se verificou que com efeito era verdade. Provas deste género, que serviram para levar muita gente ao cárcere e á fogueira, desautorizam o documento jurídico da Inquisição, embora haja de reconhecer-se ter Cagliostro feito jus á pena em que foi condenado, mesmo sem outros «sortilégios» que não os das suas muitas e engenhosas burlas.

Na impossibilidade de dar grande crédito aos documentos inquisitoriais, sómente resta o recurso de celebríssimo «processo do colar», onde muita coisa se aclarou sobre o passado de Cagliostro, e alguns estudos avulsos, entre os quais um interessantíssimo artigo de Camilo

cendente dos condes daquele mesmo apelido. Por algum motivo se disse que os encantos de Lourenza, mais tarde transformada na condessa Serafina Feliciani, tinham fornecido mais ouro a seu marido do que as retortas de alquimista...

De Lisboa teria o célebre aventureiro passado para Londres, onde se «associou» com um tal Viviano, associação essa que terminou pela fuga do cúmplice com dinheiro e uma rica colecção de topázios «adquirida» por Balsamo no nosso País. O processo da Inquisição refere-se também a uma cida que a bela Lourenza, de convivência com o marido e aproveitando o rigor das leis inglesas sobre o adultério, teria preparado a um respeitável cavalheiro britânico... Em seguida, sem dinheiro e sem joias, Balsamo abandonou a Inglaterra e vagueou durante algum tempo pela Itália, Alemanha e Bélgica, aparecendo de subito em França com o título de conde de Cagliostro, para aí dar o seu canto de cisne com o caso do colar.

Está pouco esclarecida a participação de Cagliostro na famosa intriga de que foi vítima o cardeal de Rohan. Teria ele, como afirma Frunch-Brentano baseando-se numa informação do abade Georgel, feito o seu oráculo de acordo com a La Motte e afirmado do alto do tripé de que a operação do colar era digna de tão alto príncipe e bem capaz de evidenciar á rainha todo o mérito do cardeal? Ou antes, como consta no processo, teria sido o primeiro a avisar o cardeal de que as cartas atribuídas a Maria Antonieta eram uma grosseira falsificação? De qualquer maneira, foi esta ultima versão que influiu na benévola sentença do tribunal: abandono de Paris em oito dias e da França em três semanas.

Depois de haver posto em or-

dem os seus papeis, partiu Cagliostro para Inglaterra e dali dirigiu as suas baterias contra as autoridades francesas, escrevendo uma carta aberta ao Povo Francês convidando-o a depor o «real domínio» e falando abertamente da «futura próxima revolução», da destruição da Bastilha e da abolição dos privilégios. Foi talvez esta a unica vez, em que Cagliostro conseguiu realmente prever o futuro.

Contudo, os seus dons proféticos falharam estrondosamente quando Giuseppe Balsamo, já agora destituído do título de conde de Cagliostro, resolveu voltar a Itália.

Em princípios de 1789, no ano em que estalou em França a revolução prevista por Giuseppe Balsamo e para a qual de alguma maneira contribuiu o escandaloso «caso do colar», o ex-conde de Cagliostro encontrava-se nos Estados da Igreja e tinha-se «convertido», pelo menos oficialmente, ao catolicismo. Não decorreu, porém, muito tempo até que as autoridades o surpreendessem na manobra de fundar uma nova loja da sua «maçonaria egípcia». Desta feita o castigo caiu sobre ele implacavelmente. A Inquisição condenou-o á morte, e foi o Papa que lhe comutou a pena para encarceramento perpétuo.

A sentença definitiva foi dada a 7 de Abril de 1790 e o famigerado aventureiro morreu cinco anos mais tarde, no cárcere, a 26 de Agosto de 1795. Mas o povo, acreditando talvez na imortalidade do grande pantomineiro ou porque quisesse dessa forma manifestar a sua antipatia pela Inquisição, inventou

sobre o caso uma curiosa lenda. Ao saber-se da agonia de Giuseppe Balsamo teria entrado um sacerdote na sua cela, circunstancia que aquele aproveitou para manietar o confessor, tirar-lhe os hábitos e fugir disfarçado de cura.

E assim acabou, envolta ainda num véu de lenda, a vida do «divino Cagliostro», certamente o mais extraordinário burlão até hoje conhecido.

Esquecia-me de dizer-vos que sua mulher, esse «anjo incapaz de pecado», essa «criatura celeste», como a chamava o advogado Polverit, encarregado da defesa do casal no «caso do colar», comprou a clemência da Inquisição acusando o mais possível o seu marido. Com isso o «anjo» sómente conseguiu ser condenado a perpétua reclusão, mas num convento.

ALFREDO BRAS

O QUE FICOU POR LER

DE FRANÇA

Os imortais da Academia Francesa, são lentos nas suas obras e a razão está á vista: são imortais, têm a eternidade para realizar todas as maravilhas de que são capazes. Está neste caso o «Novo Dicionário» a que meteram ombros. Já chegaram á letra «C», pois estudam apenas duas palavras por cada reunião que fazem.

Na ultima sessão, a seguir á chegada á Lua do Lunique II, trataram do verbo «alunar». Seria bom? Não seria? Poderiam adoptá-lo? Não poderiam? Ainda ergueram mais interrogações, pois está provado que até os imortais possuem duvidas.

Mas finalmente o Mundo respirou. Os «académicos» aprovaram a palavra. Já toda a gente pode «alunar».

Uma revista científica francesa instituiu um «prémio satélite» destinado a recompensar o melhor trabalho de fantasia científica. O prémio consiste numa viagem á Lua. Se o vencedor não puder usufruir o bilhete dentro de dez anos, será indemnizado por uma companhia de seguros.

Valor? Em Paris recebem-se inscrições para a viagem á Lua, ao preço provisório de quarenta e noventa e seis contos.

DA RUSSIA

Em 17 de Setembro começou a evacuação, por meio de aeroplanos, da estação ártica soviética SP-6, situada numa ilha de gelo de 13 quilómetros de comprimento, por 8 de largura. Durante quarenta meses andaram a vaguear á deriva, nessa ilha, percorrendo assim 8.600 quilómetros no Oceano Glacial. O motivo do actual abandono está em que a ilha se dirige agora para os mares quentes, onde se derreterá.

Todos os dias partem de Moscovo, em comboio, 793.000 passageiros e chegam mais ou menos outros tantos. Dada a insuficiência de estações ferroviárias, prevê-se para os próximos anos uma remodelação total do sistema ferroviário de Moscovo.

DE ITALIA

Em cem estudantes do sexo masculino inquiridos no Instituto Central de Es-

tatística, eis as respostas que deram á pergunta:

«Gostarias de fazer voluntariamente o mesmo género de trabalho que fizessem teus pais?»

41,6 %	Sim
56,3 %	Não
2,1 %	Não sei

A tradição sofreu, como se vê, um pequeno recuo. O tempo dirá se para melhor.

Estatísticas italianas:

—E' sensível o aumento das separações conjugais. As estatísticas mais recentes registam, no primeiro semestre de 1958, 4.113 pedidos de separação legal. Destes 4.113 casais a descasarem-se só 1.510 se reconciliaram.

—A Itália é o país europeu que possui o maior numero de estudantes universitários: 212.224. Seguem-se na ordem: Grã-Bretanha, França e Alemanha Ocidental.

25% da emigração com destino ás Américas do Sul e do Norte, durante o ano de 1958, foi fornecido pela Itália.

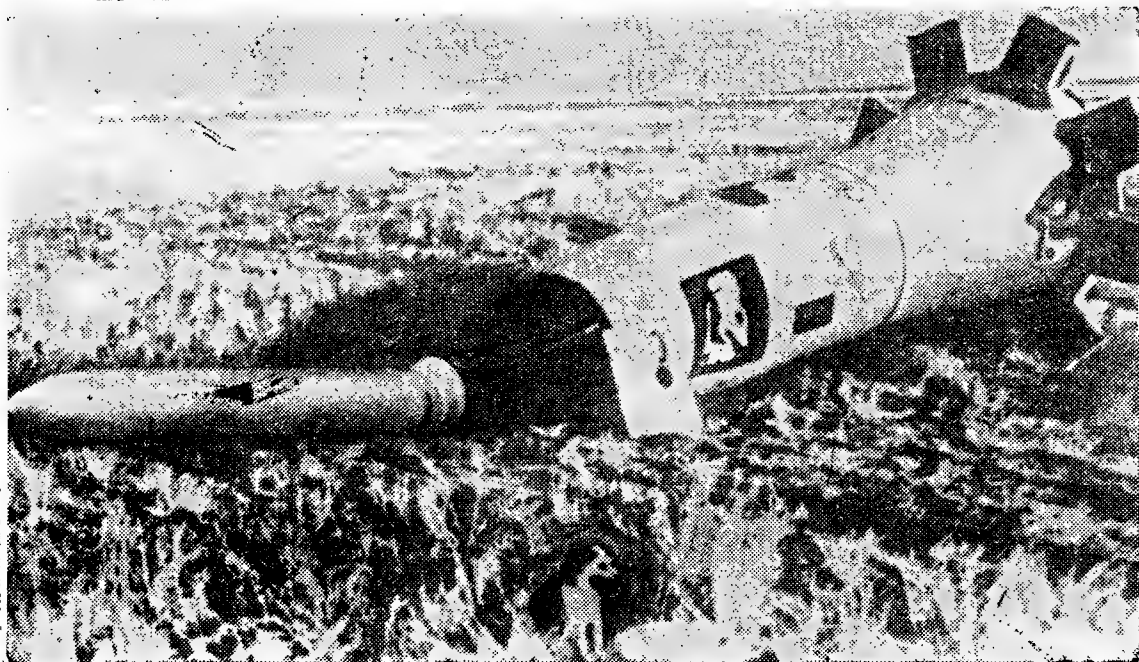
Nas salas do Vaticano onde mais assiduamente trabalham o Papa e os seus colaboradores, ou seja na biblioteca privada, na aite-câmara, na sala do trono, foram montados aparelhos de condicionamento de ar. O Papa João XXIII sofre muito com o calor e adoptou em vez de veste branca de lã, uma mais leve de seda «moiré», também branca.

DA ALEMANHA

Estatísticas alemãs: no mês de Julho beberam-se na Alemanha Ocidental: 500.800.000 litros de cerveja, ou seja mais 100.000.000 do que no ano transacto.

O jornalista Jorge Schöder, correspondente em Bonn de um grande quotidiano alemão, declarou: «O título de doutor em Bonn faz hoje parte do nome próprio de toda a gente». Tal como em Coimbra...

DOCUMENTO SENSACIONAL



Um foguetão russo que acaba de regressar á Terra. No primeiro plano, a cadelinha que nele habitava

SOB TODOS
OS PONTOS
DE VISTA,
FÍSICO
INTELLECTUAL
MORAL
VOCAL
UM GIGANTE

HABITUAMO-NOS, nos doces tempos de infância, a conviver com os gigantes e, ao perdê-los de vista, anos e anos durante, começa a roer-nos um bocadinho de saudade. Havia gigantes bons e gigantes maus; os bons eram bons mesmo: faziam-nos felizes, davam-nos um amparo, tornavam-nos o mundo de

mar Jeová na grande hora do Juízo Final. Meu Deus! que mensagem viria nos haustos daquela voz? Fechei os olhos e senti-me cercado de montanhas e, por sobre os cumes das mais altas, brotava aquela voz e descia até onde eu esperava como jorros de água generosa.

Cóisa estranha! Eu não conhecia a linguagem em que o gigante cantava; mas o seu cantico desvendava-me todo o mundo de coisas familiares que nos rodeiam e para os quais, muitas vezes, temos olhos cegos. Ouvi-o depois cantar em inglês, em francês e, de novo, impenetráveis idiomas que nunca ouvira pronunciar. E a minha estranheza aumentava ao sentir, de olhos cerrados e ouvidos tensos, que, apesar das fronteiras linguísticas, e para além delas, se descobria, no canto, a unidade criadora e pacífica de todos os povos. «Afinal — disse para comigo — cantar é revelar identidades, é aproximar, é congregar o que supunha oposto ou, pelo menos, diferente.

O que eu assim compreendi naquela altura foi-me confirmado quando, dias mais tarde, falei com Robson. Contava-me ele:

FORA DOS CONTOS INFANTIS.

...AINDA EXISTEM GIGANTES!

da Europa Central, na França meridional — belos, em toda a sua perfeição, como Corais de Bach, dos quais são percursores.

Um colega dissera-me que Robson era filho de uma professora e de um pastor. Relacionei este facto com os emocionantes espirituais que lhe ouvira cantar de forma tal que o necessário era deixar que uma onda de ternura desafogasse dos olhos.

Considero a influência das mulheres preponderante. Possuem inteligência e perseverança... podem transformar o Mundo.

Quando discretizamos sobre crianças retenho esta sua expressão feliz: que «as crianças são os olhos do futuro». E porque falávamos de crianças, ele contou-me um pouco da sua infância. Recordou os princípios da sua carreira artística. Foi nessa altura que fiquei a saber que o meu entrevistado era também actor: começara por representar Shakespeare, no Otelô. Agora mesmo ia cumprir um contrato em Inglaterra e representar, na própria cidade natal do grande génio inglês, Stratford-on-Avon, aquele Otelô, em que notabilizou.

(A' saída, um jornalista afirmou-me que o desempenho de Robson, naquela peça shakespiriana, era verdadeiramente genial).

Entretanto a conversa centrou-se no povo inglês.

— Há quem pretenda — diz o nosso interlocutor — que a linguagem de Shakespeare é inacessível ao povo inglês... No entanto foi o povo inglês que criou a língua inglesa, não estão convencidos?

Rimo-nos com a ironia. O grande cantor e actor é, aliás, um espírito cheio de graça. Quando um dos presentes falou no nacionalismo ferrenho dos Franceses ele estendeu

PAUL ROBESON

meninos mais seguro, pois nada havia que resistisse á sua bondade; quanto aos maus, se de início nos causavam um arrepio de medo e nos punham o coração a latir de expectativa, lá vinha depois o momento feliz em que um rapazinho heroico era forte bastante (em inteligência) para vencer a maldade que medrava num corpo descomunal. Já crescido e pai de meninos que tratam tu-cá-tu-lá com bons e maus gigantes, ainda às vezes me delicio a purgar á memória as aventuras do bom Arranca-Pinheiros ou do Remove-Montanhas. Confesso: tenho saudades deles. Calculo, agora, o meu espanto ao topar com um a sério, não em papel de livro e letra de imprensa, mas em carne e osso e vivo! Vivo, Sim.

Quando á minha volta estrondearam palmas, logo eu me deirei abarcar pelo entusiasmo; e fitando o gigante de tez bronze-claro e de sorriso benévolo, que surgira no palco, puz-me a conferir á pressa as recordações de infância e a dizer para comigo: «Será este o Remove-Montanhas ou o Arranca-Pinheiros?»

As palmas socegaram. E, quando o silêncio se aconchegou por todas as paredes, o tecto e o chão da grande sala, de subito despediu voo uma voz maravilhosa, a única — estou certo — concebível para ani-

— Por toda a parte, á face da terra, subimos a escada de Jacó, a conquista da felicidade e da liberdade. Todos, sem excepção — brancos, ou negros, ou amarelos, russos ou americanos — sofremos as mesmas dores, as mesmas penas, irmãos que somos. Se falo sempre nestas coisas é porque meu pai ainda foi escravo, mas eu sou um homem livre. Desde menino sentia orgulho em ser Americano, orgulho em ser Negro — não um orgulho excessivo, mas, em todo o caso, o bastante para pensar que o meu povo era igual a todos os outros. Isto me permitiu compreender os desejos de liberdade, amor e alegria de todos os povos e associar-me a eles.

Perguntei-lhe se era por isso que cantava em inglês, em francês, em russo, em checo, em chinês, e em vários dialetos africanos.

— A canção — respondeu — não faz mais do que prolongar, ampliar a palavra. Como um traço de união, estas mesmas áreas folclóricas encontram-se no centro de África, no coração

— Os lindíssimos espirituais que lhe ouvi — perguntei eu — exprimem um sublime sentimento religioso: Partilha-o?

— Partilho, partilho. Creio no homem, creio na virtude e na coragem do homem que se guinda para fora de si próprio: creio no homem capaz de conquistar até o infinito, visto que criou o Sputnique.

Fala-me em seguida da mulher e dos filhos e eu, que ainda não destrinchava seguramente os limites do sonho e da realidade, e que imagino ter ressuscitado os tempos de infância, faço, sem querer, um assomo incrédulo. Onde se viu um gigante Remove-Montanhas ou Arranca-Pinheiros com mulher e com filhos? E, mais do que isso, falar deles com uma ternura calma e infinita?

— Minha mulher — confessa-me, sem se ter detido no meu fugaz espanto — é a minha melhor amiga. Apaixona-se, como eu, pela vida dos nossos irmãos de raça e conhece a África toda, ao passo que eu só visitei o Norte de África.

a mão enorme como que a impedir que aquela ideia desabasse sobre nós e nos sepultasse.

— Almocei — objecta ele — em casa duns amigos franceses que partilham todas as minhas ideias e só num ponto os achei ferrenhamente nacionalistas: nos vinhos!..

Conta-nos que seu pai, pastor, lhe ensinara o preceito: «Amai-vos uns aos outros».

— Pois é o que eu digo — termina — o que eu não me cansarei jamais de repetir.

Assim terminou a nossa entrevista. Caminho fora, direito ao hotel, venho a murmurar: agora, sim, posso dizer aos meus filhos que vi um gigante, que falei com ele...

Q U E M Q U E R

Quem quer
bons pais...

O peixe-gato macho, choca os ovos postos pelas fêmeas. Mas o curioso da história é que o trabalho de incubação se faz na bota. Estes ovos são bastante grandes e enchem completamente a boca deste pai dedicado que, durante esse tempo, nem sequer pode comer...

Diário de Lisboa

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADARIA DE FIGURAS E FACTOS

A FIGURA DA SEMANA

Charles Bohlen



O regresso de Charles Bohlen á secretaria de Estado americano é um acontecimento relevante da vida internacional, sobretudo se considerarmos as condições em que se deu e as consequências que dele podem resultar. Este diplomata um dos mais conhecidos do nosso tempo, foi praticamente afastado das funções oficiais correspondentes á sua categoria e colocado num exílio dourado quando o transferiram da Embaixada americana de Moscovo para a de Manila. Era acusado de advogar a aproximação do seu país com a União Soviética numa altura em que isso se considerava como um pecado, ou como um delito de lesa-patriotismo. O seu afastamento marcou o ponto mais baixo na curva acidentada das relações americano-soviéticas.

Foster Dulles era o seu pior inimigo e nunca lhe perdoou a autonomia de pensamento e a liberdade de expressão. Bohlen, por sua vez, nunca dissimulou que via, nele, o artifice de uma política ruinosa para os verdadeiros interesses dos Estados Unidos, como tal arriscada e perigosa. A sua sinceridade foi uma das razões que mais contribuíram para a sua demissão do cargo de embaixador na capital soviética. O seu regresso, agora anunciado, corresponde não a uma reparação, que nunca pensara em lhe dar, mas ao reconhecimento de que os seus serviços se tornaram indispensáveis numa altura em que Americanos e Russos se esforçam por estabelecer um acordo para a solução dos problemas que até agora os dividiram e opuseram.

Por esse motivo, o regresso de Bohlen é um sintoma da profunda transformação que se operou no cenário diplomático e na vida internacional, durante as ultimas semanas, a qual teve o seu ponto culminante na visita do chefe do Governo soviético á América e nas conversas que teve com o presidente dos Estados Unidos, as quais corresponderam a uma viragem histórica na evolução da guerra fria que é a expressão com que se designa a rivalidade profunda entre os dois povos.

DIA 26

EM PORTUGAL—Na presença do ministro das Corporações, foi assinado na Marinha Grande o contrato de trabalho da industria vidreira. * Entrou em laboração a adega cooperativa de Felgueiras.

NO ESTRANGEIRO—Um tufão devastou as ilhas nipónicas, causando 900 mortes. Ficaram feridas 4.065 pessoas e desapareceram 137, ficando destruídas mais de 160.000 casas. * Kruchchev regressou a Moscovo, declarando aos jornalistas, antes de deixar Washington: «Podemos cooperar e estão amadurecidas as condições para uma conferência de alto nível em Genebra, por exemplo».

DIA 27

EM PORTUGAL—Em Famalicão foram inauguradas quatro escolas e, simbolicamente, mais quarenta e oito espalhadas pelo concelho. * A Associação dos Voluntários da Cruz de Malta comemorou o seu 41.º aniversário. * Num choque entre um automóvel e um pronto-socorro da Carris, ficaram feridos um casal e dois operários.

NO ESTRANGEIRO—O «Governo Provisório Livre Argelino» respondeu ao plano do general De Gaulle, declarando estar pronto a negociar para discutir as condições políticas e militares de um cessar-fogo, mas afirmando que a França não pode pretender ter «direito de propriedade sobre o Sahará».

DIA 28

EM PORTUGAL—Entre Santo Aleixo e Espinho, um autocarro despenhou-se por uma ribanceira de 120 metros, de onde resultou a morte de três pessoas e ficaram feridas 23. * O ministro do Interior deu posse ao novo governador civil de Coimbra, sr. eng. José Horácio de Moura. * Na 11.ª audiência do Tribunal da Haia, o prof. Gastão Teles afirmou que as autoridades inglesas nunca recusaram licença para determinadas formas do transito Damão-Nagar Avail.

NO ESTRANGEIRO—Cientistas norte-americanos comunicaram á imprensa que pela primeira vez um satélite artificial lançado pelos Estados Unidos fotografou a Terra, enviando imagens. * Num congresso em Viena de Austria foram pedidas graves sanções contra a delinquência juvenil. * No Rio Grande do Sul, as cheilas causaram 73 mortes, na maioria de crianças.

DIA 29

EM PORTUGAL—O chefe do Governo e o ministro da Educação Nacional receberam os componentes do grupo da M. P. da Guiné e de Cabo Verde que visitaram a Metrópole. * Partiu de Moçambique o subsecretário da Educação Nacional. * Foi inaugurado o edificio da Shell Portuguesa na Avenida da Liberdade, que fica a ser

o imóvel mais imponente daquela artéria.

NO ESTRANGEIRO—Kruchchev partiu de Moscovo para Pequim, a fim de assistir ao 10.º aniversário da revolução na China. * No Estado do Rio Grande do Sul (Brasil) registaram-se violentas cheilas, que causaram cerca de centena e meia de mortos e centenas de feridos. * O marido de Maria Callas requereu a separação num tribunal italiano.

DIA 30

EM PORTUGAL—Anunciou-se que Adenauer aceitou o convite feito pelo ministro dos Estrangeiros portugueses para visitar o nosso País. * Foram nomeados presidente do conselho de administração e de director-geral do Porto de Lisboa respectivamente os srs. engenheiros João Carlos Alves e Pedro Arsénio Nunes. * Foram marcadas para o dia 18 de Outubro as eleições das Juntas de Freguesia de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO—Foi preso, nos arredores de Paris, Mohan Alt El Hocine, dirigente da organização de rebelião argelina (F. L. N.). * No Texas, um avião de passageiros que se dirigia para Nova York explodiu em pleno voo, morrendo 34 pessoas que seguiam a bordo. * Um foguetão russo confirmou a existência de um gás no espaço interplanetário.

OUTUBRO

DIA 1

EM PORTUGAL—O chefe do Estado ofereceu um almoço ao ministro da Previdência e aos funcionários superiores da Presidência do Conselho. * Foi aprovada a entrada de Portugal para o Banco Internacional de Reconstrução e Fomento. * Abriu a época da caça e registaram-se alguns desastres. * Forças de pára-quedistas desfilaram nas ruas do Porto. * Abriam as aulas nos estabelecimentos de ensino liceal e técnico. * O Benfica venceu por 2-1 o campeão da Checoslováquia em futebol.

NO ESTRANGEIRO—Morreu o primeiro presidente da República da Itália, Enrico de Nicola. * O presidente da Tunísia, Habib Burguiba, revelou que insiste há dois anos com os rebeldes argelinos para que modifiquem a sua atitude. * Eisenhower enviou mensagens aos Governos inglês, francês e alemão sobre as suas conversações com Kruchchev.

DIA 2

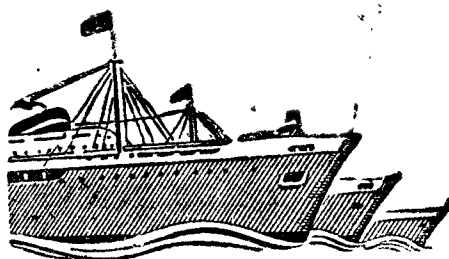
EM PORTUGAL—Observou-se um eclipse parcial do Sol. * Regressou do Brasil o ministro da Saúde. * Um avião a jacto da Base da Ota caiu perto de Maceira do Lis e morreu o piloto, tenente Artur Taveira Pereira.

NO ESTRANGEIRO—Registaram-se tumultos, durante comícios eleitorais, na Inglaterra, quando oradores conservadores e trabalhistas trataram da política externa. * A Rússia decidiu não contribuir para as despesas das forças da O. N. U. * Nehru rejeitou as reivindicações de fronteira do Governo de Pequim. * A Etiópia definiu na O. N. U. a sua posição ante o caso da Argélia.

FATIMA

PEREGRINAÇÃO EM 1º E 13 DE OUTUBRO

Em modernos autocarros
Informações e Inscrições:
Tel. 931012 e em Lisboa na
Rua Jardim do Regedor, 35,
Tels. 30971 e 30972



FLOTA
ARGENTINA
DE
NAVEGACION
DE
ULTRAMAR
F. A. N. U.
Buenos Aires

AVISO AOS SRS. EMIGRANTES INSCRITOS
PARA O PAQUETE ARGENTINO «CORRIENTES»

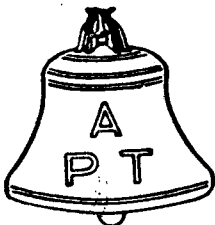
Com conhecimento da Junta da Emigração informam-se todos os interessados de que o paquete argentino «CORRIENTES» cuja saída estava prevista para o dia 18 de Outubro, adiantou para o dia

15 de OUTUBRO 1959

Por este motivo os Srs. Emigrantes deverão apresentar-se em Lisboa ou Porto com uma antecedência de 3 dias em relação á data de apresentação que lhes foi indicada pela Junta da Emigração na sua Licença de Embarque.

Os Agentes Gerais

Soc. Com. Orey, Antunes & Cia. Limitada



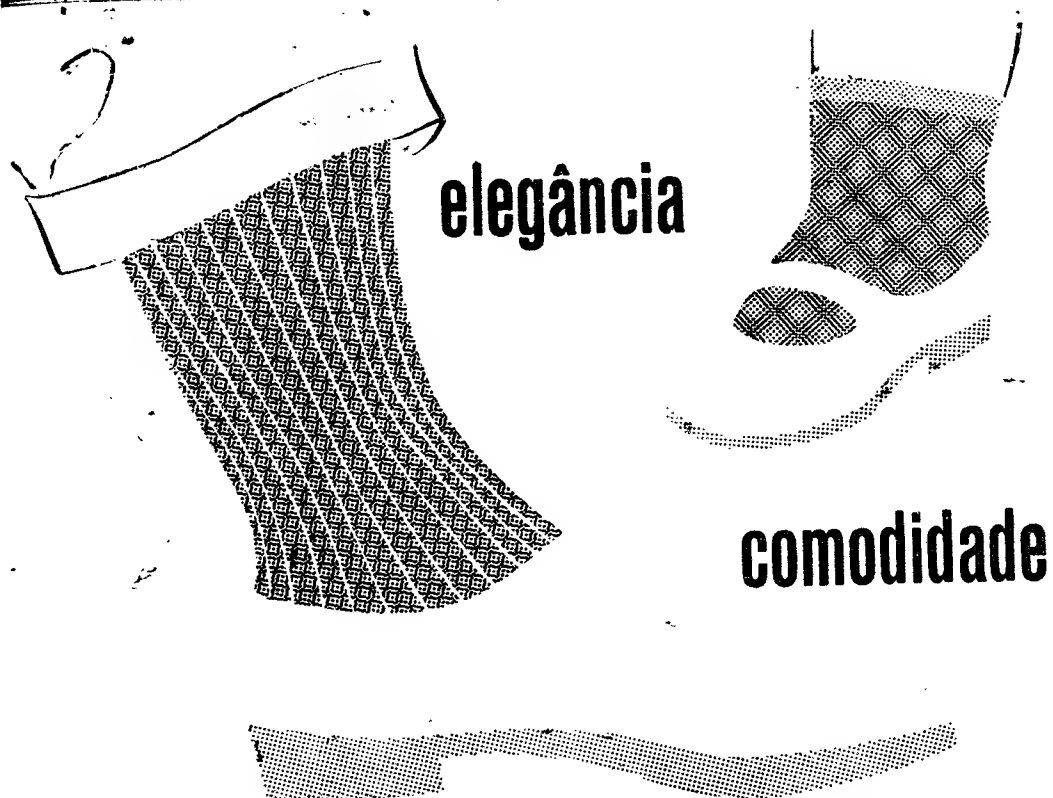
COMPANHIA DOS TELEFONES

LISTA TELEFÓNICA

A nova Lista Telefónica N.º 80 deverá começar a ser utilizada a partir das 0 horas do dia 4 do corrente, altura em que serão alterados cerca de 2.700 números telefónicos da Rede Urbana e os das Centrais Regionais de Seixal e Charneca da Caparica.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE, CONSULTE SEMPRE, A PARTIR DO DIA 4 E ANTES DE UTILIZAR O TELEFONE, A

LISTA 80



Extraordinária elasticidade, resistência fantástica, imunes à traça — estas são algumas das qualidades reunidas nas peúgas e meias fabricadas com o fio-espuma "HELANCA". As propriedades porosas do fio "HELANCA" garantem uma regulação de temperatura ideal: frescura no verão, calor no inverno. As meias e peúgas em que figure a etiqueta "HELANCA" acompanhando a marca do fabricante oferecem aderência e perfeição. Nunca descaem nem se amarrotam, e a pele respira livremente. As melhores marcas de fabrico usam "HELANCA". Por isso exija também e sempre a etiqueta "HELANCA".

© É a marca registada de Heberlein & C.º A. G. Watwill (Suíça) que concede a etiqueta designação de "HELANCA" somente a aqueles artigos confeccionados com este fio-espuma e segundo as suas próprias prescrições e normas de qualidade rigorosamente controladas.

FIO **Helanca**®

HAYAS-L

PEÚGAS E SOQUETES

PARA HOMEM E CRIANÇA
FABRICADOS COM FIO

Helanca

VEJA TAMBÉM AS NOVIDADES EM PEÚGAS DE Lã DE ADMIRÁVEIS PADRÕES!

C.D.

Grande peregrinação ao Santuário de Fátima, em Outubro

Visite Fátima por ocasião das cerimónias que se realizam em Outubro, aproveitando:

— os preços reduzidos que a C. P. concede nos bilhetes de ida e volta, os quais estarão à venda nas estações com validade para ida de 11 a 13 de Outubro e para regresso até às 24 horas do dia 14 do mesmo mês;

— a comodidade de ter assegurado, de 11 a 14 de Outubro, o seu transporte em autocarros entre a estação de Fátima (antiga Chão de Maças) ou Leiria e o Santuário pelo preço de 15\$00 por cada passageiro adulto e viagem de ida ou de volta. Este preço é reduzido a metade para crianças de idade igual ou superior a 4 e inferior a 10 anos.

Alguns exemplos de preços de bilhetes de ida e volta de várias procedências para a estação de Fátima (antiga Chão de Maças) e para a estação de Leiria.

	Ida e volta					
	FATIMA			LEIRIA		
	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe
Lisboa (Rossio) ...	—	—	—	83\$90	79\$70	58\$70
Lisboa (St. Apolónia) ...	83\$90	79\$70	58\$70	—	—	—
Santarém ...	36\$50	34\$70	25\$60	—	—	—
Coimbra ...	57\$70	54\$80	40\$40	53\$20	50\$50	37\$20
Figueira da Foz ...	58\$90	56\$00	41\$30	35\$90	34\$10	25\$10
Aveiro ...	92\$20	87\$60	64\$60	87\$10	82\$70	61\$00
Viseu ...	120\$40	114\$40	84\$30	115\$20	109\$50	80\$70
Guarda ...	165\$20	156\$90	115\$60	160\$70	152\$70	112\$50
Porto (São Bento) ...	134\$40	127\$70	94\$10	130\$00	123\$50	91\$00
Braga ...	170\$90	162\$40	119\$70	166\$40	158\$10	116\$50
Viana do Castelo ...	189\$50	180\$00	132\$70	185\$00	175\$80	129\$50
Chaves ...	265\$00	251\$80	185\$50	260\$50	247\$50	182\$40
Elvas ...	117\$80	111\$90	82\$50	—	—	—
Evora ...	130\$60	124\$10	91\$40	185\$00	175\$80	129\$50
Beja ...	154\$90	147\$20	108\$50	208\$70	198\$30	146\$10
Faro ...	274\$60	260\$90	192\$20	294\$40	279\$70	206\$10

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada à Sarrala
Ensopado de Enguias
Lampréia com arroz à moda da casa
Filetes à Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril à Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito à Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Em ALHOS VEDROS e PINHAL vendido por MANUEL DE SOUZA NOVO o "DIÁRIO DE LISBOA" e SA MELRO.

Um novo modelo

Scripto
M.R.
automático

BARATO

Scroll 150.

Jeltosa, não acha?

Bonita de aspecto
Boa na qualidade
Barata no preço

6,00

Finalmente SCRIPTO conseguiu reunir os 3 B numa esferográfica, que, por certo, lhe agradará:

— Carregue no botão: a ponteira de precisão é empurrada para fora e fica pronta para escrever muitos milhares de palavras que, graças à tinta especial Scripto, terão traços de cores vivas e bem legíveis.

Acabou de escrever?
— Carregue novamente no mesmo botão e a ponteira recolhe.

* reserva de tinta visível

* muitas lindas cores à sua escolha

* e é garantida por ...

Scripto
Marca registada

Representante em Portugal
(só para revenda)

ARTUR WESTHEIMER

Rua dos Correios, 123-2.º Dt.º — LISBOA-2

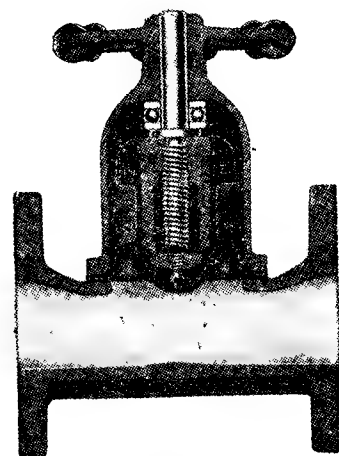
Ingersoll-Rand, Limitada



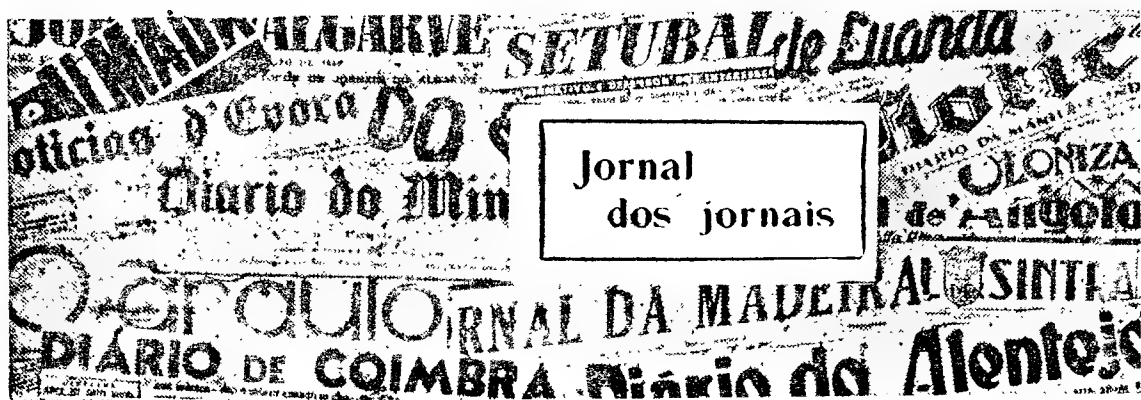
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS E DEPOSITARIOS DAS

VÁLVULAS «SAUNDERS»

PARA INSTALAÇÕES MARÍTIMAS E TERRESTRES APROPRIADAS PARA VACUUM, AR, AGUA, GAZES E TODOS OS LIQUIDOS CORROSIVOS, ACTUALMENTE EMPREGADAS PELA CONSTRUÇÃO NAVAL DE VARIOS PAISES, COM OS MELHORES RESULTADOS, EM NAVIOS DE GUERRA, PETROLEIROS, ETC. SÃO AINDA TAMBÉM USADAS NAS MODERNAS CONDUTAS DE FUEL-OIL, GASOLINA E PETRÓLEO.



LARGO DO CORPO SANTO, 28-2.º
TELS. 29671-23212 - TELEGRAMAS: «INGERSOLL»



Concorrência

à imprensa?

Desde o seu aparecimento — por necessária — a imprensa tem procurado e digamos, conseguido, ser uma força imparcial em que assenta a modelação de toda a doutrina social por que se regem os povos e o embolo impulsor das iniciativas que fomentam o progresso.

As condições de vida que para si própria criou, resultam da expansão e da publicidade que cada um dos elos dessa cadeia consegue e a chamada pequena imprensa, de expansão quase local e publicidade limitada, não sobra muito campo para tirar o magro rendimento que lhe permita um passado bem modesto.

Esbulharem-na dessas pequenas fontes de vida é cercar-lhe as possibilidades de continuar a sua necessária missão, que bem pode classificar-se de evangelizadora em muitos dos campos da vida actual.

Esta nossa suave crítica — que não deixa de ser uma honesta auto-apreciação — vem a propósito da concorrência que a imprensa, se está fazendo com a afixação, em massa, nas montas dos estabelecimentos comerciais, de cartazes anunciando tudo: quartos, casas, comensais, explicações, bórdados, malhas, etc., excluindo já aqueles que dizem respeito ao próprio estabelecimento que os afixa, que não escandalizam.

Nem sempre os comerciantes afixarão de boa vontade esses cartazes, mas terminam por aceder ao pedido do amigo, do cliente ou do simples conhecimento

de ocasião e a concorrência a uma das fontes de vida da imprensa, fica assim estabelecida, com todas as vantagens do lado oposto.

Ora a imprensa não costuma beliscar com os sagrados e honestos meios de vida seja de quem for, mas gostaria — porque isso é justo — que elementos estranhos às suas actividades, não interferissem nos seus parcos rendimentos com o estabelecimento de uma desleal e incómoda concorrência.

Sem acintes nem melindres este é o nosso ponto de vista que desejariamos ver respeitado.

(Notícias de Évora)

A passagem subterrânea em Setúbal

A Câmara deliberou aceitar uma proposta apresentada por Alfredo da Cunha Domingos para a abertura de dois furos, com sete metros de profundidade cada um, á distancia aproximada de cinco metros de cada lado da linha de caminho de ferro que atravessa a Praça de Quebedo, no enfiamento das Avenidas Cinco de Outubro e Engenheiro Duarte Pacheco, trabalho que se torna necessário para a conveniente elaboração do estudo tendente á construção da passagem subterrânea da referida linha.

(O Setubalense, de Setúbal)

O terceiro acidente será fatal...

Não querem — é a verdade — tomar providências a tempo, antes que se dê uma grande catástrofe. No fim, se ela se vier a dar — e os dois acidentes acontécidos na Rua Luís Simões, desta vila, são o pronúncio dessa possibilidade — ninguém se sente com responsabilidades, nem mesmo aqueles que têm na sua mão a facilidade de as poderem evitar.

Há meses anunciámos que foi com muita dificuldade que um motorista conseguiu segurar o carro a que rebentara uma câmara, na descida da Rua Luís Simões, descida íngreme, quase pino, sobre uma das plataformas da Estação do caminho de ferro. Agora, anunciaram-nos um novo desastre, ocorrido ainda não há um mês, bastante mais grave. Na descida daquela rua — quase a pino, repetimos, partiram-se os travões a um automóvel e este, desarvorado, foi de encontro ao gradeamento. Uma dupla felicidade evitou gravidade ao desastre: as horas mortas a que este se deu e a resistência do gradeamento. Não podemos contar sempre com essa felicidade, tanto mais que o gradeamento dificilmente resistirá a segundo embate.

A Câmara Municipal de Sintra compete o dever imediato de proibir a todos os veículos, pelo menos a descida daquela rua, colocando marcos ou sinalizando-a apropriadamente.

Mas o caso não é para delongas. De um terceiro desastre será ela a responsável moral.

(A Voz Académica, de Sintra)

Numismática

N.º 34 — «Diário de Lisboa»
Visitantes do Ultramar nas reuniões filatélico-numismáticas da F. N. A. T.

As reuniões filatélico-numismáticas da F. N. A. T. têm sido visitadas por mais de uma centena de coleccionadores, sendo alguns do Ultramar e do estrangeiro. Em 21-9-1959 registaram-se as presenças dos srs. Afonso Carlos Pinto Salgado, professor da Escola Comercial do Lobito; e José de Oliveira Martins, da mesma cidade — que tiveram conhecimento destas reuniões por intermédio das crónicas publicadas na imprensa.

As reuniões filatélico-numismáticas começam às 21 e 15 e terminam às 22 e 45, e destinam-se ao estudo e permuta de selos por selos e moedas por moedas, sendo a entrada livre e gratuita.

O numero médio de presenças em cada reunião tem variado entre 12 e 15.

Moedas de D. João V
(O Magnanimo — 1706-1750)

Filho de D. Pedro II e pai de D. José I

V réis-Cobre
(Escudo coroad)



(Gravuras do «Catálogo» de J. Ferraro Vaz — Lisboa)

Aviso de 10-6-1723.
Peso (aproximado): 6,7 gramas.
Diâmetro (aproximado): 30,5 milímetros.
Com serrilha.

Cotações de permuta nas reuniões da F. N. A. T.
(Não incluindo o valor do metal a peso)

Existem duas variedades: «diâmetro maior» e «diâmetro menor».

1.ª Variedade	Regu-	Diâmetro	Maior
Nove	lar	Boa	Rari-
datas	Má	lar	dade
1723	4\$90	7\$70	14\$00
1724	5\$40	9\$70	17\$50
1726	15\$00	27\$10	49\$00
1728	4\$20	7\$50	13\$50
1732	2\$50	4\$90	8\$80
1733	2\$70	4\$70	8\$40
1734	2\$50	4\$40	8\$00
1735	2\$40	4\$20	7\$60
1736	2\$20	4\$00	7\$20
2.ª Variedade	Regu-	Diâmetro	Menor
Seis	lar	Boa	Rari-
datas	Má	lar	dade
1737	4\$60	8\$10	14\$60
1738	2\$90	5\$10	9\$20
1742	5\$20	9\$40	17\$00
1743	5\$30	9\$50	16\$60
1744	8\$50	15\$40	28\$00
1745	6\$40	11\$60	21\$00

JOSÉ DA COSTA MOREIRA

A expressão

de Eisenhower

Na capa da «Time» anda a correr Mundo a reprodução de um retrato a óleo do presidente Eisenhower pelo pintor americano Andrew Wyeth. O que se nota de mais curioso nesse retrato é a sua seriedade e tristeza. Ao contrário de todos os seus antecessores, que procuraram dar de si uma visão amena — o sorridente e popular chefe de Estado perante o seu povo —, Andrew pintou um homem grave e cansado, um velho em cujo olhar profundo se lêem a experiência do Mundo e o peso das responsabilidades.

Agora, além do seu **LUX** branco...

escolha **LUX**
em cores

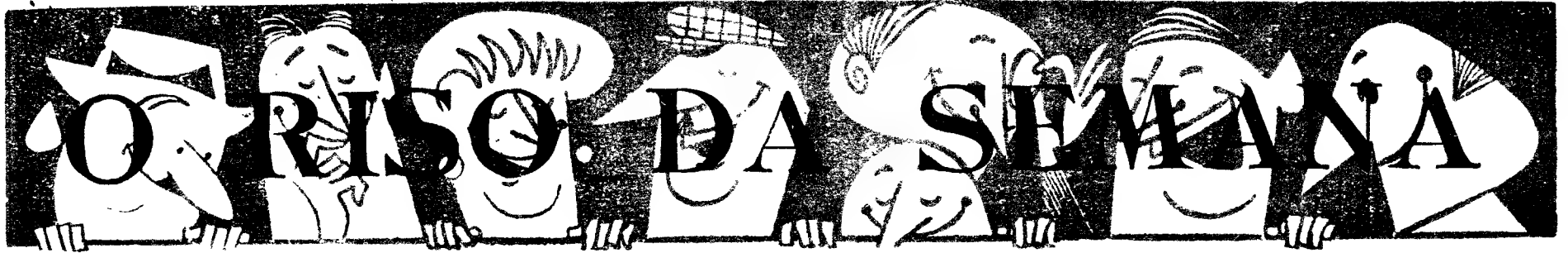


branco de sempre, azul, verde ou rosa

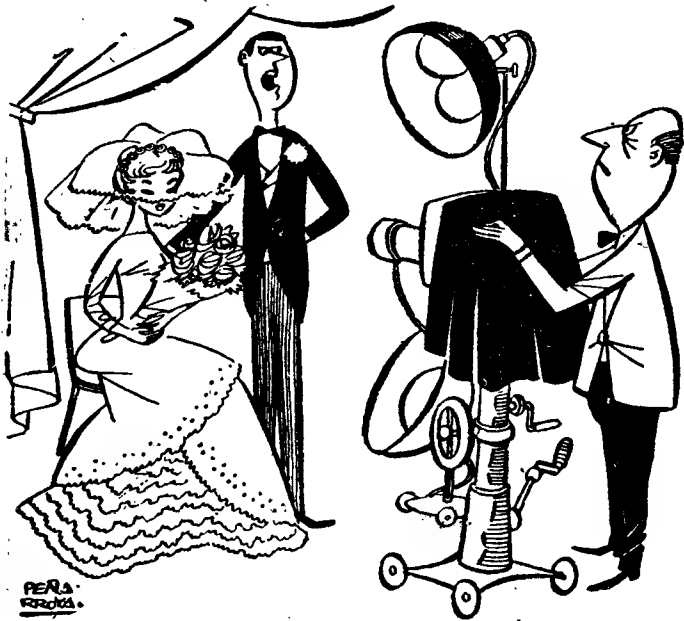
Além do seu Lux branco famoso, Você pode agora escolher o sabonete Lux na tonalidade que mais se harmoniza com o seu gosto e com a sua personalidade! A mesma pureza absoluta, a mesma espuma suave e purificante, o delicado perfume requintado do seu Lux branco são-lhe agora também oferecidos nestas tonalidades tão femininas de Lux azul, rosa ou verde. Escolha a sua cor de Lux e dê à sua pele o cuidado que ela necessita com a espuma suave e purificante de Lux. O sabonete Lux é para a sua pele um verdadeiro tratamento de beleza.

9 de cada 10 estrelas de cinema usam **LUX**





No fotógrafo



— Com o preço que leva pelo retrato ainda quer que a gente se ria?

DOIS BRINDES

Era um jantar de homenagem às duas grandes artistas do cinema italiano, Lollobrigida e Sofia Loren. Levantou-se um dos convivas, com a taça na mão:

— Bebo à saúde do belo sexo dos dois hemisférios.
E logo outro lhe seguiu o exemplo:

— E eu bebo à saúde dos dois hemisférios do belo sexo.

A graça do tufão «Gracie»

O tufão «Gracie», depois de causar enormes prejuízos, perdeu a sua violência.

(Dos jornais)

O tufão, «Gracie» chamado,
Como todos os tufões,
Em seguida a ter passado
Deixou tudo arrebatado
Em todas as direcções.

Eram campos devastados,
Galhos e vidros partidos,
Eram casas sem telhados
E danos avaliados
Nalguns contos bem medidos.

Só depois do mal passado,
Quando a desgraça avoluma,
É que foi verificado
Que o tufão, «Gracie» chamado
Não tinha graça nenhuma.

Mas não há que admirar
Se novo caso se der
Desde que seja vulgar
Os ciclones baptizar
Só com nomes de mulher.

Que isto dos ares e ventos,
Conforme alguns bons parceres,
Não podem ser elementos
Que nem por breves momentos
Se confiem a mulheres...

A. F.

Perguntar por perguntar Boa benfeitora

Um barco salva-vidas pode ir buscar um morto que anda a boiar?

Como é que se alivia um peso da consciência?

Quantas vezes a mãe canta com vontade de chorar?

Quando o céu da boca tem um abcesso que faz doer continua a chamar-se céu?

Um pato pode andar com galinha?

CINEMA

O cinema nacional é um granburaco a que falta tudo em volta.

Milionários

Dois milionários encontraram-se. Era a segunda vez. Já se tinham encontrado quando eram pobres. Disse um:

— E pensar eu que o conheci quando você só tinha uma camisa!...

— É verdade, disse o outro e você até me perguntou o que era aquilo...



— Tem troco de mil escudos?

Espião misterioso

SEGREDO

Rotterdam tinha sido ocupada pelos alemães e a vigilância era tremenda por parte dos invasores. Tudo era proibido aos holandeses: ninguém podia sair à noite; não era permitido ouvir emissões de rádio de países aliados nem ler jornais estrangeiros. As patrulhas percorriam permanentemente as ruas e aí de quem fosse apanhado fora de casa depois da hora de recolher. A cidade, por este processo, estava isolada do Mundo, sem saber o que se passava nas frentes de batalha porque a derrota começava a desenhar-se e era preciso que as populações tudo ignorassem.

Certa noite um holandês, morador numa rua onde por acaso ficava o consulado de Portugal, ansioso por notícias, ligou o seu aparelho de rádio e pôs-se a ouvir a B. C. muito baixinho, não fosse das vezes passar a patrulha e dar pela transgressão. Não estava porém, sossegado porque, apesar de ter as janelas bem calafetadas e todos os reposteiros e cortinas bem corridos, receava que lá fora se ouvisse qualquer coisa.

Pelo sim, pelo não, resolveu-se então a fazer uma experiência: veio à porta e, cautelosamente, através

da escuridão da noite, porque a iluminação pública estava sempre apagada, tratou de prescrever as trevas a ver se pressentia qualquer ruído, passos de cavalos, ou vozes de patrulha e, quando se convenceu de que perigo algum o ameaçava, foi agachar-se junto da sua janela, de ouvido encostado ao vidro, com prazer verificando que nada se ouvia. Mal tinha, porém, acabado de obter aquela tranquilizadora certeza, um violentíssimo pontapé se aplicou onde eles geralmente se aplicam, fê-lo rolar pelo chão, bastante magoado.

Levantou-se como pôde e, sem pinga de sangue, imaginando ver já no horizonte a sombra negra dos capacetes da Gestapo, correu para casa muito admirado de que o agressor lhe não tivesse deitado a mão e misteriosamente desaparecesse como por encanto.

Quando no dia seguinte pela manhã saiu de casa para ir à sua vida, o vizinho do lado chamou-o discretamente a um recanto da rua para o prevenir de que era grande imprudência ouvir as emissões da B. C., mesmo muito baixinho que fosse, porque a espionagem andava desenfreada, contando-lhe então que na noite passada, tendo chegado à porta da rua, surpreendera o malandro de um espião à escuta junto da sua janela, revelando-lhe confidencialmente que a sua indignação fora tão grande que, correndo todos os riscos, não tinha podido resistir à tentação de lhe aplicar um formidável pontapé que o fizesse rebolar no asfalto!...

Desvendado assim o mistério do desaparecimento do espião agressor o homenzinho não teve coragem de explicar ao sócio vizinho quem tinha sido o malandro do espião.

A. F.

— Ela disse-me para não dizer a ninguém — nem mesmo ao meu marido. Mas eu digo-lhe a si, Emília, porque sei que você não tem marido.

Morrer ao mesmo tempo

Amavam-se loucamente, apaixonadamente, mas como os pais, por questões de famílias, se opusessem ao enlace, resolveram suicidar-se ao mesmo tempo.

Mas como? De baixo de um comboio? Na baía de Cascais? Por meio de comprimidos de barbitúricos?

Estavam indecisos. Nestas coisas, porém, as mulheres têm sempre as melhores ideias

E assim foi ela que alvitrou: — Não tem nada que sabers, compra-se uma pistola e tu dás dois tiros num ouvido para eu aprender e em seguida eu faço o mesmo. Valeu?

— E se tu aprenderes?

O caixa do banco estava contando dinheiro para meter no cofre, quando um cano de revólver foi introduzido no «guilchet» e uma voz bradou: — Não se mexa, não fale, não grite e vá passando o dinheiro para cá.

Com a maior serenidade o caixa começou a entregar os pacotes de notas, ao mesmo tempo que premia com o pé o sinal de alarme que tinha sido instalado há oito dias.

Nisto tocou o telefone. Quando o caixa ia para atender, o assaltante impediu-o de o fazer e pegou ele no telefone.

Do outro lado gritou uma voz forte e muito irritada:

— É o caixa do banco? Você não sabe o que está fazendo!... Então ainda não percebeu que tem o pé em cima do botão que dá o alarme?... Tenha mais cuidado com isso!...

Incongruências dos vinhos

O vinho verde pode ser branco ou tinto. Esquisito...

O verde é o tinto de que mais gosto. Será possível?...

Quando o vinho sobe a gente desce. Oh! co'os diabos...

O vinho quer-se velho, mas quando um velho quer vinho, a gente censura-o. Não é um disparate?...

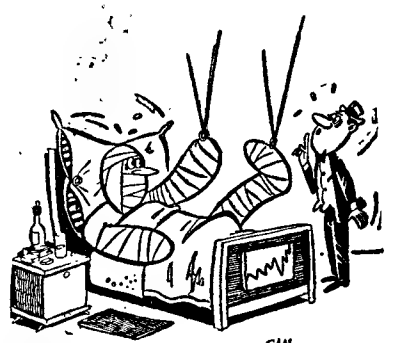
O bêbado que vomita é um porcalhão com bilhete de ida e volta. Então para que bebeu?...

Cantinho poético

Havia numa das aulas da Universidade de Coimbra, sobre a cátedra do lente, uma estátua de Minerva tendo numa das mãos uma grande esfera que representava o Mundo. Um dia apareceu colada na parede, junto da estátua, um papel que dizia assim:

Minerva, faz-nos a esmola, Se o pai dos deuses consente, Deixa cair essa bola, Sobre a cabeça do lente.

A valentia... dos outros



— O diabo foi teres-te deixado vencer tão facilmente...

Antigamente as mulheres usavam saias compridas e a gente passava ao pé delas de cabeça levantada.

Depois vieram as modas e tal o tal, as saias encolheram e a gente agora passa ao pé delas de cabeça baixa.

Que diabo terão as saias com a altura das cabeças?

Dois pecados juntos

Desobedecer é mau, mas há uma coisa pior que desobedecer: é fingir que se obedece, porque é desobedecer e mentir ao mesmo tempo.

Viagens aos mundos longínquos

por K. GULZINE

O MUNDO QUE NOS RODEIA

Os «planetas» que giram á roda do Sol são os principais membros da família solar. São corpos celestes arrefecidos, sólidos, muito mais pequenos do que o Sol, mas também mais móveis.

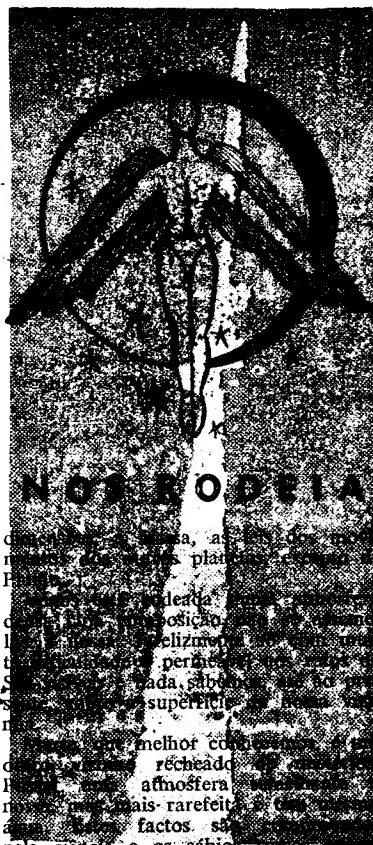
A «Terra» é um desses planetas. O que durante séculos e séculos se considerou o centro do universo não passa, portanto, de um vulgar planeta, um dos nove que constitui o sistema solar. Como a doutrina que considerava a Terra «centro do universo» fosse uma velha concepção religiosa, compreende-se com que encarnadamente se lutou e argumentou contra Copérnico, Galileu, Giordano Bruno e todos quantos negavam o carácter excepcional da Terra e do homem no Universo.

Quais são os mais próximos parentes da Terra, os planetas do sistema solar? «Mercúrio», o mais pequeno dentre eles, é também o mais próximo do Sol; depois, por ordem de afastamento, vem a brilhante «Venus», ainda mal conhecida dos sábios até há pouco, a nossa Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Plutão.

Relativamente ás suas próprias dimensões, as distâncias entre os planetas são enormes: desta forma o sistema solar parece um extensíssimo deserto no qual os planetas não são mais que simples grãos de areia. Imaginem que o Sol é uma grande bola de um metro de diâmetro. Ao pé desta, a Terra seria uma cereja de menos de um centímetro de diâmetro, distante dela 100 metros. Mercúrio seria uma ervilha de 3,5 mm. de diâmetro, longe da bola 40 m. e Venus uma cerejinha semelhante á Terra e apartada da mesma bola 77 m. Marte, um ? ? vermelha de cerca de 5 mm. de diâmetro, roda em torno da bola a uma distância de 160 m. O gigantesco Jupiter, uma avultada laranja de 10 cm. de diâmetro, encontrar-se-á a mais de meio quilómetro da bola e Saturno, outra laranja de 8,5 de diâmetro, a cerca de 1 Km. Urano, uma noz de 3,5 de diâmetro, faz a sua ronda a 2 Km. da bola. Mais de 3 Km. separam esta de Neptuno, noz um pouco maior. Plutão, finalmente, é uma ervilhaca cujo diâmetro pouco excede os 4 mm., gira mais de 4 Km. do Sol!

Muitas coisas já nós hoje sabemos a respeito dos planetas; nada é, porém, se as compararmos com aquilo que nós falta conhecer.

Sabe-se, por exemplo, que Mercúrio é quase por completo privado de atmosfera e que oferece sempre ao Sol a mesma face; Conhecemos igualmente as



A velha confissão III

P O R

FERNANDO T. RODRIGUES

Durante cerca de duas semanas não te vi. Sempre que então passava pelo teu lugar me lembrava de ti, sentia a tua falta, queria saber o que te acontecera, mas em vão: tu és uma pedinte cega e eu um solitário sem relações.

Um dia regressaste. Já não havia tanto frio, por vezes era o Sol que incomodava e tinhas calor.

Com o teu regresso encheu-se um vazio nos meus hábitos quotidianos.

VELHA: desejava imenso que fosses minha amiga. Tenho vontade de ajoelhar diante de ti e beijar as tuas mãos puras. Queria o conselho da tua experiência.

VELHA: sou tão louco como os outros, mas um grande vácuo me cerca e impede que eu os encontre.

VELHA: há cinco anos sentia-me tão só e tão triste como hoje. Quem me dera ouvir-te dizer-me que vale a pena esperar, que a vida é esperança (mesmo que quem não tem esperança não vive).

VELHA: sofreste muito: o teu rosto di-lo. Acreditas em Deus, sabes que Ele é bom. Queria tanto que me falasses dele; queria ter a certeza de que não o encontrarei com a fria razão, que só poderei esperar que Ele desça a mim até o sentir como sinto o meu eu.

VELHA: Não é certo que só pelo sofrimento chegarei á verdade e á felicidade? A voz compreensiva da tua experiência e o teu amor dar-me-iam alento para vencer todos os obstáculos que constituem a vida.

VELHA: que tristeza só ás vezes sentir a transcendência da minha vida. São relâmpagos fantásticamente luminosos no meu espírito obscuro. E são tão raros!

VELHA: o amanhã está condicionado por hoje e por ontem: e estes são tão fracos, tão hesitantes e tão estêreis!

VELHA: caminhemos sempre com a falta de qualquer coisa. A mim falta-me muito, até um mestre.

VELHA: olha para mim.

VELHA: ajuda-me.



TEMAS CINEMATOGRAFICOS

O CINEMA E A JUVENTUDE

REALIZAÇÃO

DE

RUI BARRETO

(16 ANOS)

Diariamente, milhões de espectadores, mergulhados na penumbra de inúmeras salas espalhadas pelo Mundo, assistem ao desenrolar das imagens mais diversas, conforme o género de filme que vai correndo entre os carretes do projector. Nessa multidão há uma boa quantidade de espectadores juvenis, na sua maioria rapazes entre os 14 e os 18 anos. No entanto, as razões que levam o jovem a frequentar o cinema são essencialmente diferentes das do adulto. Este procura, quase sempre, a evasão do extenuante dia a dia imposto pela civilização actual, o esquecimento dos problemas que pela sua aridez abafam o espírito dos que se sentem diminuídos pela mediocridade do ambiente em que labutam, para arranjar os meios de subsistência.

—Muito pelo contrário, o jovem quer encontrar no cinema o mundo dos adultos, as imagens da «verdadeira vida», que ele sente intensamente, identificando-se a um dos intérpretes do filme. O cinema é para ele uma fonte de emoções e paixões violentas que o verde dos anos lhe não permitiu ainda experimentar. A mesma identificação com o intérprete predilecto proporciona-lhe uma satisfação dos seus ideais «quixotescos» e sonhos heróicos.

Daqui, é inegável que o cinema exerce uma profunda influência no espírito da juventude, mais que a literatura e com certeza muito mais do que qualquer outra arte. Mas, se hoje em dia já ninguém se atreve a negar que o cinema é uma arte, é certo também que praticamente continua na categoria de divertimento tal e qual como a revista e o circo. Ora a culpa deste lamentável facto cabe em parte ao grande publico pois é para ele que os filmes são feitos, salvo raras excepções, e ainda mais aos financiadores dos estudos. As somas importantes por eles investidas na rodagem dum filme têm de voltar aos seus cofres bem multiplicadas, senão aí do realizador!

E se o publico aprecia filmes sem valor artístico ou humano é porque se habituou a encarar o cinema apenas como um passatempo. Portanto torna-se necessário que haja da parte da massa dos espectadores um esforço de compreensão, para que se eleve o nível do cinema; e parece-nos natural que esta mudança de atitude parte da juventude. Os adultos estão agarrados a uma série de preconceitos que não destroem porque no dizer dos próprios «tem

(Continua na ultima página)

O que pensam os jovens do nosso País

por ANTÓNIO DE GÓIS PEREIRA (16 ANOS)

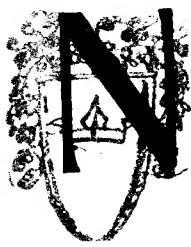
Já várias vezes pensei fazer um trabalho como o que fez o José Carlos, mas o meu «determinismo social», como lhe chama o Amigo, impele-me a não o fazer porque certamente adivinha que não tenho bases para isso. No entanto, quero apenas fazer uma pequena crítica (criticar não é dizer mal), ao trabalho de amigo citado e também dar algumas opiniões minhas. O trabalho do José Carlos assenta numa argumentação admirável para a sua idade. Sabe transmitir para o papel o que o cérebro lhe diz. Digo isto porque muitos jovens pensam uma coisa, vão para a escrever, e então tanto querem dizer que atropelam tudo.

Diz ele que o homem social é o que mais progride e assim é de facto. Notemos, por exemplo, o caso de um escritor: esse escritor pode fazer, ou melhor, escrever um trabalho ou livro, sozinho, mas depois terá de o entregar ao editor, e este, por sua vez, ao impressor. Portanto, esse livro não foi colaborado somente por uma pessoa, mas sim por três, pelo menos. Para se fazer um filme são necessárias muitas mais personagens. Além dos actores há os produtores e muitos mais.

Assim, o homem social é o que mais progride e se humaniza. O que seria se todos vivessemos separados? Contribuiríamos para a destruição da Terra. Não da Terra, o nosso planeta, mas da Natureza, o ambiente em que vivemos. A Ciência tem-se desenvolvido mercê da união do homem. Há a produção, e então essa produção comunica-se pela Humanidade contribuindo para o Progresso. O José Carlos diz que basta puxar de um isqueiro para acender o cigarro, mas esse isqueiro precisa, para fazer chama, de dois ajudantes: o combustível e a força que empregamos para o fazer acender. Um motor trabalha sozinho porque tem combustível ou é puxado por uma corrente eléctrica. Tudo se põe em mo-

(Continua na página central)

OS CAVALLEIROS DA TAVOLA REDONDA



NAQUELA primeira noite que passou na aldeia Lançarote foi informado em todas as miúdas circunstâncias, sobre a forma como o misterioso Cavaleiro fazia os seus assaltos. Surgia de noite, como por encanto, como se as entranhas da terra o cussem e aos seus companheiros: daí que o povo lhe puzesse o nome de «Cavaleiro do Diabo», pois só às artes do «Maligno» julgavam poder atribuir tão estranhas aparições. Em certas aldeias as mulheres tinham acabado por convencer os homens de que nada se podia fazer contra o demónio: e em ouvindo o tropel dos novos cavaleiros do Apocalipse, trancavam as portas, abrigavam os fi-

cia dos camponeses sustentarem a pés juntos (salvo pequenas excepções) que os misteriosos cavaleiros não passavam de Satanás e dos seus acólitos infernais. Qualquer desgraça lhes era atribuída: adoeceia, morria alguém e logo os bons dos camponeses se queixavam: «É obra do «Tinhoso»!». As mulheres consultavam as bruxas; um magote delas acabava por ir de caminho até a um convento que distava dali duas léguas bem contadas, a pedir protecção. Vieram os monges, em procissão, à aldeia, aspergiram água benta pelas cabanas, balancearam os turibulos cheios de incenso perfumado: mas o «Tinhoso» não se condoia nem receava tais argumentos e continuava a praticar desastres, entrando na casa deste e daquele para nela insuflar a doença e a dor. Até o gado adoeceia: vinha uma peste e as capoeiras eram escañoçadas até à última ave; e assim morriam também porcos e oves.

sados impostos aos nobres da região, verificara-se uma onda de assaltos que despejaram celeiros, adegas, estabulos e currais. Na hora em que os mordomos dos senhores descenderam as aldeias encontraram os pobres vilões de mãos vazias; vingaram-se levando, como servos, jovens de ambos os sexos que iam trabalhar à força para as propriedades dos fidalgos; e os que tinham geiras de terra ficaram sem elas, passando a trabalhar como rendeiros no que dantes fora seu.

nas crueldades apesar de sempre vos procurar defender?

— O senhor! — exclamou o mesmo jovem que lembrara a Hendrique que Lançarote precisava descansar. — Desculpai que vos diga: todos os nobres são assim salvo tantos quantos de dedos temos nós nas duas mãos — e estendia ambas, bem espalmadas na direcção do cavaleiro.

— Mas ele correu perigos para vos salvar dos assaltos dos desconhecidos...

não castigou os aldeões que lhe deviam tributo. Veio visitar o povo, fingiu estar zangado e recomendou que não lhe faltassem ao menos com um bom pipo de vinho e outro de aguardente, depois das vindimas. Mas que lhe sucede, afinal? Anda em caminho de ser tão pobre como nós e já hipotecou matas e boas geiras de sementeira a Hendrique e ao senhor de Bath.

Aqui e ali crepitaram pequenos comentários, uns em voz alta, outros apenas murmurados; os velhos, mais silenciosos, acenavam com a cabeça.

— Digam-me ainda outra coisa — inquiriu Lançarote: porque é que os demais fidalgos da região se desinteressam de vos defender dos malfeitores e só Hendrique tem a coragem cavalheiresca de vos auxiliar?

Várias vezes responderam ao mesmo tempo: e como as opiniões não condiziam houve um momento em que ninguém se entendeu. Finalmente um garantiu que o motivo era o medo:

— O medo, sim senhor — acentuou bem o lenhador Vamba. E' o medo, não tenhais duvida: os «Cavaleiros do Diabo» são mais rigorosos com eles do que com Hendrique. Não acreditam? Vejam lá se Hendrique já teve mortes entre os seus? Feridos e estropeados, sim; mas não mortos. Agora lembremo-nos de que até assassinaram Vitolve, o herdeiro do senhor de Bath.

— Isso, por tal sinal até foi um bem — interveio Gurth, o ferrador, desviando o caminho á conversa. Vocemêes bem se recordam que Vitolve e o primo, o cavaleiro Hendrique, eram mais inimigos de que Deus e o Diabo. Pois a morte de Vitolve trouxe a união ás duas famílias. Bem me lembra, como se agora fosse, quando o cavalo de Vitolve apareceu sem dono, naquela noite em que os saltadores haviam descido ás aldeias.

— Também eu me lembro — falou o pastor Ricardo. Quando Hendrique apareceu e lhe contaram da desgraça, ele correu pelos campos como doido, se calhar esporeado pelo remorso de o primo morrer sem se perdoarem mutuamente. Foi ele que o encontrou e o trouxe aos ombros. Metia dó: chorava como uma criança e depois andou semanas seguidas, rodeado dos seus melhores cavaleiros, a bater os campos, noite e dia, na esperança de apanhar algum dos «Cavaleiros do Diabo». Foi em vão, senhor! Nunca, até hoje, ninguém lhes conseguiu deitar mão.

— Pois deitá-lo-emos nós, amigos! — disse Lançarote, erguendo-se, pois era hora de dormir. Deitá-lo-emos tão certo como eu chamar-me Lançarote.

(continua)



Nesta altura da conversa fez-se um silêncio enorme em redor de Lançarote. As chamas da lareira tornaram-se mais visíveis aos olhos de todos. Depois Lançarote perguntou:

— Mesmo Hendrique, desceu a es-

Quando toca a hora de receber os impostos nenhum é melhor do que o vizinho.

— Gaias — recordou um velho de olhos piscos — Talvés esse tenha o coração mais macio.

— Esse — replicou o jovem — esse

Pois deitá-lo-emos nós

lhos no seio e ficavam-se a escutar o coração, que batia mais alto do que as patas dos cavalos.

E o mais estranho é que pareciam rir-se dos fidalgos das redondezas — Hendrique, seu tio e fidalgo inimigo, o senhor de Bath. Parcival de Perth, dono do castelo mais distante, e o gordo cavaleiro Gaias, bonacheirão que apreciava muito mais a boa mesa e a dança do que a guerra e os torneios. Era contra eles que as suas espadas se faziam mais agudas; ao povo, o que pretendiam era roubar as colheitas ou o gado e procuravam não causar mortes. Um a um os fidalgos foram desistindo, até porque o inimigo os combatia de forma singular: surgiam, de subito, invisíveis e só tomavam forma de gente quando apareciam a seu lado; jamais fidalgo algum os vira carregar de longe, com a lança em riste, ou de espada rasgada; nunca nenhum ouvira o tropel dos seus cavalos a aproximar-se; só se lembravam de ter ouvido esse tropel ao afastarem-se, após haverem produzido a confusão ou a morte. Podia compreender-se mistério mais cerrado?

O terror ensombrava os campos: não porque as searas aparecessem a arder e houvessem crimes de morte praticados pelos desconhecidos; dava-se até o caso de serem menos os ataques ás colheitas e aos gados quando nenhum dos fidalgos da região estava de atalaia com os seus homens de armas, pronto a defender as aldeias: o medo era a consequên-

cias e vacas: uma praga! Havia quem acrescentasse a tudo isto a certeza de que o mundo ia acabar...

Hendrique acabara por acudir em socorro das aldeias apenas com dois dos seus homens mais agueridos; desta sorte evitava as baixas que nos dois primeiros recontros sofrera. «Três contra três, como todos leais cavaleiros — dizia — embora nossos adversários não o sejam». Uma vez ainda conseguira lançar mão a um dos assaltantes, que, por fim, se esgueirara entre os seus dedos de ferro, deixando ficar um manto sujo e esburacado.

Este manto viera deitar por terra os argumentos dos que persistiam em crer que não se tratava do diabo. Bastava observar que os buracos eram feitos pelo fogo e todo o manto tresandava a enxofre. Quem é que cheira a enxofre senão o diabo? — perguntavam as mulheres, certas da sua vitória.

Logo na semana seguinte aquele em que um dos inimigos havia perdido a capa, Hendrique ficara bastante magoado, ao cair do cavalo, quando fugia à frente de três atacantes. Por um tempo desistira de fazer frente aos misteriosos ladrões: e como sempre sucedia que os nobres deixavam de fazer frente aos desconhecidos, os roubos tornaram-se mais espaçados. Chegara a dar-se um caso extraordinário: durante seis meses seguidos não houvera qualquer ataque; entretanto, passadas as colheitas, e próxima a altura dos camponeses pagarem os seus pe-

gicos «Teddy-boys», tinham o aspecto de dois «gatos pingados» que vestiram as calças dos irmãos mais novos. Parece que o caso não foi nada favorecido quando uma menina que andava á pesca submarina espetou o arpão na camisa do Pedro e gritou: «Apanhei um tubarão!», e mesmo depois de trazidos para terra, insistiu em que eram tubarões.

Pedro, seco e muito encolhido, disse depois ao companheiro «gato-pingado»: nunca ouviste aquele provérbio francês que diz «Il faut souffrir pour être belle»? O João acenou que sim com a cabeça e Pedro acrescentou: «Bem, eu acho que devíamos dizer: Il faut souffrir pour être Teddy-boy. E penso que Il faut souffrir tanto pour être que não vale nada a pena tentar être».

O começar das aulas

Dentro em breve vai iniciar-se um novo ano lectivo, um novo ano de trabalho em que todos os jovens necessitam de ser ajudados na sua tarefa.

Aos jovens do 2.º ciclo e aos do 3.º que tenha a cadeira de História, recomendamos, mais uma vez, a melhor colecção, no género, que se publica em Portugal:

A Vida Quotidiana

Que já publicou 6 volumes relativos a

GRÉCIA NO TEMPO DE HOMERO
EGIPTO NO TEMPO DOS FARAÓS
CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL
FRANÇA NO TEMPO DE JOANA D'ARCO

e aos Aztecas e aos Incas.

SAO EDIÇÕES:

LIVROS DO BRASIL

IL FAUT SOUFFRIR POUR

ÊTRE BELLE

POR LOUISE
BRIAR
RUSSELL

TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS PARA
AQUELES QUE NÃO SABEM FRANCÊS

DOIS GATOS (PERDÃO)

TEDDY-BOYS PINGADOS

Il faut Souffrir Pour Être Belle (Tradução em português para aqueles que não sabem francês): «Dois gatos (perdão) Teddy-boys pingados».

Por L. B. RUSSELL

amigo 593

Pedro e João eram amigos. Ambos eram estudantes e ambos estavam em férias. Gostavam imenso dos filmes «Gangster» e «Rock and Roll» e os seus heróis eram aqueles indivíduos que têm o descaramento e a pouca vergonha de se dizerem «Teddy-boys» (pois, meu caro leitor, isso mesmo, eu também gostaria de dizer isso, mas tenho receio de que a censura não gostasse de ouvir uma palavra tão feia). Para resumir a narrativa, Pedro e João queriam ser «Teddy-boys», mas como eram dois pati-

fes, não se lembraram de ir tirar o curso sobre a arte de ser «Teddy-boys»; não senhor, insistiram em aprender em casa. O resultado foi, como podem calcular, D-E-S-A-S-T-R-O-S-O! Quando eles apareceram pela primeira vez em público, com umas patilhas coladas, foi um gozo e tudo o vento/levou. Tristes por essa falha no estratagemas, mas sempre persistentes, quiseram vencer o Mundo com espadas figurativas nas mãos. Tenho pena, mas as espadas figurativas não servem para muito em mãos sem experiência, e quando depois de comprarem umas calças de ganga muito apertadinhas, foram tomar um banho forçado na água muito salgada do mar. (O Pedro diz que a culpa foi do João, que empurrou o barco quando ia a entrar, perdeu o equilíbrio e caiu segurado pelo Pedro que segurava a âncora). Quando secos, descobriram o terrível acto: as calças tinham encolhido, e em vez de parecerem uns autên-

Soluções dos Concursos do número anterior

GIGANTES DE PORTUGAL: FERNÃO DE MAGALHÃES
QUAL É A COISA, QUAL É ELA? — A CABAÇA

1. — Amigo n.º 433 — Maria Virginia Cordeiro (Lisboa).
2. — Amigo 1138 — Maria José da Conceição Filipe (Sintra).
3. — Amigo n.º 635 — Maria Teresa de Oliveira Lemos (Lisboa).
4. — Amigo 1632 — Maria Eugénia Pinto dos Santos (Figueira da Foz).
5. — Amigo -949 — António Degois Pereira (Lisboa).
6. — Amigo 1709 — Maria Carolina de Almeida (Mirandela).
7. — Amigo 1715 — Afonso de Azevedo (Porto).

8. — Amigo 1280 — Maria Lucília Fazenda (Amadora).

1 e 2. — «O POTRO VERME-LHO», da colecção. Miniatura, Livros do Brasil.

3 a 6. — «UMA NEGRINHA A PROCURA DE DEUS», da colecção. Miniatura, Livros do Brasil.

7. — «A VELHA CASA SOM-BRIA», da colecção. Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

8. — «ADELINE VENICIAN», da colecção. Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

PRÊMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE FERNÃO DE MAGALHÃES

9. — Amigo n.º 1708 — Mário António Vieira de Carvalho (Figueira da Foz).

9. — «UM LUGAR AO SOL», por Erico Veríssimo. «O ESTRAN-GEIRO», da Col. MINIATURA. São ambos os livros de LIVROS DO BRASIL, LDA.

Prémio para o trabalho mais votado no n.º 123:

Maria José Vieira Lisboa (é favor indicar morada): «O MOINHO A' BEIRA DO RIO», da Portuguesa Editora.

Prémio para o trabalho mais votado no n.º 124:

Carlos Campino e Maria Helena da Cunha Rato (Lisboa): «O VELHO E O MAR», «UMA NEGRINHA A' PROCURA DE DEUS», «O LOBO E O CORDEIRO» e «TOMAZ, O IMPOSTOR», todos da Col. Miniatura, de Livros do Brasil, Lda.

NOTA: — Todos os prémios devem ser levantados na Avenida de Roma, 78, 2.º. esq., em Lisboa, cinco dias após a sua publicação. Os livros que não sejam levantados no prazo de um mês, reverterão para novos premiados. Os livros destinados á provincia, seguirão pelo correio.



uns com os outros — eis um desejo que terá natural satisfação nestas sessões de cinema, em que todos se encontrarão, e poderão conviver.

2

MAC SORRIS ALTIOS
AGE TIDY BOYS

«Juvenil», que há meses debateu, em animada discussão dos seus amigos, o problema dos «Teddy-boys», não pode ficar alheio aos acontecimentos que a Imprensa diária do País tem relatado. Muitas cartas temos recebido dos nossos jovens leitores, acerca do assunto. Alguns protestam que a juventude não é constituída por umas dúzias de meninos abastados e desencaminhados. Claro que não é. Sabem-no bem todos quantos tornaram possível esta grande realização do «Juvenil» — um jornal de cultura e recreio, em grande parte colaborado pelos seus leitores. Sabem-no também os que assistem ao trabalho de milhares de jovens camponeses, operários, empregados no comércio e estudantes. Mas o problema dos «Teddy-boys» nem por isso deixa de ter importância, deixa de preocupar. Colaborando com todas as medidas tendentes a solucionar a questão, os nossos amigos, nos locais de emprego, nos liceus ou universidades, devem manifestar-se abertamente contra a actividade dos «Teddy-boys».

A nossa amiga n.º 593 — Louise Briar Russell, conta-nos:

Sabe que outro dia, em pleno Estoril, três estupidos «Teddy-boys» meteram-se comigo e eu, que tenho mau génio, vi-me para eles e disse-lhes algumas e eles ficaram pasmados e exclamaram:

— Não pode ser! Isso não esperava eu!

E foram-se embora.

Envio-lhe este artigo sobre os «Teddy-boys» E' uma espécie de «necrologia».

E nós vamos publicá-lo. Entretanto daremos um prémio especial de QUATRO LIVROS ao melhor artigo que nos for enviado pelos nossos jovens amigos, de análise e crítica ao problema dos «Teddy-boys». Os melhores artigos da semana (durante quatro semanas) serão publicados; o mais votado pelos nossos leitores, receberá o referido prémio. Se recebermos os primeiros artigos até ao dia 2 de Outubro, já no suplemento de sábado, 10, publicaremos o melhor artigo. Atenção, portanto, Amigos!

3

ARTIGOS PREFERIDOS

Reportagens juvenis ...	225 votos
Cancão do Bicho do Mato	192 »
Do Campo para cidade	170 »
Cavaleiros da Távola Redonda	153 »
Animais esses desconhecidos	153 »
Confissão	138 »
O que pensam os jovens	92 »
E' errado separar o que está unido	91 »

DIARIO DE BORDO

Amigo 1708 — António Pinto (Figueira de Caívalho): é favor indicar o nome do livro, se o não receberes esta semana. Todos os livros seguiram, é possível que seja apenas de agora no correio.

Amigo 1639 — Eduardo Colares (Lisboa): A tua ideia é de ponderar. Obrigado por ela, apenas as razões ou a razão é sempre a mesma: falta de espaço e tempo, duas coisas muito importantes para nós... e para vocês também.

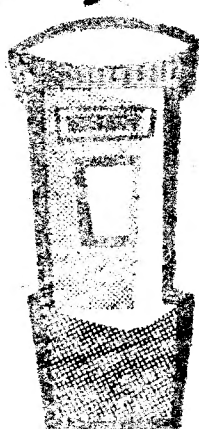
Amigo 775 — Maria Teresa Romano Ventura (Lisboa): Achei ótima a ideia do artigo, se por acaso for susceptível de publicação. Compreendes que o assunto quer cuidado e boa exposição.

Amigo 126 — Nelson de Melo e Almeida (Amadora): Pois que! estás tão perto e não podes aqui? Sabes que por norma, o que os pedes é impossível, pois os amigos próximos devem identificar-se. O que não quer dizer que não possam aparecer. Qualquer pessoa que venha a Lisboa pode trazer o teu cartão de identidade e o livro. E' tão fácil, afinal!

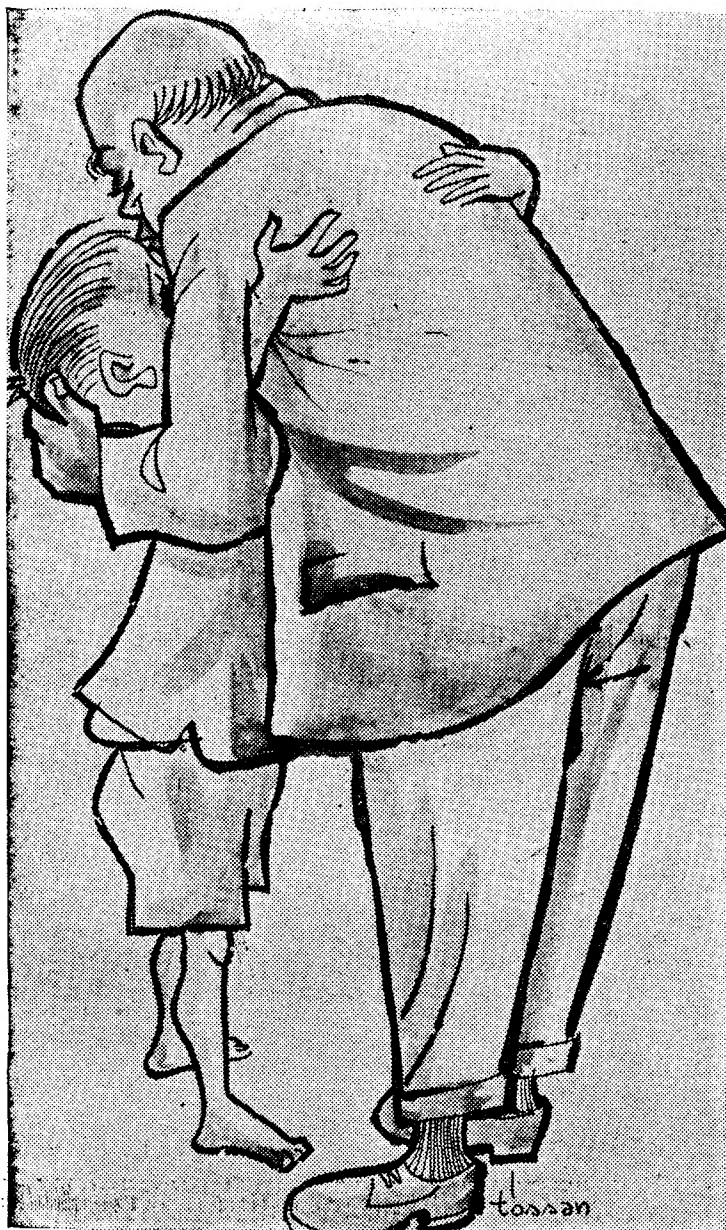
Amigo 1336 — João Aníbal Teixeira (Olhão): o livro seguiu no dia 23 deste mês. Manda dizer-lhe que o recebas, sim?

Amigo 1547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra): os livros vão seguir.

Amigo Carlos Santos Vasques (Setúbal): Ficaste registado com o n.º 1732. A opesia não pode ser publicada; mas manda mais colaboração para nos pronunciarmos sobre as possibilidades que pareces possuir.



O SENHOR DA CARA FEIA



por MARIA JOSE LENCASTA:
(13 ANOS)

Era uma vez um senhor que tinha uma cara feia. Ele tinha muita pena de outra coisa: é que quando ele saía todos os meninos e meninas maus se punham a gritar: «Ah! que cara tão feia que tem aquele senhor!». E fugiam dele. O senhor feio tinha muita pena porque gostava muito de meninos e de meninas. As vezes ele tinha vontade de dar um beijo num menino pequenino mas o menino punha-se a chorar e dizia: «Que feio é aquele senhor». E o senhor feio tinha muita pena...

Um dia o senhor feio foi sair à rua. E andou, andou, até que passou por uma casa muito pobre à porta da qual estava um menino a chorar. E o menino era muito pequenino. E o senhor da cara feia mas que tinha uma voz muito doce chegou ao pé do menino e perguntou-lhe:

— O menino, porque é que estás a chorar?

E o menino respondeu a chorar com mais força:

— O senhor, eu vendia pinhões e hoje perdi o dinheiro dos pinhões e o meu pai vai bater-me.

E o menino continuou a chorar. Então o senhor da cara feia disse:

— Vá, não chores mais, eu dou-te o dinheiro dos pinhões.

E o menino deixou de chorar e olhou para o senhor feio. E o senhor feio julgou que o menino ia fugir por ver que ele tão feio. Mas o menino não fugiu. Pôs-se de pé e passou os braços à volta do pescoço do senhor da cara feia e depois deu-lhe um beijinho.

E o senhor feio que desde que a sua mãe morrera nunca mais tivera um beijinho sentiu que uma lágrima lhe vinha a rebolar, a rebolar pela cara abaixo e que caía nos cabelos loiros do menino onde ficava a brilhar.

O que pensam os jovens do nosso País

(Continuação da 1.ª página)

vimento, mas é preciso que uma força actue sobre o que se quer fazer mexer. O homem pré-histórico para fazer o que precisava, teve de arranjar ferramenta que lhe permitisse ajudá-lo. Os seus toscos machados foram-se aperfeiçoando até ficarem tal como os conhecemos. Os inventos expandem-se, e por eles o progresso vai-se formando cada vez melhor. A comunicação é-nos dada desde início, pelos pais, e depois pelos professores. Eles enviam-nos o que lhes ensinaram e nós ensinaremos a próxima geração. Mas isso, cada vez se aperfeiçoa mais, até atingir um nível superior. O José Carlos diz que a Produção e a Comunicação se completam uma à outra, mas a Produção pode ser exercida sem que a Comunicação sobressaia. Se pegarmos num pedaço de sabão seco e esfregarmos com ele as mãos, veremos que nada resultou, mas se molharmos o sabão ou as mãos e voltarmos a esfregar, veremos que aparece uma espuma. Essa espuma estava contida no pedaço de sabão, mas para se ver foi necessária qualquer outra substância. Aqui não foi a comunicação que se exerceu, mas a vontade da química. Essa química também se foi gerando até atingir o esplendor que tem. Produção e Comunicação são, apesar de tudo, dois contribuintes para o Progresso. Qualquer de nós pode produzir qualquer coisa. Basta para isso, tomarmos com as mãos um objecto qualquer, examiná-lo e ver se pode ser feito de outra maneira. Mas praticamente essa produção não se pode chamar produção visto ser copiada por outra. Temos, assim, que a produção só pode ser exercida uma vez sobre o mesmo assunto, pois a repetição não é verdadeira produção. Quando uma produção se faz, às vezes não há comunicação e por isso também não há progresso. E porque? Porque a produção fica esquecida e ninguém lhe dá importância. Por isso cai em desuso até se exterminar.

A educação intencional de que o amigo José Carlos fala, não é exercida como nós pensamos. Os professores, os mestres e outros, ensinam porque é esse o seu serviço. Nesta caso chamemo-lhe «Educação verbal». Quanto à educação casual o José Carlos Moraes diz, e eu acredito, que é a que lidamos pela vida fora.

Mas, com todos sabemos, há vários tipos de sujeitos e várias educações. Pode haver uma pessoa com bastante educação disciplinar e ter um filho que seja um autêntico «Teddy-boy»! Assim, a tal comunicação não dá efeito e, portanto, não houve nenhum progresso, antes pelo contrário. Por aqui se nota que a Produção com a Comunicação, às vezes não é Progresso. Para terminar, quero dizer que achei o trabalho do amigo José Carlos muito bom, tanto literariamente como pelo conteúdo. E' provável que alguns deslizes surjam no meio das frases, mas creio que muito se aprende, mas creio que o autor tem fortes bases e bastante bagagem para tratar de problemas.

Não esqueçamos, porém, que a Produção e Comunicação contribuem para o Progresso, mas há casos, como narrei, em que isso não se verifica. Tratemos de esclarecer o assunto, fazendo trabalhos deste género, para publicar, e assim teremos uma Juventude que gosta de tratar com problemas que lhe interessam, contribuindo, de facto, para o autêntico Progresso.

AMIGO N.º 1494

Eis mais uma adivinha que transcrevemos do livro de Fernando Pires de Lima, Qual é a coisa, qual é ela?, e publicado pela Portugal Editora:

**Sempre quietas,
Sempre agitadas;
Dormindo de dia,
De noite acordadas.**

Prazo de entrega das respostas: 9 de Outubro, sexta-feira. Serão excluídas as que não trouxerem o nome completo, morada, data de nascimento dos concorrentes, número de ficheiro (caso já o possuam) e a indicação dos três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil» desta semana.

Viagens aos mundos longínquos

(Continuação da 1.ª página)

clipses das suas órbitas são tão oblongas que, em certos cometas, a translação pode durar dezenas de milhar de «anos terrestres». Aqui está a razão porque se chama, por vezes, aos cometas os vagabundos do Universo.

Há, enfim, um incontável exército de pedras celestes — os meteoritos, restos de grandes astros ahiquilados e que sulcam o espaço em todas as direcções.

Agora sim, parece que temos tudo. Mais tarde poderemos também distinguir, no sistema solar, corpos celestes artificiais, criados pelo homem, astronautas e satélites artificiais da Terra.

Este livro conta como os homens se prepararam para executar o salto no espaço infinito, que extraordinárias dificuldades são necessárias vencer e que maravilhosas perspectivas abre a realização dos voos interplanetários.

Erratas gloriosas: publicado apenas em 1958, este livro já nos permite a profunda alegria de nele escrevermos as seguintes erratas: já agora se distinguem no sistema solar, satélites artificiais, criados pelo homem; já também se atingiu a Lua! — (N. R. do «Juvenil»).

poesias

GIGANTES

JORGE RODRIGUES (14 anos)

DE

PORTUGAL

TEU BRAÇO

MOS
S UNIDOS



SAS MÁQUINAS
DERMOS
OS DE NOVO
OMBA BRANCA

II

TARAM-TE
O
QUINAS

DUDE

ES DOS HOMENS
RESSEM
AM A CONSTRUIR-SE
AS SIMETRIAS
OS MORTOS
STRANGULEI

ES
LIMITAM
ES NASCERAM...

A A SONHAR...

MEM
SO RENEGAR-ME

Dirigente da chamada **Revolução de Setembro**, português insigne que desde a juventude (com seu irmão José) conheceu as agruras do exílio e as mais extremas privações por amor da liberdade e da grandeza da sua pátria — a mocidade deu-lhe muito. Data, com efeito, da época em que dirigiu os destinos do País (como resultado da Revolução de Setembro (9 de Setembro de 1836) uma reforma do ensino. Certamente por tal motivo, um dos grandes liceus de Lisboa tem o seu nome.

As respostas devem estar no **Juvenil** até à próxima sexta-feira, dia 9 de Outubro. Serão excluídas todas aquelas em que faltar o nome completo, data do nascimento e morada dos concorrentes, o numero de ficheiro (caso já o possuam) e finalmente a menção dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana.

Além dos prêmios habituais haverá outro, especial, para o melhor trabalho sobre o grande português que hoje homenageamos.



Não é verdade que o homem evolui?

Fazemos hoje dois curtos comentários às críticas feitas pelo amigo n.º 1.730, João Castelo Branco Gonçalves («Acresca da Técnica e da Liberdade»); e pelo amigo n.º 1.494, António Degóis Pereira (publicado neste numero) ao trabalho de José Carlos Tonga de Moraes «Produção + Comunicação = Progresso».

O Castelo Branco Gonçalves concordou, no essencial, com o conteúdo do depoimento do seu colega; a sua objecção fundamental diz respeito aos limites da técnica como agente de progresso. Por isso prefere não considerar a técnica como «agente libertador do Homem», mas apenas como «grande aproximador da liberdade». O nosso amigo tem razão quando considera que uma nova técnica pode ser libertadora ou não consoante o «uso social» que dela se fizer. Mas não podemos isolar um fenómeno do seu contexto real, do bloco de fenómenos de que faz parte. Quando estudar mais a fundo a empolgante «História das Técnicas», o Castelo Branco Gonçalves há-de verificar que novas técnicas desencadeiam, novas forças sociais, há-de observar que as técnicas também são agentes determinadores da evolução humana; e que as técnicas agem sobre os homens (política, social, económica e espiritualmente) e que estes, por sua vez, agem sobre eles (desenvolvendo-as, por exemplo).

Mais uma vez (como no caso de Armando Hasse Ferreira) o que se me afigura importante notar são métodos de trabalho, métodos de raciocínio. Mais uma vez aqui: «é errado separar o que está unido».

Depois disto desejo chamar a atenção do nosso amigo Castelo Branco Gonçalves para a sua afirmação de que «descreve que a técnica possa modificar radicalmente a natureza humana (...)». O homem continuará sempre preso às suas paixões, aos seus desejos, às suas tendências.

Ora será isto verdade? Não só o homem evoluiu organicamente durante milhares de anos como está sempre, embora lentamente, a evoluir «mental, social e moralmente»: o escravagista e o escravo grego não eram a mesma entidade moral, social e mental que vamos encontrar no senhor e no servo medieval. (Um exemplo apenas).

Quanto ao «Admirável Mundo Novo», do Huxley, trata-se de uma sátira a uma possível evolução do capitalismo anti-humanista, em cujo centro não está o homem, mas «a destruição do homem». Contra esta se ergue o nosso amigo, com o que muito nos congratulamos; e da mesma forma sucedeu com o Armando Delfim Hasse Ferreira e com o José Carlos de Moraes. Eis uma excelente comunhão de ideias, muito mais importante que as divergências parciais que entre eles surgiu.

O António Degóis Pereira merece ser apontado muito especialmente

por uma circunstancia notável: é um jovem de 16 anos que só possui a instrução primária; que teve de se empregar numa loja e que vitoriosamente luta para dominar os obstáculos que não lhe permitiram ser um «estudante-sem-outra».

«actividade-a-não-ser-o-estudante». Se o «Juvenil» alguma coisa o auxiliou — sentiremos muita alegria. Que o venha a ajudar mais, é o nosso dever, de nós todos: directores, colaboradores e simples leitores do «Juvenil».

DESENHO DE VÍTOR NEVES FERREIRA

(17. ANO)



Temas cinematográficos

(Continuação da 1.ª página)

mais em que pensar». Felizmente há excepções à regra.

No estado actual da industria cinematográfica, devemos começar por escolher conscienciosamente os filmes, ouvindo a opinião de pessoas entendidas e lendo as críticas nalgumas boas revistas da especialidade, que infelizmente não existem entre nós, não o que vem sobre eles nos jornais de anúncios. E depois da sessão pensar um pouco no que vimos comparar o filme a outros já vistos, analisá-lo, etc. para que fiquemos com uma certa noção do seu valor. Deste modo o filme deixará em nós um rasto dos problemas equacionados pelo seu autor — o realizador, das soluções por ele apresentadas, além

da emoção estética que toda a obra de arte suscita.

O cinema, arte nova, mas que nos é tão familiar, já que em pouco tempo se insinuou na nossa vida, comércio espantoso em que se jogam milhões, merece a nossa compreensão, para que possa evoluir, não na parte técnica em que progride a olhos vistos, mas sobretudo no sentido de constituir uma escola de aperfeiçoamento espiritual, atingindo cada vez mais a sua verdadeira finalidade.

AMIGO N.º 1731

ATENÇÃO: Na próxima semana; — impressões do filme, que, de Paris, nos envia o nosso amigo n.º 1666 — Eduardo do Prado Coelho.